

# ILUSTRAÇÃO



SANTA CATARINA

*(Quadro atribuído ao pintor português Carvalho)*

A obra mais luxuosa e artística  
dos últimos tempos em Portugal

Saiu o tomo 36 completando o 3.º e último volume  
da monumental

# HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção  
de

**Albino Forjaz de Sampaio**

da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUEZA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em magnífico papel couché os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a cores e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, selos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-similes de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a cores fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a cores e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fóra do texto e 576 dentro o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUEZA ILUSTRADA, é escrita pelas **mais eminentes figuras da especialidade**, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Camões, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Pavo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Oneiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada tomo de 32 páginas 10\$00

**AINDA SE ACEITAM ASSINATURAS  
DURANTE ALGUMAS SEMANAS**

Cada volume, encadernado em percalina 160\$00

” ” ” ” carneira 190\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

# OBRAS DE JÚLIO DANTAS

## PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
— (1.ª edição), 1 vol. br. ....	15\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br. ....	12\$00
AO OUVIDO DE M. <sup>me</sup> X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br. ....	9\$00
ARTE DE AMAR — (2.ª ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. ....	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br. ....	1\$50
ELES E ELAS — (4.ª ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br. ....	12\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. ....	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 volume Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br. ....	9\$00
HEROISMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br. ....	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
PATRIA PORTUGUEZA — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. ....	10\$00
UNIDADE DA LINGUA PORTUGUEZA — (Conferência), 1 fol. ....	1\$50
ALTA RODA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	10\$00

## POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br. ....	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br. ....	4\$00

## TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. ....	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br. ....	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br. ....	3\$00
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.ª edição), 1 vol. br. ....	3\$00
D. JOÃO TENORIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. ....	2\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br. ....	3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br. ....	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. ....	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br. ....	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br. ....	2\$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br. ....	9\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. ....	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br. ....	6\$00
SEVERA (A) — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. ....	5\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. ....	3\$00
UM SERÃO NAS LARANJEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
VIRIATO TRAGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00

## Pedidos à

**S. E. PORTUGAL-BRASIL**  
Rua da Condessa, 80 - LISBOA  
OU À **LIVRARIA BERTRAND**  
Rua Garrett, 73 e 75 - LISBOA

**ILUSTRAÇÃO**

Propriedade da Livraria Bertrand

S. A. R. L.

Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e impresso na Imprensa da PORTUGAL-BRASIL  
Rua da Alegria, 100—Lisboa

**PREÇOS DE ASSINATURA**

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular. . . . .	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada) . . . . .	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português . . . . .	—	64\$50	129\$00
(Registada) . . . . .	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colonias . . . . .	—	62\$00	126\$00
(Registada) . . . . .	—	67\$50	135\$00
Brasil . . . . .	—	66\$00	132\$00
(Registada) . . . . .	—	75\$00	150\$00
Outros países . . . . .	—	75\$00	150\$00
(Registada) . . . . .	—	84\$00	168\$00

Administração—Rua Anchieta, 31, 1.º—Lisboa

Visado pela Comissão de Censura

**O Menino vai indo Muito Bem**



e a razão é simples: toma os ALIMENTOS ALLENBURY'S, vitaminados, e estes têm uma composição semelhante á do leite materno.

Quando a amamentação ao peito falte, ou seja imprópria — não hesite: dê ALLENBURY'S ao bebé e vê-lo-á normalmente desenvolver-se. Médicos de todo o mundo ha perto de meio século os recomendam.

A venda nas boas farmácias e mercearias  
Folheto ilustrado gratis

*'Allenburys'*

ALLEN & HANBURY'S LTD, Londres.  
Representantes: COLL TAYLOR LDA., R. Douradores, 29-1.º, LISBOA.  
Telef.: 21476. Teleg. DELTA.  
gente no PORTO: Farmácia Sarabando, L. Loios, 35.

**CONSELHOS ÚTEIS  
CORRENTE  
DE REPETIÇÃO  
USADA**

Sucede, algumas vezes, que a corrente que serve para a mola de dar as horas nos relógios de repetição se torna muito grande pelo uso. Bastará, muitas vezes, dar umas pequenas pancadas sobre as partes alongadas dos elos, para que a cadeia retome a primitiva grandeza.



Embelezam, Rejuvenescem, Eternizam a mocidade! *Estou com 7 amostras 14\$00, pelo correio 15\$00* — Peça-os ao seu fornecedor ou directamente á Academia Scientifica de Beleza—Av. da Liberdade, 35—LISBOA.



**Dôres de ouvidos**

— as terríveis dôres de ouvidos! Que admira que elas sejam insuportaveis e tanto abatem o fisico e o moral do paciente se são os ouvidos dos órgãos mais sensiveis e delicados do corpo humano?

Mas é facil dominal-as e vencêl-os por mais violentas que sejam: Bastam dois comprimidos de Cafiaspirina.



**Cafiaspirina**  
O PRODUTO DE CONFIANÇA

**LIVROS**

DA

**Biblioteca de Instrução Profissional**

PARA AS

**ESCOLAS INDUSTRIAIS**

- Algebra Elementar, 1 vol. enc. . . . . 13\$00
- Aritmética Prática, 1 vol. enc. . . . . 13\$00
- Desenho Linear Geométrico, 1 vol. enc. . 12\$00
- Elementos de Química, 1 vol. enc. . . . 14\$00
- Elementos de Mecânica, 1 vol. enc. . . . 12\$00
- Elementos de História de Arte, 1 vol. enc. 25\$00
- Física Elementar, 1 vol. enc. . . . . 14\$00
- Geometria Plana e no Espaço, 1 vol. enc. 14\$00
- O livro de Português, 1 vol. enc. . . . . 12\$00

Pedidos á

**LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75  
LISBOA

# CIMENTO ARMADO

2.<sup>a</sup> edição

Propriedades gerais. Materiais usados: o metal, o betom. Resistência dos materiais. Cálculo do cimento armado. Pilares, vigas e lages. Aplicações: Alicerces, pilares, paredes e tabiques. Muros de suporte. Sobrados, lages e vigas. Coberturas e terraços. Escadas. Encanamentos. Reservatórios e silos. Chaminés. Postes. Abóbadas e arcos. Casas moldadas. Outras aplicações. Fôrmas e moldes. Assentamento das armaduras. Execução do betom. Betoneiras e outras máquinas. Organização dos trabalhos de betom armado. Regulamentos, etc., por *João Emílio dos Santos Segurado*.

1 volume de 632 pág., com 351 grav., encadernado em percalina..... **25\$00**

Pedidos à  
**LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75  
LISBOA

## Biblioteca de Instrução Profissional

UMA OBRA DE ALTO VALOR

# VOCABULÁRIO

DE

# TERMOS TÉCNICOS

EM

Português, francês e inglês

**COM 6.318 VOCABULOS**

Pelo engenheiro-maquinista

**RAUL BOAVENTURA REAL**

1 vol. de 557 pags., encadernado  
**30\$00**

PEDIDOS A  
**LIVRARIA BERTRAND**  
73, RUA GARRETT, 75  
LISBOA

# Mil e um Segredos de Oficinas

*Seguidos das tabelas de M. Exupère*

para a

Conversão de quilates em milésimos

por

**MARCEL BOURDAIS**

Tradução de

**CARLOS CALHEIROS**

Obra indispensável a todos os que se ocupam de reparações nas oficinas e a quem interessa conhecer as diferentes receitas e segredos *para a douradura, prateadura, niquelagem, bronzagem, envernizamento, ligas, limpeza das jóias, objectos de arte, e para qualquer operação de joalharia, ourivesaria, relojoaria, instrumentos de óptica, aparelhos de electricidade, armas, velocípedes, etc., e também para quem pretender organizar uma pequena indústria fácil e barata*

1 volume de 300 páginas, brochado . . . . **10\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

# Manual do Condutor de Automóveis

2.<sup>a</sup> EDIÇÃO ACTUALIZADA

*Aos condutores de automóveis recomenda-se este manual como imprescindível para a sua educação profissional, pois contém a*

Descrição do aparelho motor, motores e seu funcionamento, lubrificação, carburação, alimentação de gasolina, arrefecimento do motor, princípios de electricidade e inflamação. Órgãos auxiliares, transmissão, arranque, leito, molas, eixos, direcção, rodas, pneumáticos, camaras de ar e iluminação. Caixas de carros e seus acessórios, aparelhos de alarme. Condução e avarias. Tipos de automóveis, leitos (chassis), caminhões, motocicletas. Garage, conservação e reparação, indicações úteis, tabelas, legislação, etc., etc., por

**António Augusto Mendonça Teixeira**

Um volume de 670 páginas,  
encadernado em percalina  
Escudos . . . . **25\$00**

Pedidos aos Editores: **LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Saiu a nova edição

# CARTAS

de  
**ALEXANDRE HERCULANO**

2 volumes de 594 páginas, brochado . . . . . 20\$00  
Encadernado . . . . . 28\$00

PEDIDOS À  
**LIVRARIA BERTRAND**  
73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

A' venda em todas as boas livrarias

A 2.<sup>a</sup> EDIÇÃO DO  
**TOLEDO**

IMPRESSÕES E EVOCAÇÕES

por **ANTERO DE FIGUEIREDO**

1 volume de 262 páginas, brochado . . . . . 10\$00  
Encadernado . . . . . 14\$00

Pedidos aos editores **LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75—LISBOA

Formidável éxito livreiro!

A novela anti-clerical

## A Amante do Cardeal

por **BENITO MUSSOLINI**

Chefe do fascismo italiano e signatário do TRATADO DO LATRÃO — Uma pintura empolgante da decadência moral da Igreja Católica no Renascimento

1 vol. de 222 págs., broch. 10\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**  
73, R. Garrett, 75—LISBOA

## Como se faz fortuna

POR

**SILVAIN ROUDÉS**

Um livro oportuníssimo, na época presente, em que a febre de enriquecer se faz sentir mais do que nunca

1 vol. de 264 pags., br. . . . . 8\$00

PEDIDOS À  
**Livraria BERTRAND**  
73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

**Manuel de Sousa Pinto**

# RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

**CARICATURISTAS**



DESENHOS ESCOLHIDOS

POR

MANUEL GUSTAVO  
BORDALLO PINHEIRO

1 vol. fol. Edição de luxo, com 90 grandes ilustrações de Bordallo Pinheiro, reproduzidas pela photogravura, além d'outras inseridas no texto. Impressão a preto e côres sobre papel couché.

Cart. 40\$00; br. . . . . 30\$00

PEDIDOS A  
**S. E. PORTUGAL-BRASIL**  
Rua da Condessa, 80—LISBOA

# História Universal

do grande historiador alemão

**GUILHERME ONCKEN**

Publicação em português dirigida e ordenada primitivamente por *Consiglieri Pedrosa* e seguidamente pelo *Dr. Manuel de Oliveira Ramos*, lente da Faculdade de Letras de Lisboa. A mais completa, a mais científica, a única que nos nossos dias constitui matéria de fé em todos os problemas e questões históricas. A primeira da actualidade. A obra de maior vulto que neste género se tem tentado em língua portuguesa. Profusa e ricamente ilustrada a côres, com reproduções de quadros célebres, representando batalhas, costumes, etc.; de monumentos, armas, objectos de arte, tipo de raças, grandes figuras históricas, autógrafos, páginas manuscritas, iluminuras, etc. Impressa em esplêndido papel, *hors-textes* em papel couché, in-4.<sup>o</sup>.—Encadernação própria e cerca de 1.000 páginas por cada volume

*Já publicados*

**III tomos — 19 volumes**

Assinaturas novas só se aceitam a volumes completos

**A TERMINAR BREVEMENTE  
A PUBLICAÇÃO**

Cada volume, encadernado . . . . . **65\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75—LISBOA

# Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL  
E FISIOTERAPICO DO ESTORIL

■ ■ ■

**Banhos de agua termal,  
Banhos de agua do mar  
quentes, BANHOS CAR-  
BO-GASOSOS, Duches,  
Irrigações, Pulveri-  
sações, etc. — — — —**

**FISIOTERAPIA, Luz,  
Calor, Electricidade  
médica, Raios Ultra-  
violetas, DIATERMIA  
e Maçagens. — — — —**

**MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS**



Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72



## Depois das Compras

Subsiste às vezes uma leve sensação de cansaço ou mesmo tendencia para dores de cabeça.

Para afastar a fadiga e restaurar o bem estar, beba uma chavena desse nectar que refresca, estimula e delicia — CHA HORNIMAN

Nenhum chá como este conquista mais depressa o paladar de uma pessoa que se considere de gosto exigente.

O chá HORNIMAN tem perfume, fragancia e delicadeza — é inconfundível.

Ha 100 anos que se vende em todo o Mundo e a sua celebridade provem da sua pureza e da sua qualidade excelsa.

O chá HORNIMAN é o mais economico tambem, porque com menos quantidade do que qualquer outro, fará uma infusão deliciosa.



Adicionando-lhe na chavena algumas gotas de leite, torna-lo-á esplendido.

## Dicionário do Football Associação

ILUSTRADO COM 37 GRAVURAS

Com a apresentação do Dr. Salazar Carreira

Contendo termos técnicos ingleses e seus equivalentes em português.  
Regras do jogo e casos de deslocação

Livro indispensavel a todos os amadores de football

1 vol. enc. com capa a ouro com cêrca de 100 págs. . . 7\$00

Pedidos á S. E. PORTUGAL-BRASIL

—Rua da Condessa, 80, 1.º — LISBOA —

## CHÁ HORNIMAN



Que se obtem em todos os estabelecimentos, mas sómente em pacotes de 14—50—125 e 250 gramas.



## ARTURO SEYFARTH



Bad Köstritz 13 (Thur), Alemanha.  
—Comércio e criação de cães de raça.— A casa mais antiga, desta especialidade, na Alemanha. (Fundada em 1864). CÃES DE TODAS AS RAÇAS: de guarda, de defeza, policias, de luxo e de caça. Exportação para todo o mundo, com a maxima garantia. Album artistico e ilustrado com indicação dos preços e descrição das raças, Esc. 10\$00 (em selos de correio).

## PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,  
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

**CASA FUNDADA EM 1874**

Premiada com medalha de ouro em tódas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

**TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo**

**Orçamentos Grátis**

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA

Telefone 2 2074

## DOCES E COSINHADOS

Receitas escolhidas por ISALITA

1 vol. enc., com 351 págs. . . . 25\$00

Pedidos á LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75—LISBOA

## Crónica da Quinzena

**O** CORREU nesta quinzena um facto pouco vulgar, dos aparecidos a ritmo de século, ao qual, sem favor nenhum se dará título de histórico. Votou-se uma constituição, estruturada em termos, ou pelo menos no intento de imprimir um sentido novo á vida publica portuguesa.

E' raro em todo o mundo um caso destes. Verifica-se em momentos excepcionais, de ordinário no final das crises convulsivas que de tempos a tempos atacam as nações.

Ao de agora assiste ainda a singularidade reconhecida em certos pormenores do seu aparecimento. Difere do usual no fabrico, de origem singular, e na aceitação, de ordem universal. Um escreveu e toda a Nação votou.

O que é que a Nação votou?

Aqui se entra em trabalho interpretativo do fenomeno transcendente, que reflete uma reacção extensiva e profunda da consciencia nacional, impossivel de iludir.

O povo chamado a manifestar-se exprimiu um parecer, não sobre o documento escrito que mal entendeu, que ninguém saberia dizer-lhe se o delineado em seu conteúdo será praticável; o que metade e mais um dos sufragistas pronunciaram foi pura e simplesmente o repudio do passado, o terror pelo futuro, a aceitação da contingencia que os fados lhe trouxeram.

A resposta do dia 19 traduz um desejo formal de quietismo, da tranquilidade ocasional, a aversão pelo tumulto e algazarra em que se andou e para onde não quer voltar a maioria trabalhadora, pacifica, familiar, do habitante.

O povo português disse com claresa e suficiencia que repudia o internacionalismo, a desordem, a anarquia, a sedição. Isto basta aos dotados de senso critico para entenderem o que se passou de extraordinario, a registar na historia de Portugal. Também não queiram mais os insofridos.

Seria dificil apurar um por cento entre os votantes capases de discernir o resultado efectivo, experimental do que está escrito. Sobre a sondagem desse futuro não nos aventuremos.

Fique-se pela confiança expressa que já não é pouco. Resta só aos bem intencionados, mesmo discordantes, respeitarem essa vontade do maior numero,

traduzido pela forma corrente, sempre uzada no paiz.

No tablado da comedia universal tambem se representou uma cena fóra do comum.

O primeiro ministro inglez, aquele que traz aos hombros o imperio, a magestade britanica, a libra, o dominio dos mares, o esplendido isolamento e outras solesnes potencialidades vigentes no século XIX, foi a Roma falar com Mussolini.

Ha trinta anos os insulares daquele titulo não se aventuravam a atravessar a Mancha. O peso das grandesas era de ordem a fazer sossobrar o barco.

Aliviou-se a Inglaterra do fardo que a oprimia, mudaram os conceitos, diminuíram os homens, reduziu-se o valor dos espiritos, ou a confiança nas forças de que dispõe a nação?

Caso é que Mac Donald pegou na sua mala de amostras pacificas que traz muito bem provida, e partiu como bom viajante, de deslocação facil e pronta, a apresentar a sua mercadoria, talvez porfiante no desejo de obter em paga o cognome de redemptor e delicia do genero humano.

Contra o que era de esperar chegou, falou com o «Duce» uns momentos e logo o convenceu. Que boa troca achariam eles para tão depressa concordarem?

O romano é dificil de persuadir, exigente no preço. Para se acomodar tão celere e prazenteiro, bom negocio lhe ofereceram.

Viu-se que o mercadejo não agradou á França. E' tambem um sinal a registar, muito digno de respeito. A França, inumeras vezes, de ha dez anos a esta parte, tem revelado uma clarividencia excepcional ao decidir-se perante as dificuldades com que teve de defrontar-se.

Os problemas de ordem internacional em que meúdos e graúdos apareceram envolvidos, receberam sempre do espirito francez a unica solução plausivel.

Sempre que o alemão manhoso empregou a felonía para o assalto á economia universal, encontrou a França a evitar-lhe a trama, ou a desmanchá-la. E quando o italiano audacioso de palavra, ou de cubiça atirou ao mundo retumbantes desafios, tambem a achou firme e decidida a não tomar a nuvem por Juno.

Desta vez, com a viagem do pacificador londrino parece que se repete o conhecido andamento de a França dizer a palavra prudente, calma, persuasiva. Talvez que Mac Donald, antigo trabalhista, germanófilo durante a guerra, internacionalista de coração, desdenhoso dos particularismos nacionais, das politicas de tradição e rotina, se tenha precipitado nas conversações com o sedutor e astucioso chefe do Fascio.

Do que veio a público por parte do critério francès nesta pendencia, pode deduzir-se essa hipótese.

Aos portugueses não agrada nada a inovação de conceitos na politica externa da Gran Bretanha. A ameaça de que se alterem, alarma-os com fundado motivo, porque a sua posição assenta sobre bases de idade secular em que eles se firmam. Aquilo que em Lisboa se chama aliança, com as vantagens mútuas a isso inerentes, desapareciam na hora em que a ideologia inglesa se alterasse. E tal acontecimento, ninguém aqui o duvida, causaria um sobressalto maior que terramoto, de consequências não menores no panorama da nossa vida pública.

Bem se sabe que o ministro trabalhista, nesta hora representante da Inglaterra, não é toda a Inglaterra, em particular a do Império que ainda constitui o eixo do mundo actual. Do que ele cometesse de errado, ainda haveria apêlo para essa inteligéncia nacional, também até agora não desmentida.

Mesmo assim e sem se saber ao certo o íntimo das conversas de Roma, por um instinto, ou presciencia de perigo, o nosso anseio dirige-se no sentido da França, para que triunfe o seu parecer.

Esse tal Directório europeu, formado por quatro senhores, em nome de quatro grandes senhorios não pode agradarnos. Daí resultaria somente, para os demais, o tratamento de colonos, ou inquilinos, sujeitos a serem despedidos dos seus cómodos. Quando menos se precatassem os povos meúdos, sem voz, privados do direito de gritar, veriam os quatro graúdos transformados em quadrilha.

Abençoada seja pois a França que tão boa policia faz na Europa mal segura.



O que mais nos impressiona, quando viajamos pela Galiza, é a frequência com que, em terras galegas, se ouve e se lê uma palavra que os portugueses se costumaram a considerar exclusivamente sua: a palavra «saude». É raro abrir um livro de literatura galega contemporânea, sem a encontrar. O povo pronuncia-a a cada instante, ou, melhor, murmura-a como uma oração, com ternura e com simplicidade. Nunca me esquecerei da primeira vez que ouvi a palavra em lábios galegos. Foi em Pontevedra, há três ou quatro anos. Quando eu subia a escada que conduz à maravilhosa fachada plateresca da igreja de Santa Maria — verdadeira joia de pedra — encontrei assentado nos degraus, ao pé dumas mulheres, um pequenito chorando. Como eu perguntasse porque chorava aquela criança, uma das mulheres, cuja saia amarela parecia uma pincelada de oiro ao sol, respondeu-me, num sorriso triste:

— *Son suidades da nai...*

Mas a saude não é só uma palavra da língua galega; é um sentimento tão profundo e tão forte, que podemos considerá-lo como uma das características da alma da moderna Galiza, um equivalente sentimental do culto galego pela terra e pela raça, como que a essência do seu próprio lirismo, saborosamente impregnado do mais puro vergilianismo cristão. A música galega, sobretudo as «muñeiras» e os «alalás», está cheia desse sentimento ao mesmo tempo doce e triste. A saude é o «*cabecal dos nosos soños*», diz um poeta. Referindo-se

à pomba mística dos *Cantares*, diz outro: «*Rosalía es el cuerpo santo de la saude galega*». E um dos mais elegantes escritores da Galiza, Rodriguez Gonzalez, afirma, com eloquência: «*No hay el derecho de llamar poeta galego a quien no sienta la saude, a quien no sepa cantarla, a quien no la lleve en los huesos y en el alma*». A exaltação da saude, hoje fundamental no lirismo galego, caracteriza o movimento de renovação poética dos últimos cinquenta anos. Houve quem, em Portugal, quisesse ver neste facto uma prova da influência da velha literatura portuguesa sobre a jovem literatura galega. Não faltou também, em Espanha e na própria Galiza, quem considerasse o culto literário da saude como uma semente de lusitanismo.

Puro engano. Se é certo que a forma «saude», ultimamente adoptada pelos poetas galegos, é a forma definitiva do vocábulo na língua portuguesa, e, talvez por esse facto, alguns a preferiram (Lamas Carvajal, nas *Saudades galegas*; Ramón Cabanillas, no *Desterro*, no *Vento Mareiro* e na *Noite estrelecida*), não é menos certo que a palavra existiu sempre na linguagem popular galega, embora com as formas arcaicas «soidade», usada ainda pela terna Rosalía, e «suidade», mais usada por Pondal e Añón, formas estas que precisamente se encontram nos monumentos primitivos do lirismo galécio-português dos séculos XIII e XIV, e, sobretudo, nas doces serranilhas galegas do rei D. Diniz. O sentimento da saude é comum aos dois povos, porque é, como quer o sr. Unamuno, uma expressão delicada da alma céltica, tão portuguesa como galega ou bretã. Quanto à palavra, se algum dos povos a foi buscar ao outro, não foi a Galiza a Portugal, mas Portugal à Galiza. É indiscutível que o prestígio literário da saude se deve à literatura portuguesa; foi a literatura portuguesa que primeiro definiu esse



# A Galiza e a Saude

por Júlio Dantas

sentimento cheio de amorosa melancolia; foram os poetas portugueses que melhor a cantaram; foi, emfim, o lirismo português que fez a palavra, que a consagrou, que a iluminou, que converteu a pequena hóstia humilde num grande sacrário refulgente; — e as palavras pertencem, literariamente, à língua que as torna grandes e belas. Mas não nos esqueçamos de que a sua primeira pátria, a terra-mãe da saude, o berço onde ela bubuciu, o regaço onde soltou o seu primeiro vagido de tristeza e de amor, foi esse paraizo de montanhas verdes, esse nobre solar de poetas medievals, essa Hélade doirada, esse sorriso de Deus: a Galiza.

A «saude» pertence-nos, pois, a ambos, — galegos e portugueses. Mas, senti-la-hão os dois povos da mesma maneira? Terá a literatura galega da «saude» as mesmas características da portuguesa?

Evidentemente, esta terna palavra é, nas duas línguas, a expressão do mesmo estado de alma. A sua nobreza literária tem origens comuns. O seu braço, que os escribas gravaram, a minio e ouro, no pergamino dos velhos *Cancioneiros*, remonta ao século XIII. A saude galega é uma flor da língua harmoniosa em que Afonso IX de Leão compôs as suas trovas mundanas; em que o grande Afonso X, o *Sábio*, que teve a velhice infeliz do rei Lear, cultivou, como um rosal de amor, as cantigas de Santa Maria; — aquela mesma em que falaríamos as imagens de mestre Mateus,

os evangelistas e os apóstolos do «Pórtico da Glória», de Santiago, se Deus animasse um dia a sua pedra sagrada. Mas o galego adormeceu, como língua literária, durante quatro ou cinco séculos; e quando, de há sessenta anos para cá, o génio de Añón, de Pondal e de Rosalía o reviveram e despertaram do seu crepusculo, a palavra «saude» era ainda uma flor bravia, uma flor medieval — a arcaica «suidade» de D. Diniz — que precisava de que a cultivassem e a tratassem com amoroso desvelo. E tão bem o fizeram os precursores do actual movimento de renovação literária, que, daí a pouco, a saude era a própria alma do lirismo galego, a suprema expressão da sua humana beleza, — na frase de Cabanillas, a «bolinha de cristal onde a alma da Galiza vive prisioneira de encantamento.» Os poetas contemporâneos adoptaram a forma portuguesa «saude»; mas deram, ao sentimento que essa palavra exprime, uma maior amplitude, uma espiritualidade mais intensa, um sentido diferente, mais vago, talvez, mas mais vasto e mais profundo. Na saude portuguesa há apenas lirismo; na saude galega há, por vezes, epopeia. A saude portuguesa é essencialmente contemplativa; a saude galega é um sentimento activo, é uma força, que exalta, em vez de as deprimir, a resistência e a vitalidade do povo galego. O poeta admirável do *Vento Mareiro* e do *Bendito Santo Amaro* procura, duma forma pitoresca, expressar esse sentimento novo: «a saude caminha de costas, e vai para a frente, olhando para traz». Mas o que, quanto a mim, mais distingue as duas saudes, é, pelo menos literariamente, o objecto que as motiva. Ao passo que a saude portuguesa foi sempre «a saude

de alguém a quem se ama», a saude galega é, sobretudo, a «saude da terra», quando não transcende, e se eleva, e sublima, passando a ser, com Pondal ou Curros, a «saude ativa da raça», a «saude heróica do passado», ou, com a santa Rosalía dos três cravos de ferro, de oiro e de amor, a «saude mística do Céu». A saude é, na Galiza, um sentimento caracterizadamente nostálgico. Diz Ramon Cabanillas, hoje uma das mais altas figuras do lirismo de toda a Espanha: «*A saude gallega* (transcrevo na própria língua materna, para não perder o sabor) *é saude da terra, saude de fogar, da campia verdecente, do ceo neobento, do curuto hirtó, da choiva miudiña, da campana da aldeia, das oliveiras escuras, da velha parede ensilveirada, do rechuncho sombrizo da carballeira, da lua que se pon detrás do pinal; saude da la-reira e do agro, saude bendita que temos de pedir a Dios que nol-a conserve*». E Rodriguez Gonzalez acrescenta: «A saude galega é a religião espiritual da terra».

Assim devia ser, de facto, tratando-se de um povo em que, infelizmente, é tão grande a emigração. A saude do galego laborioso e inteligente, que um dia abandona a pátria, é a saude comovida da terra que o viu nascer; a saude dos seus prados verdes, das suas rias tranquilas e refulgentes, das montanhas que foram o seu berço, da geórgica doirada dos vinhedos e das searas maduras, do sino alegre que ele ouviu, da igreja florida em que o baptisaram, de todo o ninho galego, de leste a oeste, desde as rochas vermelhas do Corrubelo, onde o mar rebenta, até à estepa leonesa onde a Galiza acaba; — saude que em si contém e resume todas as saudes,

a da mãe, a da noiva, a da irmã, a da filha, porque, para o galego, a sua terra virgosa e bendita, pequeno coração verde que ele julga sentir pulsar no próprio peito, é também sua filha, sua noiva, sua mãe e sua



irmã. A saude do emigrante! É ela que hoje ilumina e perfuma todo o lirismo galego. Desde os mais velhos até aos mais novos, todos os poetas a cantam e a exaltam. Saude das montanhas, dos prados verdejantes, das grutas azues da costa bravia; saude do lar, dos sinos, das sanfonas, dos gaiteiros, dos alalás, dos pandeiros alegres; saude da pátria distante, fonte de todas as graças, berço de todos os amores, — da pátria, que é para o emigrante a virtude, a resignação, a esperança de dias melhores, a força para o trabalho, e — mais do que tudo isto — a certeza, a deslumbrante certeza de voltar um dia, rico e feliz. Às vezes — não poucas! — essa saude torna-se nostalgia profunda; o coração confrange-se, as lágrimas caem; é uma enfermidade sem nome, é uma doença sem dores; é a morrinha, — saude fisicamente pungente:

*Lonxe da terrañ,  
Lonxe de mes lar,  
Que morrinha teño,  
Que angustias me dan!*

Muitos poetas têm cantado a saude galega; mas, como sucedeu com a amorosa saude portuguesa, nenhum melhor do que esse poeta anónimo: o povo. Estamos na «*semana portuguesa*». Se este artigo, por acaso, passar além do rio Minho, como cantarão, nas almas que os lerem, estes versos populares, tão ingéniosos e tão belos, que se diriam um murmúrio do vento nos verdes pinhais galegos:

*Aíriños, aíriños, aíres,  
Aíriños da miña terra,  
Aíriños, aíriños, aíres,  
Aíriños, levai-me a ela!*

Júlio Dantas.





A ideia da realização de uma "Semana Portuguesa" em Vigo, tem espírito e utilidade. E Portugal carece de praticar actos inteligentes e úteis para quebrar a tendência apática em que se acomoda, num isolamento doentio, desconhecendo-se a si próprio, desconhecendo os vizinhos mais queridos, desconhecendo tantos povos do Universo com quem tem afinidades, e onde poderia cultivar interesses económicos e espirituais.

Quem não procura conhecer os outros acaba por ser desconhecido, o que equivale a não ter existência. O nosso país, talvez fatigado pela vida intensa que fez no passado, principalmente nos séculos XV e XVI, ou envaidecido pelas glórias dessa época, descança e dorme ainda, à sombra dos louros, agitando-os quando quer falar de si, quasi nada partilhando dos intercâmbios práticos efec-

tuados pelos povos que têm um sentido exacto da vertiginosa vida contemporânea.

Resultado: alguns raros estrangeiros, certamente os mais cultos, quando ouvem falar de Portugal associam-lhe, logo, os nomes de Vasco da Gama e de Camões, o que não obsta a que, quasi todos os dias, se recebam cartas da Europa, particularmente da França, endereçadas para Lisboa, e tendo, em letras gordas, no endereço, a palavra: *Espanha*...

Pouco fazemos para conhecer os outros, quasi nada para sermos conhecidos. É certo que pelo nosso país têm passado alguns milhares de galegos da emigração, e muitos cá ficaram e ergueram lar; mas nós desconhecemos a Galiza. E desconhecemos a Galiza, como desconhecemos o Brasil de hoje, que fizemos ontem, embora para lá corra a nossa maior emigração.

Não ha muito tempo, eram raras as bibliotecas particulares que possuíam volumes brasileiros, e poucos dos nossos intelectuais conheciam, regularmente, o movimento artístico e intelectual do Brasil. Perfeitamente o mesmo caso se observa, ainda, com referência à literatura galaica, muito menos divulgada, entre nós, do que a produção mental que chega da outra Espanha mais distante, pelas vias Madrid e Barcelona.

Não ha muitos meses, acompanhei, em romaria pelas principais livrarias de Lisboa, um amigo que desejava ler outros galegos, e que nem um livro de versos ou um simples "guia" da Galiza, ponde obter.

Como foi possível, através dos séculos, tamanho desinteresse por uma lingua que nos foi comum, aquela em que foram escritas as primeiras produções da Literatura Portuguesa — essa doce lingua galega, que então se confundia com a portuguesa, a *língua da poesia culta* em que cantaram os nossos primeiros trovadores, ao modo provençal, em toda a Espanha!

Todavía — como observa

# Os humildes embaixadores da Galiza em Portugal

Mendes dos Rémédios

— "a Galiza foi o solar das antigas musas espanholas, relacionadas com a gente portuguesa, e a sua lingua, que preparou a formação das linguas particulares de cada uma das nações da Europa meridional, não podia deixar de ser um laço poderoso ligando, entre si, todos os trovadores desta escala galaico-portuguesa."

Esses laços trovadorescos desatou-os o tempo, cada vez menos propício aos trovadores, e ficou, apenas, a tradição desses torneios poéticos, de vez em quando rea-



vigorada em românticos sarás das estu-dantinas de São Tiago de Compostela, já hoje tão raros, em que passava algo de poético da paisagem da Galiza:

*"Os álbores espidos  
De fruto e de ramaxe  
Libertos xa de folta  
Comenzan á dor flor;  
Y-á sombra agachapado  
D'o prácido follaxe,  
Mentres que o gando garda  
Fay chifros o pastor."*

*"Xa de amarelo e branco  
Se pintam os outeiros;  
Xa nacen n-as riveiras  
As froles de San Xoan;  
Xa crecen n-os valados  
As hebras y-os loureiros;  
Xa tea carroucha o millo,  
X'as vides gromos dan."*

*"Ahí ven pr'os probes vellos  
Sin sangue xa e sin vida,  
A foguerada ardente  
Qu'espaxa a luz d'o sol;  
Ahí veñen pra os poetas  
D'inspiración garrida,  
As cheiroriñas auras  
Y-a vos a'o roussiol."*

Que sabemos nós da Galiza, e que sabem os galegos de Portugal? Quasi nada! E a tradição e todos os traços familiares já estariam extintos, se não fos-

galega, são os *amoladores*, os *deita-gatos*, pequenos galegos, quasi todos de Orense, vestidos de bombazina, de alparcatas e boina, alguns tão pequeninos que mal podem com a sua *roda*, e vão enchendo estradas e ruas com a alegria dos seus pregões musicais.

— *Amolar tesouras e navalhas!*...  
— *Deita gatos em pratos, bacias e alguidares!*...  
— *Concertar chapéu... sombrinha deitar pano!*...

Quando os chamam, logo acodem pressurosos e prestáveis, apoiam a roda no chão, abrem a caixa do farramental, e num momento, em plena rua, improvisam uma pequena oficina; e o rebêlo de amolar começa girando, arrancando faiscas da velha lâmina; e a broca não pára a fazer furos para os concertos da loiça quebrada... Cada gato é dez tostões; cada tesoura amolada, três *corôas* — uma miséria!... Mas a vida é dura, e como nem todos podem emigrar para Havana ou para a Argentina, põem esta pequena oficina às costas e emigram, periodicamente, para Portugal.

Às vezes, no verão, trocam a roda e a broca pelos *barquinhos* — uns cartuchinhos de pasta assucarada, feita de farinha e canela, para a petizada gulosa — e seguem pelas praias, de lata a tiracolo, lançando o pregão pitoresco:

— *Barquillero!*...

Só em Lisboa e arredores andam cerca de um cento destes proletários vagabundos. O decano, já velhote, tem 55 anos de Lisboa, móra no sítio de Altos Moínhos, e chama-se Florentino...

A todas estas figuras pitorescas, de Orense, Pontevedra e Tui, ha que juntar mais uma outra, de rica expressão popular, talvez dos mais interessantes tipos galegos, conhecido dos nossos arraiaais do Minho, mas nunca visto em terras do sul: — é o *gaitero*.

Curros Enriquez, um dos maiores poetas galegos, foi co-



panhia, que, às vezes, fornece água à população... Começam a rrear, também, os que pairavam às esquinas, de corda e *chinguilo*, e se ocupavam no transporte de mobílias e no correio particular dos namorados e amantes, conhecendo os meandros amorosos de todas as páldias Elviras do Bairro, e cujo negócio foi afogado na onda civilizadora da camionagem e dos telefonos. Mantêm-se, firmes, os que servem nos cafés, nas cervejarias, nas tabernas e carvoeiros — dessa antiga dinastia de galegos, quasi todos de Pontevedra, que vestiam casaca e usavam patilhas à inglesa, e serviram nos botiquins onde se conspirava no tempo da senhora D. Maria II, nos restaurantes e clubes aristocráticos por onde passaram janotas, boémios, políticos literatos e artistas, os últimos fidalgos que amaram cantoras e atrizes, toda essa roda que, em Portugal, constituiu a flôr do romantismo...

Mas, ainda, os mais pitorescos de todos esses humildes embaixadores, que em Portugal projetam um pouco da alma



nhecido entre nós, fixou-o em maravilhosas quintilhas:

*"Dendes'o Lerez lixeiro  
As veigas que o Miño esmalta,  
Non boubo n-o mundo enteiro.  
Mais arrogante gaitero  
Que o gaitero de Penalta."*

*Sempre retorcendo o bozo,  
Erguida sempre a cabeça,  
Daba de miral-o gozo:  
Era um mocho...; ¿qué mozo!  
Era unha peza...; ¿qué peza!*

*Calzón curto, alta monteira,  
Verde faisa, albo chaleque  
Y-o pano n-a faltriqueira,  
Sempre n-a gaita parreira  
Levaba dourado fleque."*

*Nunca se puída arrugar,  
Vindolla repinir,  
Por qué, o sau d'a gaita ouindo,  
Cantos bailaban sorrindo,  
Acababan por chorar."*

Alma encantadora dessa Galiza desconhecida, embora visinha e irmã! Como ela transparece na graça e na côr destes pitorescos e graciosos versos!

Juliano Quintinha.





# à pesca

## O amôr é cego e surdo

*A cena passa-se num carro electrico da linha Gomes Freire-Avenida. O carro vai à cunha, como é costume. Para a plantaforma, como já não ha lugar, nem para uma dansa estilizada, entram dois policias. Dentro do carro, o Jorge de Lima e o Ferreira Lapa, dois amigos de colegio conversam animadamente.*

JORGE DE LIMA — Mas que alegria. Ha mais de dez anos que não te punha a vista em cima.

FERREIRA LAPA — Estás óptimo.

JORGE DE LIMA — Que lindo ramo de cravos.

FERREIRA LAPA — São para a minha noiva.

JORGE DE LIMA — Vais casar?

FERREIRA LAPA — É verdade. Para o mês que vem, vou realizar o sonho de toda a minha vida.

JORGE DE LIMA — Já o podias ter feito.

FERREIRA LAPA — Tens razão, mas isto de encontrar uma mulher que possa ser a nossa companheira de todos os dias, não é tão fácil como parece. E' preciso muito cuidado, não vá uma pessoa encontrar-se dum dia para o outro, a viver com alguém que não nos tenha um grande amor.

JORGE DE LIMA — E a tua futura é rica.

FERREIRA LAPA — Isso é o menos. Como sabes tenho alguma coisa. Além do ordenado de professor do liceu, possuo o prédio das Avenidas Novas, que me deixou o meu tio bacalhoeiro e as obrigações que herdei do meu padrinho, que era capitão da marinha mercante. E' um rendimento muito razoável. Depois, o pai da Clementina, a minha noiva chama-se

Clementina, é riquíssimo. Só do Brasil recebe êle para cima de dez contos por mês.

*No banco a seguir àquele em que viajam Jorge de Lima e Ferreira Lapa, vão duas senhoras, uma loura, outra morena. Como falam alto, os nossos homeus prestam atenção à conversa.*

A LOURA — Pois a Clementina não me disse nada.

A MORENA — Pois é caso assente. Casam para o mês que vem.

A LOURA — E êle quem é?

A MORENA — Deram-me as melhores informações. É professor do liceu e tem um prédio nas Avenidas Novas.

*Ferreira Lapa olha Jorge de Lima e Jorge de Lima olha Ferreira Lapa.*

A LOURA — E muitos contos de reis em obrigações.

A MORENA — Uma sorte grande.

*Jorge Lima bate no cotovelo de Ferreira Lapa, que ri satisfeito.*

A LOURA — E amam-se...?

A MORENA — Êle tem uma paixão cega por ela.

*Ferreira Lapa delira.*

A MORENA — Ela é que não o pode suportar.

*Ferreira Lapa estremece.*

A LOURA — É natural. Ela, de quem gostava era do guarda marinha.

A MORENA — E tem razão. É um lindo homem... E quando aparece fardado é duma mulher endoidecer.

A LOURA — E o noivo não sabe de nada...

A MORENA... Coitados... Os noivos vivem sempre na ignorância...

A LOURA — Mas quem sabe se êle não será mais interessante do que o tenente.

A MORENA — A Clementina diz que êle

é um horror. Feio como uma noite de trovões e embirrento como um dia de chuva de molhar todos.

*Jorge de Lima olha Ferreira Lapa, Ferreira Lapa vai arrancando os olhos aos cravos.*

A LOURA — E como é que se chama essa estampa?

A MORENA — Espera... Deixa vêr se eu me lembro... E' assim um nome de rua.

*Ferreira Lapa, pálido como uma estátua de mármore, tem a testa coberta de suor frio e arranca os últimos olhos aos cravos.*

A MORENA — Mas eu tenho o nome dêle aqui na carteira. A Clementina pediu-me para eu tirar informação, em casa do Januário Relvas, que é primo da Ermelinda, que tem uma amiga casada com um professor do liceu. (*Procura na carteira*) Cá está. (*Lendo*) Joaquim Bonifácio.

*Ferreira Lapa dá um salto de contentamento. Ao mesmo tempo o carro chegava ao Conde Redondo, onde êle tinha de se appear. Apertou a mão do Jorge de Lima e correu para a plantaforma da frente. Parecia outro. Depois daqueles momentos de terrível dúvida, volta a raiar-lhe no olhar o brilho da felicidade.*

*Dentro do carro, a loura e a morena continuavam a conversar.*

A MORENA — Ai que disparate... Que cabeça a minha. Nem já sei ler. O noivo da Clementina chama-se Ferreira Lapa e mora na Rua Joaquim Bonifácio.

*Jorge de Lima olhou para fóra. Ferreira Lapa batia nesse momento à porta da casa da noiva e agitava os cravos para não se notar que já não tinham olhos...*

O pescador — Lino Ferreira.

ADVERSÁRIOS NO AR, ALIADOS NO AMOR...

## O AVIADOR MOLLISON

que, com sua esposa, a aviadora Amy Johnson  
esteve em Lisboa

FOI ENTREVISTADO PELA "ILUSTRAÇÃO"

JAMES MOLLISON, o mais novo e o mais arrojado cavaleiro do ar, o detentor de numerosos *records* que esmaltam o seu nome já célebre, o aviador solitário, porque sozinho foi de Londres a New-York, de Londres à Austrália, de Londres ao Cabo, e

recentemente, numa magnífica prova que assombrou o mundo, de Londres ao Natal, em três dias e meio, prolongando depois a sua viagem até Buenos Aires, passou ha dias em Lisboa em companhia de sua gentilíssima esposa, a não menos célebre aviadora Amy Johnson Mollison.

Cêdo, ainda as estrêlas bruxoleavam no céu, já o *Avila Star*, da "linha da Estrêla Azul", se encontrava atracado à muralha do cais de Alcântara.

Procuramos avistar-nos com o aviador Mollison, que áquela hora se encontrava ainda recolhido com sua esposa. Amavelmente, mandou-nos dizer que só depois das 9 horas nos podia receber. E efectivamente, minutos passados da hora marcada, Mollison surgiu nos modestamente, quasi acanhadamente, como um estudante em férias a quem tivessem mandado chamar para receber a visita duma pessoa desconhecida.

A juventude do último vencedor do Atlântico Sul, sádia, simpática, cem por cento desportiva, não podia continuar a viver da recordação dos bons tempos do colégio, primeiramente da Universidade, mais tarde, e por fim eternizar-se mergulhado no anonimato dos campos de aviação, vendo passar lá no alto as telas de aço e alumínio dos aviões que se ensaiavam para a conquista do caminho que conduziria à encruzilhada para a Glória ou para a Morte.

E um belo dia Mollison partiu a caminho da sua primeira aventura. Partiu e chegou. Vencera no *raid* Londres-Austrália. Conquistára mesmo um *record*: o da rapidês. Tinha então 24 anos. Era uma esperança que havia de ser uma certeza. No seu regresso a Croydon, em Londres, os seus companheiros conduziram-no em triunfo. Mas breve se apagou o seu reinado de vencedor. Uma mulher arrebatára-lhe a palma da vitória. Consequira, em menos horas de vôo, realizar o mesmo percurso. Chamava-se simplesmente: Amy Johnson. Ninguém a conhecia. Depois, mais tarde, Mollison cobriu-se de heroicidade saltando de Londres a New-York, num vôo fantástico, assombroso, gêmeo do de Lindbergh. A corôa

da vitória passou a ornamentar-lhe a frente de triunfador. Mas estas proezas não bastaram para firmar o seu nome entre as águias humanas que às próprias águias fazia sombra. No século xx, na idade da T. S. F., de Marconi, do cinema, do avião, quem não aparece esquece com facilidade. Não se pode dormir sobre os louros colhidos. Mollison, rapaz moderno, da geração do século xx, compreendeu muito bem que só outras vitórias lhe abririam definitivamente as portas da Glória. E novamente partiu. Para um ponto tão longínquo como os dois primeiros. Para o extremo dum outro continente. Para o Japão. E na sua peugada, mais rápida ainda, a sua sombra gentil, Miss Amy Johnson. Este duelo aéreo, este "jogo da rosa", em cavalos mecânicos, teve uma apoteose folhetinesca, género Júlio Diniz. Miss Amy Johnson e Mr.



Os aviadores Mollison conversando com os jornalistas a bordo do «Avila Star»

James Mollison, casaram. E casaram precisamente ha nove meses. Este enlace, em que certamente a admiração e o respeito pela valentia e audácia do adversário completaram o que os corações iniciaram, não teve lua de mel. Mollison voltou a voar. Abalou novamente. Desta vez para a cidade do Cabo. Foi de Londres ao extremo da África do Sul em quatro dias. Mas mesmo este triunfo, que os técnicos classificaram como sendo espantoso, fugiu-lhe pouco tempo depois das suas mãos másculas, arrebatado pelas frágeis mãos de sua esposa, Mrs. Amy Mollison, que realizava o mesmo percurso em três dias e vinte e duas horas. Menos 3 horas que seu marido!

Mollison falou-nos como se nos encontrássemos numa roda de amigos do Pica-

dilly Club, em Londres. Disse-nos que o seu ultimo vôo, Inglaterra-Buenos-Aires, tinha um só objectivo: bater o *record* da travessia do Atlântico da Africa ao Natal, que se encontrava em poder de Bert Hinkler o famoso aviador australiano desaparecido

num passeio aéreo de Londres à Tunisia. Conseguiu-o em cinco horas. O resto da viagem do Natal até á capital Argentina, fizera-o por *sport*, afim de corresponder á gentileza das colonias britânicas.

Do Rio de Janeiro para Buenos-Aires, o "*Hearts-content*", — "Coração contente", — o avião de Mollison, crusara-se em pleno espaço com o tri-motôr *Arc-en-ciel*, de Mermoz, que dias antes fizera igual proeza.

— E têm agora alguma viagem planeada?

Mollison responde com um sorriso de felicidade a bailar-lhe nos labios:

— Sim senhor. Desembarcamos em Lisboa, onde nos demoraremos dois dias. Depois partiremos para San Sebastian, Biarritz, Nice, París, etc.

Uma viagem nupcial. A verdadeira lua de mel.

E os esposos Mollison atalhando com igual sorriso:

— Uma lua de mel depois de nove mêzes de casados, não será muito rigorosamente uma lua de mel. Antes, era uma viagem de descanso.

— E depois?

— Naturalmente iremos para o Inferno.

— O casal Mollison, aviadores célebres, nunca poderá voar para o Inferno. Voarão antes para o Céu.

— O mais certo — responde-nos Mollison — é ir um para o Céu e outro para o Inferno. Agora vamos para Biarritz.

— Ainda a proposito de viagens. Utilizou alguma vez nos seus vôos o sextante do almirante Gago Coutinho?

— Nunca tive essa necessidade. Vôo, empregando a correcção das alturas. Mas conheço muito bem o maravilhlo invento do vosso sabio compatriota.

Depois, despedem-se de nós e partem de automovel, sósinhos, para o Estoril, no inicio duma merecida e bem ganha viagem de repouso. Os esposos Mollison — adversários no ar mas aliados no amor — iam começar a sua lua de mel...

Armando de Aguiar.



SOLILÓQUIOS E COMENTÁRIOS



CAMÕES está na ordem do dia. Alfredo Pimenta, José Maria Rodrigues, Afonso Lopes Vieira, Ricardo Jorge pugnam e impugnam, com vivacidade. Bom é isso. Até parece que em Portugal essas cousas se tratam a sério e que ha algum interesse por elas.

NA America já se bebe outra vez cerveja. Achamos bem pois que sem se poder beber como é que se podia chamar, com propriedade, a livre América? Livre, mas quem bebesse era preso.

«NÃO ha praso que não chegue, nem gosto que neste miseravel mundo seja perito», escreveu em 1600 e tal, Martim Afonso de Miranda. Um João Encravado, senhor de mil e seiscentas letras, ao lêr isto exclama: «Com certeza que este Martim de tal, me roubou isto a mim. Se não ha praso que não chegue! Ainda ha três mezes descontei, e já tenho aqui o aviso de vencimento, Não ha decididamente gosto perfeito nesta vida!

«QUEM com o Demo cava a vinha, com êle a vindima... Isso era dantes. Hoje até o diabo atraíçõa.

O Brasil continua a queimar café aos milhares de sacas. E' uma nova formula economica. Mas então não vale a pena cultivar-o para o deitar fóra. E se julga que já não ha bocas que o bebam, engana-se. Ha quem se sustente só de café e no fim de dia tenha gasto o preciso para ter jantado bem...

NÃO se cuide que esta coisa das mulheres se pintarem, de forma a parecer um humbral de droguista, é cousa nova. Não é. Hoje a pintura é apenas outra. Só hoje é que as mulheres rapam as sobancelhas para as substituirem por um traço muito menos estético e transformam a face, palida ou branca, numa cara côr de tijolo, javaneza, menos interessante. Mas nos velhos tempos, também faziam o que podiam. Diz Tomé Pinheiro da Veiga, aquele pandego narrador da *Fastigimia*: «D. Francisca de Aragão, com os cabelos tintos de assafrão e as pestanas de vernis, e rosto de almagra, a garganta de gesso e a bôca de setim, tôda a oleo, com hum demão de unto de porco e outra de man-

teiga crua...» Como se vê é velha, em Portugal, a *maquillage*.

TAMBÉM Pinheiro da Veiga, não gostava das mulheres gordas e fortes. «Porque mulheres gordas são para o açougue e não para o agasalhado da alma». Nem das azougadas: «Porque mulher gaiteira, ou rapariga leviana nunca me fez bom estomago.» Era um homem curioso e um escritor interessante o nosso compatriota seiscentista.

AS colonias portuguesas estiveram ultimamente na ordem do dia. Mussolini pensa numa restituição de colonias á Alemanha e como ha-de ser difficil tirar aos fortes deve haver *superavit* roubando os fracos. Mas parece-me que não haverá perigo

por agora, pois que as nossas colonias são boas demais para serem repartidas sem que se esfaqueiem os assaltantes...

COMEÇA em breve a sua publicação o *Arquivo Histórico da Marinha*. Dirige-o Raul Cesar Ferreira e secretaria o Frazão de Vasconcelos. Publicará estudos, bibliografia nautica, biografias, o inventário histórico dos navios portugueses, relação de estaleiros, antologia, tudo enfim que á Marinha se refira e ainda editará a *Arte da guerra no mar* de Fernão de Oliveira, impressa em Coimbra, em 1555 e o *Livro de traços de Carpintaria*, inédito de 1616. Bem vindo seja. Não lhe faltarão leitores.

SE o Kaiser não morre, ainda o havemos de ver outra vez á frente dos destinos da Alemanha. Parece que para a maioria do povo alemão a soma das suas virtudes é maior que a dos seus defeitos. E não ha dúvida que o Kaiser fez a guerra para a maior glória da Alemanha. Mas a certa altura, Deus, que com a n d a v a uma divisão alemã, passou-se para os aliados e o Kaiser não tendo mais

remédio, passou-se para a Holanda. E parece que volta de novo, com cara de Kaiser... á paisana.

«ACHILES morreu por Polixena, Demetrio por Arsione». Já então havia tolos é o que se conclue.

QUEM quer quanto pôde, não pôde mais: quem quer menos do que pôde, sempre lhe sobeja poder», escreveu o Padre Vieira. E' uma grande verdade, mas o certo é que todos querem mais do que o que podem e por isso mesmo é que são infelizes. E' mal da epoca, não tem concerto.

O padre Vieira falava do Amor, como se fôsse êle o auctor... do *Secretário dos Amantes*.

«Bem digo eu logo, que isto que no mundo se chama amor é uma coisa que não ha, nem é. É chímpera, é mentira, é engano, é uma doença da imaginação, e por isso basta para ser tormento. Pode haver maior tormento que amar, quanto menos, em perpétua dúvida, amar em perpétua suspeita de ser, ou não ser amado? Pois êste é o inferno sem redempção, a que se condemnam todos os que amam humanamente e tanto mais, quanto mais amarem». Pois é assim mesmo o Amor. É engano, é mentira, é chímpera, é doença da imaginação de as gentes andam eiradas.

UM dos grandes defeitos de alguns críticos, de Camões por exemplo, é não terem em conta que o poeta foi um homem. Transformam-no em divindade. E todavia o próprio Camões dizia, mal sabendo que se lhe applicaria o *cuento*.

«Divinos os fizeram, sendo humanos: Que Júpiter, Mercúrio, Phebo e Marte Eneas e Quirino, e os dous Thebanos, Ceres, Pallas e Juno como Diana, Tôdos foram de fraca carne humana»

«A deligência he mãy da boa ventura», escreveu J. Ferreira de Vasconcelos, na *Comedia Eufrosina*. É. Mas se não tiveres sorte deita-te e dorme. Até diz o ditado: «A quem Deus quer ajudar o vento lhe apanha a lenha...» E é mesmo.

Albino Forjaz de Sampaio



# O CONCURSO FOTOGRÁFICO ENTRE AMADORES

ORGANIZADO

## PELA "ILUSTRAÇÃO"

No primeiro número de janeiro do ano passado, iniciou a *Ilustração* um Concurso Fotográfico entre Amadores, que obteve o maior êxito.

Durante os doze meses de 1932 publicamos mil provas fotográficas que os nossos leitores apreciaram. Eram, na sua maioria, boas fotografias de aspectos portugueses, paisagens, monumentos, costumes, etc. A sua publicação constituiu como que um subsídio valioso para o documentário da vida nacional.

A *Ilustração* dividiu os Prémios em duas classes: «Prémios da Sorte» — que já foram sorteados pela lotaria do Natal de 1932 e «Prémios de Movimento, Originalidade e Perfeição». Para proceder à sua classificação foi nomeado um júri composto pelos senhores dr. Samuel Maia, ilustre clínico e publicista, Alfredo Morais, consagrado aguarelista, Ferreira da Cunha, um dos azes da reportagem fotográfica e que alcançou o grande Prémio de Honra na Exposição Indus-



1.º Prémio — «Espera de touros em Vila Franca de Xira» — Foto do sr. Reis Sousa



2.º Prémio — «Mar bravo na praia do Norte» — Foto do sr. Alvaro Laborinho — Nazaret

trial Portuguesa e Alvaro de Andrade, chefe da redacção da *Ilustração*. Depois de aturado exame foram classificadas as seguintes fotografias:

**1.º Prémio:** — Uma esplendida CINE-KODAK — oferta da acreditada CASA KODAK, sociedade cuja respeitabilidade e processos de trabalho a tornam justamente a mais importante e afamada do mundo — à prova fotográfica n.º 59, publicada no número 5 (7.º ano), do amador sr. Reis Sousa, com a seguinte legenda: «Espera de touros em Vila Franca de Xira».

**2.º Prémio** — 18 VOLUMES DAS OBRAS DE ALEXANDRE HERCULANO, encadernadas em percalina, no valor de 268\$00 — à prova fotográfica n.º 75, publicada no número 6 (7.º ano), do amador sr. Alvaro Laborinho, da Nazaret, com a seguinte legenda: «Nazaret — Mar bravo na praia do Norte».

**3.º Prémio** — 18 VOLUMES DAS OBRAS DE ALEXANDRE HERCULANO, encadernados em percalina, no valor de 268\$00 — à prova fotográfica

terra» do sr. Edgar dos Santos — S. Pedro do Sul.

«Tomãji lá... bolachinhas» do sr. Rafael S. M. Bastos — Lisboa.

«Bicho! Bicho!» do sr. Amílcar Vale de Almeida — Lisboa.

«Animais brincando» do sr. António Campos de Melo — Oliveira de Azemeis.

«Magusto» do sr. Henrique M. Miranda Botelho — Vila Pouca de Aguiar.

Houve concorrentes a quem é justo salientar, pela correcção e limpi-

n.º 200, publicada no número 12 (7.º ano), do amador sr. João Martins, com a seguinte legenda: «Gai-votas».

Mereceram ainda especial atenção ao júri, as seguintes fotografias, que queremos pôr em destaque, pela sua perfeição, originalidade e movimento:

«Lutando com as ondas» do sr. Frederico Lopes — Açores.

«Matança do porco» do sr. António Rodrigues Ferreira — Salvaterra do Extremo — Beira Baixa.

«Á filarmónica dos Santos» — S. Pedro

dez dos instantaneos, que enviaram ao concurso. Eis alguns nomes:

D. Maria Rosalina Moreira — Lisboa.

D. Maria Noemia Rodrigues de Araujo — Funchal.

D. Hermina Correia Pires — Vizeu.

D. Maria Helena Pissarra — Lisboa.

D. Maria Fernanda Ramalho — Coimbra.

Cezar Costa — Chaves.

Coronel Azevedo e Silva — Lisboa.

Manuel Alves Sereno — Coimbra.

Reis Gonçalves — Lisboa.

Manuel Augusto Vaz — Porto.

José de Serpa Brandão — Lisboa.

A. Vale — Luanda.

Manuel Abreu — Coimbra.

João Rosa — Lisboa.

Francisco Ramalho — Coimbra.

José Manuel Rodrigues — Lisboa.

Miguel Ferreira Martins — Lisboa.

João Saraiva de Carvalho — Gouveia.

Fernando Silva Dias — Campo Maior.



3.º Prémio — «Gai-votas» — Foto do sr. João Martins — Lisboa

Istro de estar uma temporada em Pau corresponde a abrir diante dos olhos, no doce ríspido do hotel de repouso, um fácil volume de história. Ou melhor — um volume de gravuras históricas. Porque a gente nem tem que ler. Abre o volume, passa da *gare* ao *Château*, salta do *Boulevard des Pyrénées* à rua *Bernardotte*, adianta o pé da *Place Royal* à rua do *Marchal Joffre*, e sem ler senão legendas lacônicas, à vista de edifícios e artérias, fica com a cabeça cheia de figuras e factos quer das eras passadas, quer dos tempos correntes.

O *Château* e a *Place Royal*, já os senhores sabem, dizem mais do que mestre Guizot sobre uns tantos capítulos da história francesa. Basta olhá-los de frente, percorrê-los em ar de passeio, para vivermos quasi um século dos mais agitados, dos mais violentos, dos mais belos, dos mais elegantes da França.

E' logo Margarida de Valois, a princesa viril, a *Marguerite des Marguerites*, que vem recordar-nos o seu alto papel na eclosão do Renascimento gaulês — filho naturalizado do Renascimento italiano. A' maneira das grandes damas de Itália, as *Vitória Colona*, as *Beatriz d'Este*, aprende o grego e o latim, escreve versos líricos e contos bocacianos, imprime à sua côrte o esplendor néo-pagão das côrtes de Florença e Veneza, rodeando-se de artistas florentinos e venezianos, de poetas e escultores, de pintores e arquitectos. E a sua Côrte é esse velho *Château* que Phæbus de Foix fizera rude no século XIV, e que ela transforma em galante, e engrandece, e opulenta, ao sabôr dos costumes novos.

Iniciamos a ousada peregrinação ao longo das salas e salões do *Château*. Primeiro a *Sala dos Guardas*. Na sua imensa chaminé, com frisos de mármore tatuados de grifos, pôde crepitar uma floresta no espaço duma semana. A *Sala dos Estados*. Ali estão os soberbos panos murais Gobelins e Flandres, representando a festa gloriosa das colheitas durante os meses produtores, que nos lembram Francisco I, o vencedor do ducado de Milão, onde entrou triunfante sobre os frangalhos de mil suíços cortados às postas, o vencido de Carlos V de Espanha, de quem se tornou prisioneiro, em cujos reinos escreveu a celebre sentença: «*Tout est perdu... fors l'honneur*». Passamos ao *Salão Henri II*. Ai é Jeanne d'Albret que se esculpe em relevo, sob os tectos artozoados de que caem chuveiros fulgurantes de lustros, entre as tapeçarias sutuosas em que se representam cenas reais.

E ao ranger dos passos cautelosos sobre os polidos soalhos, como que acordamos os gemidos de agonia, os ais de revólta dos chefes católicos que a protestante princesa ali deixou chacinar. Avançamos para o *Salão de Família*, rico de pendulas e mesas raras; vadiamos por outros salões; penetramos no quarto de Henrique IV — a *Chambre de Henri IV*. E então, e para sempre, evocado pelos bustos de mármore, reproduzido na

trama dos panos de Gobelins e Beauvais, presente na concha larga do seu berço de infante, — a enorme concha de tartaruga, pendente de cordas de sêda, entronisada em estrado de purpura que lhe embolou os primeiros sons — é o rei do Béarn, é o grande rei da França, Henri IV, o *Bom Homem*, que nos toma a memória e os sentidos, contando-nos as graças do seu nascimento, ao murmúrio duma cantiga popular béarnesa, as façanhas da sua bravura de guerreiro e os episódios da sua ternura de amoroso.

A gente fixa aquela concha e representa-se-lhe o caso inverosímil. O corpo gigantesco do monarca constitui uma certeza. E' uma certeza o seu tórso hercúleo, tórso em que se abrigou um imenso coração — o do calvinista que



A Fonte Gahard, no parque Beaumont, de Pau

por amor do bem geral se fez católico, e por lealdade devida ao protestantismo publicou o *Edilode Nantes*. Teria sido possível, a alguém, algum dia, aninhar esse corpo de gigante no seio duma concha de tartaruga?

Valoroso rei Henrique! Observo-o couraçado de ferro no monumento da *Place Royal*. Surpreendo-o no palco florido dos Gobelins e Flandres do *Château*. E surpreendo-o melhor em tôda a sua complexa e contraditória estrutura moral. Ora protestante, ora católico. Agora a jogar contra as perfidias de Catarina de Medicis — logo caído nos braços matrimoniais da filha da sua inimiga, princesa que usa o nome da grande *berneza*, a segunda Margarida de Valois. Divorciando-se hoje de Margarida, para amanhã casar com Maria de Medicis. E entre as traíções daquela e as durezas desta, avultam os seus amores com Ga-

## DE HENRI IV A GUSTAVE LE BON

# A cidade de Pau

### é um verdadeiro compêndio de história antiga e moderna

briela d'Estrées, a única mulher que o amou — e que seria rainha da França, após o segundo divórcio do rei, se uma laranja envenenada misteriosamente não corta a vida da amorosa. E sempre heroico, e sempre na peleja pelos fracos contra os fortes, e sempre ouvindo os desgraçados de preferência aos venturosos, até que o ferro traiçoeiro de Ravailac lhe dá a morte em plena sação de colheita.

Não sei porquê — ao considera-lo de perto, nas suas forças e nas suas fraquezas, lembro-me de D. Quixote. Dia e noite de lança em riste pela sua dama — a França perturbada de sangrentas contendas domésticas. Sacrificando-se por amor, numa era de egoísmo. Batendo-se por bondade, numa época desumana.

Nem sequer lhe falta Sancho Pança. O economista Sully, apetrechado de bom senso e de leis suntuárias, a *burra* farta de ouro e crédito, não lhe adivinha *quixotada* que não acuda, bradando:

— Alto lá, senhor! Aqui está a razão de Estado...

É isto. Cem passos andados e contamos um novo varão ilustre. Deixamos em paz Henrique IV, embalsamado no ambiente do seu *château*. Metamos ao *Boulevard*. E logo o hotel *Gassion* nos põe em contacto com outro subido vulto histórico. E mais, meus amigos. Em Pau, a hospitalidade está tanto no ânimo afagante de poderosos e humildes, que até os marechais do Exército são donos de hospedaria.

O solene *Gassion*, com torres à moda dos baluartes guerreiros, com vistas que deslumbram quantos nelas põem os olhos, traz-nos à presença a figura belicosa do marechal Gassion, unido pelos deuses da fortuna, que o tornaram invulnerável às armas nas batalhas da Alemanha e da Austria, que lhe proporcionaram a glória de oferecer à França a vitória de Rocroy.

Mas do *Gassion* adiantemos a pé para os lados da *Praça de Verdun* — roçando a alma pelas agulhas místicas da moderna igreja de S. Martinho, entregando os sentidos ao mundanismo galante da rua *Marchal Joffre*, onde estadeiam os mais afamados armazéns de modas da cidade. E antes mesmo de entrarmos na *Praça de Verdun*, lá se nos depara à direita a rua *Bernardotte*.

Louvado seja Deus! É o que nos vale: — a história ser-nos contada assim, aqui por um castelo, ali por um hotel, além por uma rua. Porque, se assim não

fosse, ao deixar-mos Pau, vinhamos *tres-lúdos*... de tanto ler.

Cá está *Bernardotte*. Conhecem-no ao menos de nome. Ora quem é que o não conhece! Filho família dum advogado do velho burgo. Napoleão Bonaparte chama-o às armas, alista-o sob as suas bandeiras. É isto, não lhes parece? E éle aí vai, sob as bandeiras do general, batendo-se na Itália, no Egipto, na Austria para que o general seja Consul, para que o Consul suba a Imperador, e a França imperial estenda a mesa e o trincheiro sobre a toalha da Europa submetida. Pois o humilde *Bernardotte*, que aprende a subir a escada pelo amo galgada à maravilha, de soldado trepa a general, de general a marechal; e quando o amo a certa altura o procura entre os demais, depois da campanha da Rússia e das acções escandinavas, obriga-o a refestelado e a limpar o suor no trono da Suécia.

Quem quizesse pôr demanda contra os vastos segredos do difícil ofício de reinar, até contra o principio tradicional de que só sai bom rei aquele que vem da *Graça de Deus*, não precisava senão documentar-se com o elucidativo *Bernardotte*.

*Bernardotte*, rei por graça de si próprio, foi tão grande monarca que ainda hoje o choram as neves da Suécia e Noruega — unidas sob o seu ceptro magnânimo. E éle sentia-se tão amado pelas duas pátrias do norte, unânimes na consagração das suas virtudes e dos seus méritos, que reinou sob esta galante divisa: — *L'amour de mon peuple est ma recompense*.

Não cuidem, porém, que a cidade de Pau só pelo passado se corôa de merecidos louros. Seria grave injustiça pensá-lo, afronta insanável seria publicá-lo.

São muitos e notáveis os varões de hoje que lhe outorgam lustre e orgulho. Mas quasi tanto como o ser mãe de tão valiosos filhos a orgulha o ser a terra querida, o doce porto de abrigo, invenção ou estival, de quantos precisam fugir por algum tempo às tempestades do mundo, de quantos nas ciências e letras da França usam braço de timbre heráldico.

E isto não é de agora. Vem de longe. Ela experimentou o fraco de *Lamartine* pelos panoramas do *Boulevard*. Ela viu *Gauthier* prestando-lhe homenagem de vencido. *Taine*, o mestre dos mestres, concertou em mercê das suas belezas e sortilégios puras vozes de mago.

Por isso, a gente a entrar num hotel e sem demora a dizerem-nos do lado: — Olhe, aqui esteve *Victor Hugo*.

Pôde dar-se o caso de nunca termos alumiado a alma ao clarão de génio da *Légende des siècles*. Mas não temos mais o direito de legitimamente ignorar *Victor Hugo*.

Ao outro dia vamos jantar a um restaurante, onde solícitos nos informam: — Esta mesa era de *Daudet*. Aqui nutria os seus amados repouso estivais.

*Daudet*? E se até ali não abrazamos ainda o coração ao fogo crepitante da *Sapho*, levantámo-nos da mesa dispostos a conduzi-lo ao lume vivificador.

Foi assim, correndo o compêndio de história antiga e moderna, em vulgar conhecido por cidade de Pau, que eu pude saber, não qual a extensão da obra de *Gustave le Bon*, não qual o significado social da obra do mestre subtil: — mas



A Fonte da Avenida Thiers da cidade de Pau

o processo eminentemente pessoal de a conceber e corporisar.

Estava tomando chá no *Palais Beau Sejour*. A luz da tarde despedia-se no esmorecimento de lâmpada sem azeite. Uma voz amiga, dentre um sofá *Regência* e um tremó *Luiz XV*, pergunta, informando:

— Já lhe disseram que esta sala, no inverno, se transformava no quarto de *Gustave le Bon*?

— Ah! Dormia aqui?!

— Dormia... quando dormia. Vivía e trabalhava aqui.

— Não percebo...

E aí vem o conhecimento histórico, sem *Deve* para a vista nem *Haver* para o livreiro.

*Gustave le Bon* só por excepção se deitava no leito às horas do dormir. Em geral sentava-se nessa poltrona, — e indicava-me vasta poltrona, a meu lado — se

pretendia descançar, e sentado passava pelo sono.

O secretário, o seu dócil secretário, é que se deitava em cama armada na sala para a função assinaladamente animal do repouso. O pensador, esse passeava quasi sempre. Só vencido pela fadiga, se sentava e adormecia.

Acordando de súbito, porém, como se o sono não fosse senão a prova real tirada à operação das suas sentenças, ou um exame de consciência de olhos cerrados, acordava o secretário, intimava-o a escrever.

E no silêncio da noite, enquanto tudo ressonava em redor, o árbitro da *Psychologie des Multitudes* — o legislador das *Premières conséquences de la guerre*, decretava leis, ditava aforismos, construía capítulos. Depois, lentamente, adormecia. De novo acertava e provava a lei que havia de suceder à lei, o aforismo que devia completar o capitulo. O secretário voltava à lepez dos lençóis. Mas dentro em pouco o ditador acordava-o outra vez, para outra vez lhe dizer da sua justia, para éle outra vez escrever o ditado. E neste fluxo e refluxo de concentração e exaltação, queimando secretários continuamente renovados, que dando aos seus livros o aspecto gráfico da sucessão de artigos nas páginas dos códigos, — imprimindo-lhes, quantas vezes, a mesma hirsuta rigidez doutrinária — afrontava noites e noites na coreteza dos meses e anos.

— E de dia?

De dia passeava ao ar livre, debruçava-se do mundo sobre os jornais, abeirava-se do infinito através das revistas. Em certas horas vagas observava e conversava. Ouço reproduzir uma das suas conversas, ainda sob o domínio das trincheiras, ao profetisar o calvário da paz, muito mais cruel do que a via dolorosa da guerra: — conversa que parece o prefácio do volume citado em segundo lugar.

E enquanto o meu interlocutor vai falando, para meu regalo e minha instrução, aproximamente inconscientemente da janela. Esta janela abre para um terraço sobranceiro ao *Boulevard*. Este terraço olha noite e dia, talvez por sugestão do *Boulevard*, as altúzas da cordelheira.

Mas a montanha, aquela hora, vista do terraço, não é um ser material de contendas ou apetites, uma audácia de arremete contra o céu e contra Deus. O crepúsculo apouca-lhe a corpulência sob as cinzas do poente. Deixa-lhe apenas o que nela palpita de espiritual e alado: — a febre dos pináculos. E não sei se por isso, se pelo quê, a cordelheira, aquela hora, está recolhida, está a rezar, as mãos postas, ogivas místicas, em perfeita adoração.

*Mater amorabilis*, ensina aos filhos pequeninos — o choupou, o campanário, a chaminé — a oração de cada noite. E para que nada falte ao seu extase de santa, até o ar da lua nova, a tocar-lhe a cabeça, lhe serve de resplendor...

Mulheres-homens



TANTO em Londres como em New-York começam a aparecer pelas ruas, já com uma certa abundância, raparigas com fatos masculinos.

Em Paris



NA Avenida de la Grande-Armée, em Paris, realizaram-se «As festas da Primavera». Entre os números do programa, figurava uma corrida ciclista onde se apresentaram as mais bizarras bicicletas.

A graça alheia



A CAIXEIRA — É PEQUENO ESSE CHAPÉU... V. EX.ª TEM UMA CABEÇA, TALVEZ, UM POUCO GRANDE...  
O MARIDO — O QUE NÃO QUERE DIZER QUE TENHA LÁ DENTRO QUALQUER COISA.

PELO MUNDO FÓRA

A terra tremeu na Califórnia



EM catorze cidades e em cerca de sessenta vilas da Califórnia sentiram-se, entre as 5 e 55 da tarde e as 8 e 54 da manhã, vinte e três tremores de terra. Uma das cidades que mais sofreu foi Long-Beach. Os prejuízos sobem a alguns milhões de dólares. As canalizações da água rebentaram e devido a curtos-circuitos, manifestou-se fogo em numerosos prédios. Houve necessidade de convocar, pela T. S. F. os antigos combatentes para prestar socorros. Em Los Angeles e em Hollywood o pânico foi enorme. Nesta última cidade proclamou-se a lei marcial para dar caça aos gatumos que aproveitaram a ocasião para roubar. Em toda a região registaram algumas centenas de mortos e o número de feridos subiu a cinco mil. Os efeitos do abalo de terra também se fizeram sentir no mar — ao longo de Long-Beach. Segundo informou a Estação Metereológica, foi justamente a duas milhas daquela cidade — cuja vista ge al publicamos acima — onde se registou o centro do movimento principal do sísmico.

Campeonato Feminino de Bilhar



No Billard-Palace, de Paris, efectuou-se o Campeonato Feminino de Bilhar. Foi proclamada campeã a princesa d'Ouezzan, que se vê na gravura, entre as duas concorrentes que se lhes seguiram na classificação: Madame Soublet e Mademoiselle Sylviane Quinfe.

A corrida de cavalos «Grand National»



No hipódromo de Aintree, perto de Liverpool, e ante uma multidão entusiástica, realizou-se no dia 24 do mês passado, a grande corrida de cavalos «Grand National». O primeiro prémio foi ganho pelo cavalo «Kellsborao Jac», o segundo por «Really Time» e o terceiro por «Slaker».

A Feira de Lyon



A Feira Anual de Lyon foi inaugurada pelo presidente da República sr. Lebrun. Sempre acompanhado pelo sr. Herrriot — deputado-maire de Lyon — visitou durante dois dias demoradamente aquele certamen.

Nos Inválidos



Nos Inválidos, em Paris, foi condecorado pelo general Gouraud um antigo chefe de esquadrões de Kerantun. O govêrno francês concedeu ao mutilado da grande guerra o Grande Oficialato da Legião de Honra.

Trabalho de paciência



HEBERLEIN — operário em Mark-Neukirchen — construiu dois violinos minúsculos. Tem 5cm,9 de comprimento e pesam, os dois, três gramas. Cabem, como se vê, com estajo, na palma duma mão.

A graça alheia



— ANTES DE FUMAR DEVIA TER-ME PEDIDO AUTORIZAÇÃO.  
— SOU BASTANTE DELICADO PARA NÃO ME UTILIZAR DESSE MEIO PARA METER CONVERSA COM UMA SENHORA...

Um campeão de força



No Circo Medrano, de Paris, está-se exibindo um atleta — Geo Breitbard — que é campeão do mundo de força (pêso médio). É a principal atracção da companhia.

O teatro... e a vida



Na peça «Le bonheur», em cena no «Teatro dos Embaixadores», em Paris, estão trabalhando a grande atriz Huguette e o seu antigo marido Kafael Duflos, que ha dez anos estão divorciados Huguette, usa nos cartazes, desde a separação, o seguinte nome: Huguette ex-Duflos. A imprensa francesa registando o facto, pergunta: Será possível, agora, uma reconciliação?

Um novo jôgo



Em Paris, em todos os bars e bistrôs, está em moda um novo jôgo de dados: «diablotin», que conquistou a simpatia da população parisiense.

A graça alheia



OS PROBLEMAS DA CIRCULAÇÃO: O POLÍCIA: — ISTO É UM PEÃO OU UM CARRO?

# PELO MUNDO FÓRA

Os acontecimentos na Alemanha



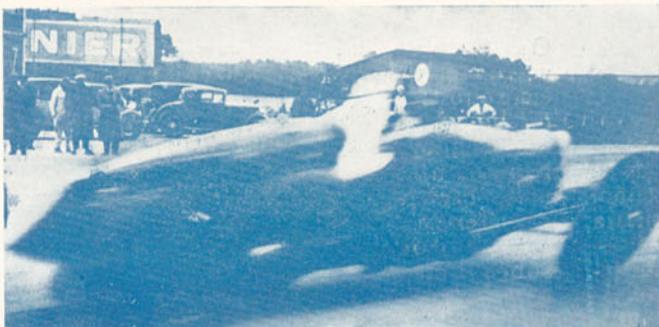
Os «nazis», desde que Hilter subiu ao poder, tem feito numerosas prisões de comunistas. Levam-nos depois para os seus quartéis e, com a ameaça duma espingarda, passam-lhe uma busca às algibeiras. Se lhes encontram armas, entregam-nos ao poder policial.

O juramento do Presidente Roosevelt



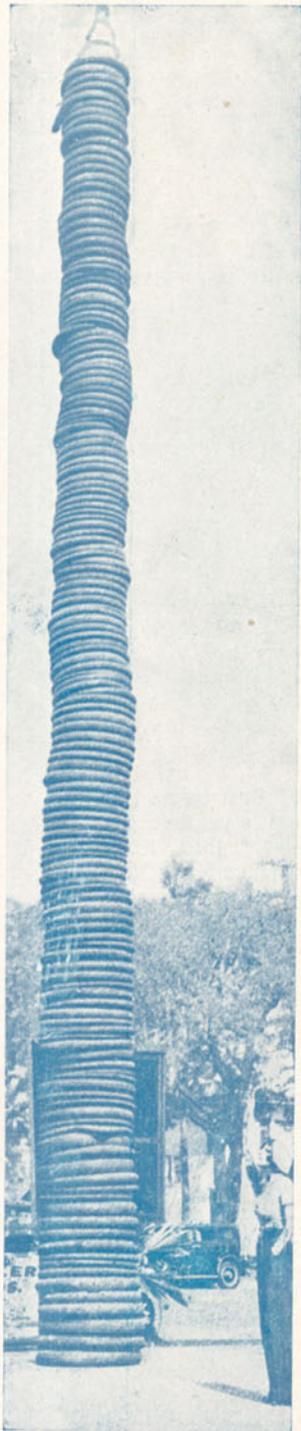
ENTROU em funções o novo Presidente da República dos Estados Unidos. Na gravura, vê-se o acto de prestar juramento. Roosevelt, de braço levantado, está em frente de Hughes, presidente do Tribunal de Justiça. À direita, ao centro, o antigo presidente Hoover, assiste à cerimónia. Roosevelt, que nas vésperas de tomar conta do seu alto cargo, foi vítima dum atentado, parece ir enfrentar a presidência da grande república norte-americana, com a calma necessária para resolver os altos problemas financeiros, que neste momento, affectam o novo mundo.

Um «record» de velocidade



INTERESSANTE fotografia tirada em Montlhery, no momento em que o corredor inglês Kaye Don, ao volante dum «Bugatti», alcançou a velocidade de 210 quilómetros à hora. Não conseguiu, no entanto, bater o record estabelecido antes e que pertence aos americanos.

Uma torre original



BECKY Juarez — comerciante em Hollywood — fez uma torre original, com velhos pneumáticos que conseguiu adquirir. Fez-se fotografar sentado no alto. Como teria subido para ali?

A graça alheia



— NÃO HOUVE NENHUM CASO DE LOUCURA NA SUA FAMÍLIA?  
— HOUVE, SENHOR DOUTOR. MINHA IRMÃ NÃO QUIZ CASAR COM UM MILIONÁRIO.



Mulheres transportando água

**E**STAMOS na Holanda, no Novo Mosa e vamos ancorar na Maashaven. Um "spido" leva-nos a Willems-plein. Pisamos terra: Rotterdam.

Entramos nesta cidade que nos traz reminiscências de Veneza, pelo seu grande número de pontes e canais. Em substituição das preciosidades artísticas daquela célebre cidade italiana, existem flores; esta outra maravilha da natureza que embalsama o ar e delicia a vista. Flores, rosas ou tulipas, a maior a mais flagrante característica da Holanda.

Flores! Rainhas, senhoras da nossa vida. Companheiras leais e sinceras que se associam às nossas máguas ou alegrias, dulcificando-as ou exaltando-as com a graça do seu colorido ou a fragância do seu perfume.

E neste país maravilhoso onde a paisagem é uma realidade e a fantasia alarga as suas azas num vôo sonâmbulo e quimérico, as flores adornam as janelas do palácio mais rico e da mais modesta habitação.

Tremem, brilham, cintilam, como símbolos de amor e ternura, como emblema da terra onde germinam!

As insitirmos dizendo que a paisagem holandesa é prodigiosa de colorido e fantasia não exageramos. Não existe um só recanto nas estradas — semelhantes a um longo "parquet", tal o seu asseio — que não mereça uns instantes de observação e interesse.

Distinguir, descrever isoladamente uma ou outra cidade ou estrada por onde tenhamos passado não é tarefa fácil. Todas elas têm o seu quê de encantador, de maravilhoso cenário de teatro.

De um lado, massiços de flores e verdura escondendo "chalets", e "vilas", verdadeiros ninhos de amor, autênticas casinhas de boneca em exposição numa vitrine de uma loja de brinquedos chique. Na outra margem da estrada, servindo-lhes de espelho, correm as águas dos rios e canais onde se reflectem as ramadas de fôlhas verde claro das árvores frondosas e seculares.

De um e outro lado um tapete de relva curta e viçosa, debruá a estrada, acompanha-a, zig-zagueia com ela, dando-nos a impressão de uma interminável e aveludada passeadeira verde.

O Mosa, agora, vai acima do nível da estrada. Desliza, corre, lentamente, vagarosamente, num murmúrio terno e acariciador das águas que se escoam através dos bosques densos e massiços ou das infundáveis campinas. Junto a nós, puxado por um cão, passa o característico carro para transporte de leite; mais além, um grupo de mulheres, vestidas com o interessantíssimo traje da região, transporta baldes com água.

Lá longe, manadas imensas de vacas pastam pachorramente, pondo uma nota de cor naquelas campinas verdes e incomensuráveis. Tudo aqui é belo e característico; desde os trajos aos moinhos, desde as cidades às aldeias.

Doorn e Haarlen!

Quem não terá ouvido falar do grande roseiral do Doorn ou das extensas plantações de tulipas do Haarlen?

A atmosfera, aqui é outra. O ar que se respira ententece e embriaga. O ambiente tem um aroma penetrante e agradável. A brisa envolve-nos, acaricia-nos, seduz-nos com a fragância das rosas ou o perfume delicioso das tulipas.

Em Haarlen estas flores germinam e crescem, cuidadas pelas mãos calosas de humildes camponeses e em Doorn as rosas vivem e morrem às mãos régias de um Imperador, às mãos do "Kaiser".

E, é vêr todas as manhãs, logo muito cedo, o Imperador Guilherme passeiar por entre o roseiral ou sentar-se num banco, no único banco que ali existe, colocado sobre uma colina, para assim melhor divisar a obra que produzira fóra da sua pátria.

## APONTAMENTOS PELA VELHA ESSE FORMOSO PAIS

Ali, só, afastado de protocolos e da corte que continua a rodeá-lo, o "Kaiser", num recolhimento religioso de extase e meditação vagueia o olhar e admira aquelas maravilhas da Natureza e os resultados da sua nova fase de sapiente floricultor.

Além da grande admiração que tem pelas flores, a holandêsa, possui, também, um culto extraordinário, pela casa e pela criança.

Muitíssimo "menagère", faz da sua casa um verdadeiro Paraíso, cuidando dela nos seus mínimos detalhes, buscando para o seu lar todas as comodidades e confortos. Raras são as casas que têm criada. É um luxo que se paga caro. A mais insignificante e desageitada criada afeuzer um ordenado mínimo de vinte florins.

Nota-se, desde o lar mais modesto ao mais abastado, o interesse e a graça da mulher holandêsa. Em todos eles se encontra, um ambiente de ordem, asseio e elegância desusados.

Como detalhe curioso diremos, que pode considerar-se uma excepção o lar que não possua um aparelho receptor de telefonia.

Se atendermos ao grande interesse que este povo nutre pela musica e à restrição das suas produções — o que os faz aceitar, jubilosos, as estrangeiras, ao ponto de serem disputados os lugares logo que é anunciado qualquer concerto — talvez encontremos explicação para a enorme existência dos aparelhos de telefonia, na Holanda.

Estamos em Hande Scheveningsche Weg, em direcção a Haia. Passamos



Rotterdam — Uma «passagem»

## DUMA VIAGEM HOLANDA DE PAISAGENS SUAVES

deante do Palacio da Paz, mandado edificar pelo milionario americano Mr. Carnegie.

Haia. Uma cidadezinha cheia de graciosidade e pintoresco. Entramos no Museu. Obras de arte, preciosidades, quadros celebres. As maravilhas: "Lição de Anatomia", e "Saul e David", de Rembrandt, "O Touro", de Paulo Potter e "Musette", de Mauritz.

"Saul e David"! Quanta vida e expressão, quanto colorido e arte não imprimiu Rembrandt àquela seu trabalho, àquelas duas figuras que se animam, que nos obrigam a sentir com elas, que nos emocionam, que nos atraem e estariam?! Quanta vida e eloquencia não tem esta obra de arte deante da qual os olhos do grande poeta brasileiro, Filinto de Almeida, se humedeceram de lagrimas?!

Mais quadros, mais nomes celebres e imortais: Murilo, Rafael, Tiziano, Leonardo da Vinci, Van Dick, Velasquez, Watteau e tantos, tantos outros, deante de cujos trabalhos a nossa alma se enternece e se extasia.

Retrocemos. Seguimos para Scheveningen, uma das elegantes praias da Holanda, uma praia onde se paga para lá entrar, que abre às tantas e fecha antes de pôr do sol. Cá em cima, uma extensa avenida donde se disfruta o mar. Fronteira à praia o grande "Hotel des Galeries". Mergulhando nas aguas do Mosa estão os alicerces de um "dancing", restaurante mundano e chique, o "Pavillon".

Nesta estancia banear cuidou-se de tudo: desde a "Kurhaus", o grande edificio destinado a concertos até ao modesto restaurante.

Mais praias: Katwijk, Noordwijk, ésta a do grande mundanismo, a praia da elite, e Zandvoort.

O marulhar das vagas que se espres-



Rotterdam — Koningspleinbrug

guçam na areia são lamentos constantes daquêl gigante que a estação invernosã fizera abandonar.

Está tudo deserto. Não ha ne-reides nem tritões, risos de mulher, chilrear de criança, batiques de "jazz".

Tudo é silencioso e triste, tão triste e pesaroso como o monotonissimo sussurrar do mar.

E aquilo tudo, tão alegre no verão, tão estonteante e seductor na estação calmosa, aquêles hoiteis, aquêles "dancings" que transbordavam vida uns meses antes, dão-nos agora a impressão de gigantescos tumulos onde o "brouhaha", daquela multidão de gente que anima e agita aquêles logares, hibernara e aguarda que os tépidos raios de um sol redentor o venha despetar.

Rotterdam, tem, de noite, também a sua característica.

A cidade toma um aspecto completamente diverso daquêl que apresenta durante o dia.

Os cinemas, os teatros e os "dancings" têm farta concorrência. Um dos "dancings", mais curiosos, pela sua originalidade, é o "Pshoff", situado no estremo da grande avenida Coolingsingel.

A sua originalidade está no recinto reservado para dançar: um grande quadrilatero em vidro, iluminado pela parte inferior, com lampadas multiculores e que por sua vez, e de quando em quando, dão claridade á sala e transformam os bailarinos em sombras fantásticas; graciosas e elegantes umas vézes, terríveis e hediondas outras, segundo as diferentes tonalidades da luz.

Uma outra artéria da cidade bastante curiosa, de noite, é Schiedamschedijk.

Esta rua animadíssima e comercial durante o dia é, á noite, a peor frequentada.

Os "dancings", e os restaurantes réles surgem, como por encanto, nas caves dos predios. Ha toques de pianola desafiada, e vozes roucunhas em "couplets", obscenos.

Mulheres que fazem do amor uma mercadoria, pululam ás esquinas, ás portas dos cafés, enxameiam ás ruas, fumando, trincando amendoim e dirigindo



Como se faz o transporte de leite

chufas aos que não reparam nos seus galanteios. Algumas traíam canções ordinarias que os "maquereaux" acompanhiam, assobiando.

Ha tipos de boina, interrogações desconfiadas, olhares prescutores. Aquela rua tão asseada, durante o dia, agora, transforma-se num monturo. Pisam-se cascas de amendoim e escorrega-se nos "cornichons", amolecidos, ou em marisco pódre. Papeis rasgados, trapos, farrapos que o vento arrasta para longe, unindo-os, confundindo-os no mesmo turvelinho, tudo ali existe, tudo se mistura, ra. Papeis, trapos, farrapos, omonimos daquelas, almas, daquêles corpos que por ali se exibem, ufanos, alardeando, num formidavel excesso de inconsciencia, a sua miseria, rindo e chalaceando como se caminhassem em terra firme como se os seus corpos e as suas almas não estivessem atascadas em lodo.

Mas isto é um detalhe, um simples episodio. Um detalhe de todos os países e de todas as cidades.

Um episodio que o aroma das tulipas e das rosas faz depressa esquecer, que a Holanda toda, faz olvidar rapidamente.

E ao abandonarmos este belo país começa a invadir-nos a saudade, a saudade desta paisagem que impressiona a nossa alma sentimental de portugueses, a sentirmos pena de não trazer commoço um pouco de tudo aquilo que daria maravilhosos motivos a um grande pintor, a um artista de genio.

Rotterdam.

Torres de Carvalho.



O grupo nacional que alinhou no primeiro Portugal-Espanha (18/12/1918)

AMANHÃ pela tarde, no Estádio de Baifidos pertencente ao Clube Celta, em Vigo, e como apoteose às festas da Semana Portuguesa organizadas nesta cidade, defrontar-se-ão pela nona vez as seleções nacionais de "foot-ball", espanhola e portuguesa. Este encontro, continuando a tradição entusiástica dos seus predecessores, despertou no meio desportivo nacional um interesse extraordinário, levando deabalada até à acanhada capital galega alguns milhares de portugueses.

Não pudemos esquecer que a Espanha nos deu em 1921 o baptismo desportivo internacional, e, desde então, sempre as lutas sustentadas contra os seus valorosos representantes constituíram o acontecimento culminante da nossa actividade desportiva.

Talvez porque, sendo vizinhos, os clubes e jogadores espanhóis gosam de grande popularidade entre nós; talvez porque a vida do desporto na nação irmã nos é familiar; talvez porque através a história das duas nacionalidades os pontos de contacto são frequentes e a simpatia mútua demonstrada com abun-

Não existem, nem um declínio tão acentuado na classe dos nossos adversários, nem um progresso excepcional do valor dos nacionais, para que seja lógico prever com fundamento um resultado que destrua a lei da tradição.

A poucas horas deste novo encontro, recorde-mos, numa rápida visão, o que foram os anteriores jogos entre portugueses e espanhóis, os únicos em que nunca nos foi possível terminar vitoriosos. O balanço actual cifra-se em sete derrotas e um empate na época suprema de 1928, durante a qual a equipe portuguesa voou de triunfo em triunfo até às jornadas consagrantes de



A selecção portuguesa que jogou no 2.º Portugal-Espanha (17-12-1917)

Cândido de Oliveira (C. P. A. C.); José Maria Graíha (C. P. A. C.), António Lopes (C. P. A. C.), António Ribeiro dos Reis (S. L. B.), Alberto Augusto (S. L. B.) e Artur Augusto (F. C. P.).

Pela Espanha jogaram Zamora, Pololo e Arrate Balbino, Meana e Fajardo; Pagasa, Arbide, Sesemaga, Alcantara e Olaso. Arbitrou o belga Barette no velho campo do Atletico de Madrid.

O começo do jogo foi incerto para os portugueses, pouco à vontade no ambiente e enervado pela responsabilidade. Aos cinco minutos, rematando um livre apontado da direita, o médio centro Meana enfiava a bola nas rédes de Guimarães com uma formidável cabeça.

Este facto mais perturbou ainda os nossos rapazes, que aceitaram um intenso domínio contrário, concretizado cinco minutos mais tarde por um segundo "goal", de Paulino Alcantara. Apesar de uma superioridade evidente do adversário, conseguimos alcançar o intervalo sem alteração de "score", graças ao excelente trabalho da nossa defesa e tendo perdido uma bela ocasião de marcar num passe de Ribeiro dos Reis que a asa direita deixou escapar. Na segunda parte Alcantara marcou um novo ponto, um ponto absurdo que não estava talvez nas intenções do seu autor.

O grupo nacional que jogou no quarto Portugal-Espanha (17-5-1921)



# O jogo Portugal-Espanha na história do "foot-ball" português

lizou-se em Madrid, no dia 18 de dezembro de 1928 e terminou pela nossa derrota por 3 a 1.

A linha portuguesa era assim constituída: Celos Guimarães (C. I. F.); António Pinho (C. P. A. C.)

O último quarto de hora permitiu a ressurreição das energias portuguesas; todos se lançam resoluções à conquista do campo adversário, ao assalto das redes de Zamora que não tem ocasiões de des-



A equipe portuguesa que jogou o 6.º Portugal-Espanha (8-1-1928)

canço. Aos trinta e cinco minutos Fajardo mete mão à bola sendo castigado com uma grande penalidade que Alberto Augusto transforma no ponto da honra, apontando para a esquerda; Zamora ainda tocou na bola, mas não conseguiu impedir a sua entrada. Até final dominamos sempre, mas em vão; o resultado estava firmado. Os melhores: Vítor Gonçalves, Jorge Vieira e Pinho.

Um ano mais tarde, 17 de dezembro de 1922, no Estádio de Lisboa, segundo encontro.

Portugueses: o mesmo trio defensivo, a linha média Fernando Jesus (S. L. B.), Vítor Gonçalves (S. L. B.), Henrique Portela (S. C. P.), o quinteto avançado Tórreres Pereira (S. C. P.), Jaime Gonçalves (S. C. P.), João Francisco (S. C. P.), Alberto Augusto (S. L. B.), Alberto Rio (C. F. B.).

Espanhóis: Zamora, Montesinos, Careaga, Samitier, Meana, Peña, Pagasa, Píera, Monjardín, Carmelo, Acedo.

Arbitra o francês Balway.

Encontro memorável, aquele em que mais perto estivemos da vitória. Ao chegar o intervalo Portugal levava a vantagem de 1-0, um ponto marcado imparavelmente por Jaime Gonçalves aos 38 minutos, tendo no decurso do tempo mantido um

O grupo nacional que jogou no oitavo Portugal-Espanha (30-1-1930)

constante entusiasmo traduzido pelas mais perigosas situações em frente da balisa de



O grupo nacional que alinhou no quarto Portugal-Espanha (17-5-1921)

Zamora. Mas na segunda parte a maior experiência e a mais completa preparação física dos espanhóis impuseram-se à vontade dos lusitanos; ao quarto de hora,

Monjardín empatava no remate de um "corner", e vinte minutos mais tarde o mesmo jogador repetia a proeza e decidia a vitória do seu grupo por 2-1.

Os melhores: António Pinho, Fernando Jesus, Tórreres Pereira.

O terceiro encontro, novamente um ano exacto

volvido (16 de dezembro de 1923), foi para o nosso brio um doloroso desaire, emaltado de incidentes disciplinares que enegreceram a atmosfera antes dos mo-



O grupo nacional que se encontrou com Espanha, pela sétima vez (17-3-1929)

mentos do jogo. Alinharam por Portugal: F. Vieira (S. L. B.), Pinho (C. P. A. C.) e Joaquim Ferreira (S. C. P.), Fernando

de Jesus (S. L. B.), Filipe dos Santos (S. C. P.), Henrique

Portela (S. C. P.), Fernando António (C. F. B.), Alberto Augusto (S. C. B.), Balbino (F. C. P.), Jesus Crespo (S. L. B.) e Alberto Rio (C. F. B.).

Pela Espanha: Zamora, Pololo, Hermínio, Samitier, Sancho, Peña, Píera, Spencer, Zabala, Alcántara e Del Campo.

O jogo efectuou-se em Sevilha, arbitrado pelo belga Putz, e não tem história; perdemos por 3-0 devido ao esforço titânico dos homens da defeza que se multiplicaram, desamparados pelo descalabro da linha avançada, absolutamente nula.

Foram eles os heróis do encontro, alma de portugueses, destacando-se Pinho, Filipe dos Santos, Vieira e Portela.

Em 17 de Maio de 1925, Lisboa recebeu festivamente pela segunda vez os jogadores espanhóis, que nos batem por 2 bolas a 0.

Grupo nacional: F. Vieira (S. L. B.), Joaquim Ferreira e Jorge Vieira (S. C. P.), Raul Figueiredo (S. C. O.), Augusto Silva e César de Matos (C. F. B.), Mário de Carvalho (S. L. B.), Jaime Gonçalves e João Francisco (S. C. P.), José Carlos

Delfim (S. C. O.) e Manuel Rodrigues (C. F. C.).

Grupo espanhol: Zamora, Quesada, Hermínio, Samitier, Gamborena, Peña, Píera, Cubels, Oscar, Carmelo e Aguirre-Zabala.

Dirigiu o encontro o francês Vallat. A sorte desproteu a equipe de Portugal, que não merecia a dureza do resultado. A luta travada foi de molde a honrar a classe do "football" nacional conseguindo os portugueses impôr muitas vezes o seu jogo à classe dos adversá-

rios, que com frequência recorreram a uma dureza condenável.

Distinguiram-se Jorge Vieira, João Francisco e Augusto Silva.

Duas épocas decorridas, em 29 de maio de 1927, deslocávamos novamente a Madrid o onze representativo, composto por António Roquete (C. P. A. C.), Pinho (C. P. A. C.) e Vieira (S. C. P.), Figueiredo (S. C. O.), Augusto Silva e Cesar de Matos (C. F. B.), Liberto dos Santos (U. F. C.), Jorge Tavares (S. L. B.), João dos Santos (V. F. C.), José Manuel Soares (C. F. B.) e José Manuel Martins (S. C. P.).

A Espanha opunha-nos a sua equipe B, porque nesse mesmo dia os melhores de frontavam a Itália. Alinharam contra nós: Eizaguirre, Perelló, Garrobé, Regueiro, Molina, Carulla, Gonzalo, Valderrama, Oscar, Polo e Sagibarba.

Arbitrou o inglês Crew, cujo trabalho deixou bastante a desejar.

A primeira parte terminou com os dois grupos empatados a zero, sendo portuguesa a superioridade territorial e nossas também as probabilidades mais seguras de marcação. No segundo tempo o árbitro validou aos espanhóis um "goal", no remate de um canto, o qual fôra precedido de uma falta flagrante e, quasi ao terminar, um segundo ponto, regular. Perdemos, portanto, por 2-0.

Em 8 de janeiro de 1928, pela sexta vez, os dois grupos se defrontam, servindo de cenário o Estádio do Lumiar e de director do jogo o famoso inglês Prince Cox.

Portugueses: Cipriano Nunes (S. C. P.); Carlos Alves (C. F. C.), Jorge Vieira (S. C. P.), Figueiredo (S. L. B.), Augusto Silva e César de Matos (C. F. B.), Wal-

demar Mota (F. C. P.), João dos Santos (V. F. C.), Vitor Silva (S. L. B.), Armando Martins (V. F. C.) e José Manuel Martins (S. C. P.).

Espanhois: Zamora, Vallana, Zaldua, P. Regueiro, Gamborena, Trino, Lafuente, L. Regueiro, Samitier, Goiburu e Kiriki.

Obtivemos o melhor resultado contra o clássico rival, empatando a duas bolas, após um magnífico encontro que fazia presagiar já os sucessos olímpicos de Amsterdão.

Aos vinte e cinco minutos da primeira parte, José Manuel Martins colocava Por-



O «goal» marcado por Jaime Gonçalves a Zamora no 2.º Portugal-Espanha

regressavamos com um doloroso 5-0 de triste recordação. Era esse o ditame do destino, que os portugueses não mereciam. Os "goals" foram todos marcados na primeira parte e a sorte era-nos tão adversa que até um "penalty" concedido, o saúdoso José Manuel Soares falhou. Arbitrou o belga Langenus.

Jogaram por Portugal: Roquete (C. P. A. C.), Carlos Alves (C. F. C.), Martinho Oliveira (S. C. P.), Raúl Figueiredo (S. C. O.), Augusto Silva (C. F. B.), Manuel Gonçalves (S. C. P.), Waldemar Mota (F. C. P.), Jorge Tavares e Vitor Silva (S. L. B.), José Manuel Soares e Alfredo Ramos (C. F. B.).

Pela Espanha: Zamora, Quesada, Urquiza, Prats,

Solé, Peña, Lazcano, Triana, Rubio, Padron, Bosch. Os seleccionados nacionais, embora corajosos, não brilharam no conjunto: Augusto Silva e Carlos Alves, os grandes jogadores de sempre.

A terminar a série os espanhóis vieram jogar ao Pôrto em 30 de novembro de 1930, no periodo em que o "football" português se debatia numa crise tremenda, amputado de alguns dos seus melhores valores. Presumia-se uma catástrofe, mas a energia portuguesa não conhece limites e o "score", final limitou-se a 1-0 a favor do adversário.

Portugal: Artur Augusto, Carlos Alves e Avelino Martins; Raúl Alexandre, Álvaro Pina e Álvaro Pereira; Waldemar Mota, João dos Santos, Sousa, Armando Martins e Castro.

Espanha: Blasco, Ciriaco, Quincoces, Prats, Guzman, Peña, Lafuente, L. Regueiro, Goiburu, Chirri e Gorostiza.

O "goal", da vitória foi marcado pelo médio José Maria Peña, no remate de um canto.

Salazar Carreira.



A troca de ramos entre os capitães dos grupo espanhol e português, que jogaram o 1.º Portugal-Espanha, Mariano Arrate e Cândido de Oliveira, assistidos pelos presidentes das respectivas federações, srs. dr. Armacheca e Raúl Nunes

tugal em vencedor transformando uma grande penalidade; mas cinco minutos mais tarde os espanhóis empatavam pelo mesmo processo.

A um quarto de hora do segundo tempo Goiburu marcava a segunda bola

do seu grupo, mas, a cinco minutos do fim João dos Santos rematava um centro de José Mannel e nivelava novamente o marcador.

Os três médios e José Manuel Martins foram os jogadores mais apreciados.

No ano seguinte, em 17 de março, fazíamos a nossa segunda visita à fatídica Sevilha, donde



No 6.º Portugal-Espanha João dos Santos marca outro «goal» ao «mestre» Zamora

# BUSCANDO A LUZ DO AMOR

**P**ARECE uma novela o que vou escrever, mas é simplesmente a verdade.

De resto, não há nada inventado na vida, no que respeita a acontecimentos da sorte.

Quando o romancista pensa que achou um assunto raro, qualquer coisa de novo, engana-se sempre. Como dois pensamentos se encontram muitas vezes, o que os franceses definem assim: «Les beaux esprits se rencontrent», também a fantasia se junta frequentemente à realidade.

Há sempre, em qualquer cantinho do mundo, criaturas como a nossa imaginação desenha, e sempre se dão por aí algures os casos que julgamos só existirem no nosso espírito inventivo.

Afinal, desde o princípio do mundo, tudo se repete. As paixões, os ódios, as ambições, as malquerenças, os rasgos de heroísmo e as fulgurações de bondade são sempre os mesmos, tal qual como na roleta são sempre os mesmos números que marcam a fortuna ou a desgraça do jogador.

É questão de fazer girar a roda. E depois o destino aponta o algarismo escolhido.

Os mesmos números trazem a riqueza e a miséria.

Os mesmos sentimentos enchem de claridade a vida ou nos mergulham na escuridão.

Mas basta de filosofar. Já vamos voltar ao assunto que me propuz trazer a lume, para regosijo dos espíritos sedentos de beleza, mesmo quando essa beleza se enquadra numa moldura pobrezinha e tósca.

Dois cegos. Ela, ceguinha de nascença; êle, cego por desastre no trabalho. Ela nunca soube qual era a côr do céu, nas noites estreladas e luarentas em que apetece vagabundear pelas estradas, mão na mão da criatura que o nosso coração escolheu, desfiando promessas de amor eterno — uma eternidade que não passa de semanas, quando muito de alguns meses penosamente esticados.

Mas a mentira do amor é tão deliciosa, pelo que encerra de felicidade, embora illusória, que faz pena que alguém viva sem ela.

Ainda agora li, numa carta dum gentilíssimo espírito feminino, esta frase, a propósito do meu livro recente *Como se conquista um homem*:

«Apesar de tudo quanto de mau há no homem, de egoísmo, de animalidade, é muito triste não se amar nenhum...»

Que poema de desalento, que travo

amargo de desilusão encerra êste simples desabafo!

Sim, o homem com todos os seus defeitos, é quem guarda o segredo da palavra maravilhosa, o «abre-te Sesamo» da nossa ventura.

É muito triste que em nossa alma se amontõe o gêlo da desilusão, já tão endurecido, que a palavra mágica não consiga derretê-lo ou abrir, pelo menos, uma brecha por onde se escõe lentamente.

Mas mais triste ainda é não ter nunca ouvido essa mentira sublime, mais triste, muito mais, não ter provado o fel da traição, que só vem depois do mel dos beijos que embriagam.

Pois a minha ceguinha sempre sosinha na vida, trazendo dentro de si um lindo sonho, um sonho mal definido,

Como é possível que sem se verem duas criaturas se enamorem uma da outra?

Se não houvesse já outras provas, argumentos seguros de que o amor não é só tocado pelos encantos corporais, tínhamos agora êste exemplo flagrante de que há con-

dutores misteriosos dos seus filtros, que passam pelo coração, antes de interessarem o envólucro carnal.

A voz doce e suavíssima da Cándida — nunca um nome foi tão bem posto — fez vibrar as fibras reconditas do cego que já do mundo tudo conhecia e, então, suas palavras sentidas de encantamento deslumbraram a ceguinha que nunca tinha ouvido a música divina do amor.

E logo se sentiu presa e logo entregou a sua bôca à primeira bôca que a procurou.

Ele prometeu-lhe reparar a falta a que só a loucura de uma hora ha tanto esperada o levou, e cumpriu.

Vi-os casar. Alguem que não quer ser nomeado e que no acto teve uma parte importantíssima, alguem a quem uma

modestia imoderada quer esconder um grande coração, falou-me destes noivos com tanto carinho, que não resisti a ir vê-los realizar o seu belo sonho.

Que amorsinho de gente! Simpáticos, não por essa simpatia que vem das feições ou da elegância da figura, mas por essa outra simpatia mais forte e mais impressionante que irradia das almas.

São pobrezi-nhos, muito pobrezi-nhos, e até quando foram tratar de legalisar a sua união não

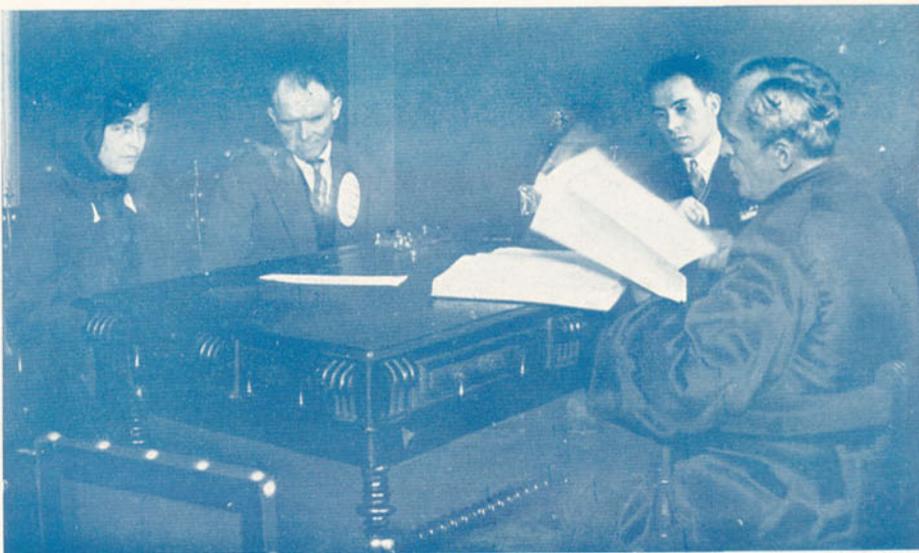
queriam aceitar o meio dia, porque era a hora de irem á sopinha da caridade.

Ainda aí lhes valeu a mesma alma que os apontou ao meu interesse, dando-lhes dinheiro para o jantar das suas bodas.

Mas não pensem que são êses pobres andrajosos e sujos. Ela, de mantilha preta como os seus olhos, que deviam ser lindos se não lhes faltasse a expressão, muito lavadinha; êle, arranjado como se mãos femininas o cuidassem, mãos que tivessem olhos a dirigi-las.

Que Deus os abençõe e os guie!

Faltou-lhes a luz da vista, êles voltaram-se para outra luz — essa que entra nos salões e nas choupanas, essa que ilumina e aquece os antros mais sombrios — a luz bendita — a luz do Amor!



O sr. dr. João Eloy, ilustre conservador do Registo Civil, procedendo ao casamento dos ceguinhos Cándida Rosa e Henrique Cardoso

mais presentido que sentido, passou os mais lindos anos da sua vida sem ouvir essa frase deliciosa que faz estremecer carne e nervos e faz pulsar mais forte o coração — «Amo-te!»

E assim ia vivendo, sem ver nada do que ia pelo mundo, mas adivinhando que devia haver, na terra, uma doçura maior do que os bolos que as meninas ricas lhe davam, condoídas da sua sorte.

Êle, que já tivera vista, que já conhecera amores, talvez falsos mas saborosos, que vira as maravilhas da natureza, nas árvores, nos regatos e nas flôres, quando cegou, julgou-se perdido para as galas do mundo e teve medo da solidão.

Mas os fados foram-lhe propícios. No Asilo da Senhora da Saúde onde o internaram, Henrique Cardoso encontrou a alma gémea da sua na Cándida Rosa — a ceguinha de nascença.

NAS Mercês, povoação situada nas abas da serra de Sintra, realiza-

-se, todos os anos, no terceiro domingo de outubro, uma das mais interessantes feiras dos arredores de Lisboa.

Acorre ali, nessa ocasião, enorme concorrência de gente de toda aquela redondeza, atraída pela originalidade da sua feira.

Rialmente, a Feira das Mercês, é cheia de colorido e pitoresco e quasi que podíamos escrever: de inéditismo, pois o que ali se vê é um pouco diferente do que se observa nas outras feiras.

É curiosíssimo observar, espalhadas pelo chão de todo aquêlo recinto, as inúmeras frigideiras de barro assentes sobre pedras, entre as quais arde a fogueira que frege a mais saborosa carne de porco que se come por êstes sítios, a qual exala um cheiro que recende...

Aquilo que bem cheira melhor sabe e, por isso, não há ninguém que vá à Feira das Mercês que resista à tentação de comer a carne de porco frita nas frigideiras de barro... com poeira à mistura...

Há quem afirme que é, precisamente, a poeira, à laia de pimenta, que lhe dá gôsto, que torna aquela carne mais saborosa do que nenhuma outra...

Quem sabe se o chão da Feira das Mercês, donde se levanta a poeira que «tempéra» a sua carne de porco, não é uma das muitas especiarias que as caravelas portuguesas nos trouxeram da Índia distante!...

Além disto, aparecem ali as bôas peras pardas e as belas castanhas assadas...

Ha, também, para alegria dos gulosos, dezenas de vendedeiras de bolos da região, postadas diante dos seus cêstos de vêrga, guarnecidos de alvas toalhas de linho.

Para «empurrar» tudo isto, existe, em grande quantidade, o belo sumo da uva, que jorra, espumante, dos pipos e das pi-

# A FEIRA DAS MERCÊS

## E O «MURO DO DERRÊTE»

pas que os feirantes vêem esvasiar com a mesma satisfação com que os bebedores sentem encher os estômagos e os respectivos vapores alcoolicos subirem às cabeças...

As «barbearias» improvisadas formam outro aspecto curioso da Feira das Mercês, muito digno de observação.

A clientela, constituída, exclusivamente, de saloios, traz, em geral, as guedelhas muito compridas... Parece que alguns dos fregueses não cortam o cabelo senão de ano a ano...



Aspecto geral da Feira das Mercês em outubro do ano passado

As barbas também são de respeito... Os barbeiros, para mais depressa escañoarem os queixos dos «queixosos» da aspereza das navalhas, metem-lhe os dedos na bôca!... E êles não abrem a bôca para protestar contra aquela falta de higiene, talvez com medo que o «mestre-escama», «escamado», lhes corte as guêlas...

Há mestre barbeiro que, na falta de cadeiras de encôsto, encosta as cabeças dos fregueses à parede!... E êles suportam aquilo tudo com uma resignação verdadeiramente de santos!

Outro aspecto interessante da antiga feira é-nos dado pelo local onde se realiza a compra e venda de gado.

É um quadro que merece observação

demorada. Há, no espaço destinado a êsse fim, gado de todas as espécies. As transações

são muitas, porque muita é a gente que ali vai, todos os anos, para isso.

Os ciganos, êsses admiráveis negociantes que têm, como ninguém, a arte de convencer, aparecem na Feira das Mercês, como aparecem em todas as outras feiras, conseguindo «impingir» burros e cauales cegos aos saloios que têm a prosápia de ter os olhos bem abertos...

Mas a nota mais típica daquela feira é o célebre «Muro do Derrête».

Próximo da capelinha, há um muro baixo, junto do qual se vêem, uns sentados, outros de pé, os saloios e as saloias que se namoram, «derretendo-se» à vista de toda a gente...

É devêras interessante vêr aquêles idílios amorosos, aquêlo arrulhar de pombinhos inocentes... saloioamente falando...

Êles e elas, envergando os seus fatos domingueiros, mostram-nos os mais curiosos tipos da região saloia. Alguns dos rapazes, trajando jaqueta e chapéu largo ou barrête, encostam-se a compridos varpâus.

Elas, de vestidos de côres as mais garridas, ostentam os seus grandes cordões de ouro que fazem inveja... aos amigos do alheio... E ali conversam os «conversados»... É vê-los, todos «derretidos» no «Muro do Derrête» sorrindo-se e apertando-se as mãos...

E os saloios olham de soslaio, desconfiados de que lhes cobissem os «derrêços»...

E aí daquêle que se «astreva» a dizer uma graça a uma cachopa, por que o menos que lhe pode acontecer é «derretirem-lhe» as costelas com um cajado...

O «Muro do Derrête» da Feira das Mercês é a verdadeira ala dos namorados... saloios...

Lima Pereira.

NA LIGA NAVAL

UM BAILE DO PESSOAL  
DOS TELEFONES

O pessoal da Companhia dos Telefones, com um espírito de colectivismo quási invulgar em agremiações portuguesas, realizou no passado sábado 18, nos lindos salões do palácio Palmela, um baile a que assistiram mais de 500 pessoas e que constituiu uma

*O administrador geral da Companhia dos Telefones sr. Pope e sua esposa, assistindo ao baile*



*Aspecto geral da assistência ao baile*



festa marcante pela sua alegria, entusiasmo e bom gosto.

Desde o administrador geral em Portugal, às modestas telefonistas, a quem Lisboa, nas horas amargas dos seus sobressaltos, deve o sossego e a tranquilidade pública, todos os empregados da Anglo-Portuguese Telephone Company, fôram gentilíssimos para os seus convidados, dansando-se animadamente até de madrugada, e sendo servida uma esplendida ceia depois do pequeno sarau que coroou o baile.

*Um grupo de gentis telefonistas, posando para o nosso fotografo*

Festas de caridade

NO SÃO LUÍS CINE

Com uma enorme e selecta concorrência, realizou-se na tarde de segunda feira última, no São Luís Cine, gentilmente cedido pela empresa A. Ramos Limitada, uma interessante «matinée de arte» de caridade, levada a efeito por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, sob a presidência da sr.<sup>sa</sup> Duqueza de Palmela, e da qual faziam parte D. Beatriz Viveiros Pereira, D. Berta Mauperrin Santos Castelbranco, D. Catarina de Vilhena de Sousa Rego, Condessa de Arge, Condessa de Proença-a-Velha, D. Isabel Ortigão Ramos Jorge, D. Maria Adelaide de Castro Pereira Balsemão, D. Maria da Assunção Schroeter Viana, D. Maria Carlota de Saldanha Pinto Basto, D. Maria Isabel de Sousa Rego de Campos Henrique, D. Maria de Lancastre Van-Zeller, D. Maria de Lourdes Passos Pinto de Moraes Palmeiro, D. Maria Luíza de Magalhães Coutinho da Camara e D. Tereza d'Orey Pinto Basto, cujo producto se destinava a favor das Oficinas de José e da Sopa dos Pobres da Freguezia de S. Sebastião da Pedreira.

O programa que foi rigorosamente cumprido, constituiu sem duvida alguma um verdadeiro acontecimento artistico, tendo os números de cantos da auctoria da illustre compositora sr.<sup>sa</sup> Condessa de Proença-a-Velha, agradado muitissimo, não só pela forma como foram executados pelas distinctas amadoras de canto sr.<sup>as</sup> D. Maria Luíza Vieira Lisboa, D. Arminda Cordeiro, D. Maria Amelia Cid e côro, e pelo sr. D. João Seabra da Camara, que fizeram com as suas belas vozes realçar essas inspiradas páginas, nas quaes a illustre titular pôz em destaque a sua grande alma de artista consagrada.

O distintissimo médico sr. dr. Carlos Santos (filho), fez uma pequena conferencia, que também foi recebida com entusiasmo pela selecta assistência.

Festas como esta, ficam para sempre gravadas a letras de ouro nos anaes mundanos, não só pela sua freqüencia, mas sobre tudo pelo cunho de arte que revestiu.

A comissão organisadora deve estar plenamente satisfeita, com os resultados obtidos sobre todos os pontos de vista, artistico financeiro e mundano.

NOSSAS SALÕES

Festejando o aniversario natalício de sua gentil filha D. Maria Tereza, ofereceram a sr.<sup>sa</sup> D. Izilda Cardeal de Andrade e o sr. dr. Domingos de Andrade, na sua elegante residência à rua Elias Garcia, uma brilhante festa, que constou de baile, que decorreu sempre no meio da maior animação e alegria, tendo sido apenas interrompido para ser servido no salão de mesa, uma finissima ceia.

Os vastos salões da elegante residência, viveram nessa noite alguns momentos de inefável prazer espiritual.

Os illustres donos da casa e sua filha foram de

# VIDA ELEGANTE

uma cativante amabilidade para com os seus numerosos convidados, que se retiraram gratissimos, com os deliciosos momentos que lhes proporcionaram.

NO AUTOMÓVEL CLUB DE PORTUGAL

Está sendo aguardado com verdadeiro interesse no meio elegante, o Baile de Caridade, que na noite de sábado de Aleluia, se realiza nos suntuosos salões do Palácio Palmela, ao Calhariz, onde está instalado o aristocrático Automóvel Club de Portugal, cujo producto se destina a favor do fundo de assistência ao profissional do volante.

Os pedidos de bilhetes para esta elegante festa de caridade, que decerto vai marcar pela animação e elegância, devem ser dirigidos à Comissão



Aspecto da assistência a festa realizada na residência da sr.<sup>sa</sup> D. Izilda Cardeal de Andrade e do sr. dr. Domingos de Andrade, por ocasião do aniversario da sua gentil filha sr.<sup>sa</sup> D. Maria Tereza

de Festas do Automóvel Club de Portugal, Palácio Palmela, telefone 2 0245.

Casamentos

Após o registro civil de que foram padrinhos a sr.<sup>sa</sup> D. Carmen Vaz Ferreira de Andrade Vale e o sr. dr. Henrique Vaz Ferreira, respectivamente irmã e tio da noiva, realizou-se na paróquia de S. Cristóvão, o casamento da sr.<sup>sa</sup> D. Mercedes Vaz Ferreira de Andrade, filha da sr.<sup>sa</sup> D. Isaura Vaz Ferreira de Andrade e do sr. Manuel Lopes de Andrade, antigo secretário da Tutoria da Infância, com o sr. Nuno da Costa Alves, filho da sr.<sup>sa</sup> D. Isabel Maria Alves da Costa e do sr. Sabino Alves.

Serviram de madrinhas a mãe e a cunhada da noiva sr.<sup>sa</sup> D. Maria Madalena Ferreira de Castro de Andrade e de padrinhos o irmão da noiva sr. Ermani Vaz Ferreira de Andrade e o pai do noivo.

Finda a cerimônia religiosa, foi servida na

residência dos pais da noiva, um finissimo lanche, partindo os noivos depois para Sintra, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido grande número de valiosas e artisticas prendas.

— Na capela do Palácio Fronteira, onde residem os srs. Condes da Torre, realizou-se com muita intimidade, o casamento de sua gentil filha D. Leonor, com o sr. José Vahia Neves, filho da sr.<sup>sa</sup> D. Palma Vahia Neves e illustre clinico sr. Dr. António Cassiano Neves.

Foram madrinhas as tias da noiva sr.<sup>as</sup> D. Maria do Carmo de Lacerda Penalva e D. Maria Luíza de Mascarenhas Fiuza, e padrinhos o sr. Joaquim Felisberto Sotto Maior, que se fez representar por seu filho Joaquim e o pai do noivo.

Terminada a cerimonia religiosa, foi servida no salão de mesa do Palácio Fronteira, um finissimo lanche.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artisticas e valiosas prendas.

— Realizou-se na paróquia de S. Sebastião da Pedreira, o casamento da sr.<sup>sa</sup> D. Maria da Conceição da Silveira Durão, interessante filha da sr.<sup>sa</sup> D. Graziela Emilia da Silveira Durão, e do

sr. Joaquim José Sardinha Durão, com o sr. António de Arantes e Oliveira, filho da sr.<sup>sa</sup> D. Maria Inocência Galvão de Arantes e Oliveira e do sr. José António de Carvalho e Oliveira.

Serviram de madrinhas as sr.<sup>as</sup> D. Virginia Chatelanaz e D. Maria Olímpia Braz de Oliveira, e de padrinhos os srs. D. Sebastião Gil de Borja Macedo e Menezes e João Braz de Oliveira.

Celebrou o acto religioso, o reverendo Tomaz Borba, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Finda a cerimonia foi servido na elegante residência dos pais da noiva um finissimo lanche, da pastelaria «Versailles».

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas e artisticas prendas.

— Para o sr. Jorge Maria de Saldanha da Gama de Cabedo e Vasconcelos (Zambujal), filho dos srs. viscondes de Zambujal, foi

pedida em casamento em Moçambique, pelo Principe Luiz de Bourbon e Parma, a sr.<sup>sa</sup> D. Lygia Moraes Corrêa de Sá.

A cerimonia deverá realizar-se no verão.

— Sendo celebrante o prior de Bemfica, reverendo Francisco Maria da Silva, que no fim da missa fez uma brilhante alocução, realizou-se o casamento da sr.<sup>sa</sup> D. Maria Helena de Mendonça Alves, gentil filha da sr.<sup>sa</sup> D. Cacilda Dias de Mendonça Alves e do sr. Henrique de Mendonça Alves, com o sr. Mário de Oliveira Neves, filho da sr.<sup>sa</sup> D. Ana Augusta Soares Neves e do sr. José Alves de Oliveira Neves, já falecido.

Foram madrinhas as mães dos noivos e padrinhos o pai da noiva e os srs. Fernando da Silva Belo e Alvaro da Silveira Azevedo.

Finda a cerimonia religiosa, foi servido um finissimo «lanche», partindo os noivos depois para Nice e Monte Carlo.

D. Nuno

# AMÔRES DO MAR COM A AREIA

**A** areia fina que pisamos in-  
diferentes, quando nas tar-  
des quentes do verão pas-  
seamos numa praia, e que as crianças amol-  
dam em figuras ou castelos exóticos pouco  
a pouco desfeitos com o esbater das ondas, é  
um repositório de segredos que o mar beija e  
acaricia docemente, como que a dizer-lhe, que  
também êle, gigante de força e de volume,  
guarda silêncio sobre muita coisa curiosa da sua  
existência. Revela-o até, o sabôr  
popular desta sublime quadra:

*O mar também tem amante,  
O mar também tem mulher.  
É casado com a areia,  
Dá-lhe beijos quando quer.*

O mar, como a areia, tem também  
os seus encantos, quer o segredo  
dum beijo amoroso roubado no con-  
vez dum navio e que a lua atrevida-  
mente reflete nas águas prateadas,  
quer o pranto sofredor de  
muitos, que viajam para terras dis-  
tantes à procura de melhor vida...

Porque, o esbater de ondas contra  
ondas, ecoando pelo Oceano imen-  
so, quasi infinito, é um hino solenne,  
triste, de gemidos abandonados que  
a todos comove e mete respeito.

E o seu vai-vem interminável estendendo se  
de continentes a continentes, num abraço frater-  
nal, é ainda como que um affecto amigo condu-  
zindo no seu dorso essa infinita quantidade de  
barcos, uns pequenos, de construcção tósca e  
variada, outros, pesadas massas de ferro desli-  
zando quasi frágeis casquinhas de nós, que um  
simples impulso do gigante pode reduzir a des-  
troços.

Que força enorme no mar acumulada, com o  
despejar constante de mil rios, que em longes  
terras as nascentes ou degêlos da montanha  
vão gerando, em fios leves de água a escoar-  
se pela encosta, até se transformarem em  
colossos como o Amazonas ou o lendário Nilo.

Contudo, o mar, traz à vida de todos nós um  
misterioso encantamento que seduz admirá-lo  
sossegradamente, neste mês frio em que todos  
o abandonam, em  
que todos o esque-  
cem... E ontem,  
quando junto à praia  
escutava o marulhar  
lento das ondas, beij-  
ando a areia, repa-  
rei que uma ligeira  
aragem impelira de  
encontro ao rochedo  
uma onda mais vio-  
lenta, que uma parte  
carcomida da pedra  
guardou, até que  
outra onda mais  
forte a misturasse e  
levasse de novo ao  
oceano.

Mas a maré ia des-  
cendo, e não tornou  
portanto aquela pe-  
quena quantidade  
de água a voltar para  
o mar, sem que a

**SOB UM SOL DOIRADO  
DE PRIMAVERA**

maré de novo tornasse a encher. Aquelles mi-  
lhões de gotinhas ficariam d'êste modo, e durante  
horas, a servir de companhia á areia.

Parecia que um motivo especial ali depositara



aquela água, como que para observar a vida  
dum mundo desconhecido, dum mundo que já-  
mais vira desde que no mar entrára.

Esta reduzida parcela do mar, aproveitando a  
aproximação da areia, mostrou-se encantada  
com a sua alvura e pediu-lhe para serem amigas  
durante a baixa mar, isto é, enquanto pudesse  
estar ali isolada dum monstro que anos e anos  
a sepulta na sua imensidade.

O sol quente de então, unia fraternalmente a  
areia com aquela parcela infinitamente pe-  
quena de água, tornando-as corpos diferentes  
mas dispostas a confidências íntimas.

A areia, estranhando o capricho daquelas go-  
tinhas ali ficarem junto de si, massa inerte e

despresada neste tempo, e que-  
rendo retribuir o pedido feito, pro-  
meteu pela primeira vez contar  
um pouco da sua vida, mas queria que as go-  
tinhas de água primeiro lhe explicassem como  
ali tinham ido parar, e o que tinha sido o seu  
viver.

Uma gotinha então, contou que, escondida du-  
rante anos nas profundezas da terra, fôra um  
dia expelida para a claridade das coisas, devido  
ao impulso bruto do mineiro que  
preferava a mina.

Rolára para o vale, de mistura  
com a terra enlameada, e de que  
pouco a pouco se desprendeua na  
ânsia de admirar a luz de tanta  
coisa linda que a vida exterior pos-  
suia. Fôra primeiro aumentar o vo-  
lume dum riacho que passava perto,  
e saltitando aqui, estagnando acolá,  
seguiu depois, o seu destino, bem  
expresso no aforismo de que «todos  
os rios correm para o mar». Conhe-  
cera toda a Natureza linda, florida  
na primavera com florsinhas de mil  
côres a perfumar as margens que lhe  
serviam de barragem, e como que a  
tolher-lhe a liberdade de fugir, de  
seguir outro rumo...

Assim percorreu distâncias inter-  
mináveis na felicidade simples da  
sua inferioridade e do seu pouco valor. Adorava  
a mansidão e bondade das pedras enormes que  
no caminho encontrava, sem que lhe impedis-  
sem a passagem, antes deixando um intervalo  
estreito para o seguimento do seu destino. Pas-  
saram-se meses, até que certa ocasião um movi-  
mento brusco a impeliu para um declive, caíndo  
numa roda que por muito patinada e carcomida  
pela acção do tempo, ecoava um ranger de vi-  
brações que eram hinos dolentes a misturar-se  
com o assobiar alegre do moleiro assomando a  
uma buraca tósca da sua azenha.

Foi aqui, grãosito de areia, a primeira vez  
que julguei ter sido útil a alguma coisa no  
mundo. Senti que algum serviço poderia prestar,  
e então segui o curso do riacho com satisfação,  
até entrar no convívio duma massa maior de  
água, dum rio já com mais companheiras com

caras desconhecidas,  
mas que, como eu,  
deixaram lentamente  
a encosta com desti-  
nos ignorados...

E a viagem conti-  
nua através de curvas  
caprichosas, longas,  
ora adoráveis de be-  
leza, ora envôltas  
numa monotonia que  
a curiosidade pachor-  
renta de tanto «tour-  
riste» saborcia alegre-  
mente.

As margens que  
me guiam, duma ve-  
getação encantadada  
a misturar-se com va-  
les áridos e pobres,  
deixam na retina de  
todos uma grande  
saúde de voltar...  
de regressar ao pas-



sado. As árvores, onde os passarinhos aguardam o sol quente, ou procuram insectos, formam um quadro admirável, com pinceladas de ramaria verdejante, a florir abóbadas lindas perdidas pela várzea imensa... por essa várzea que percorri incessantemente, como que impelida pela lei natural dos *que quanto mais sobem mais têm de descer*.

Tudo isto é uma saúde a forçar-me no desejo de abandonar o gigante mar, e localizar-me nestas belezas da terra, ricas de paisagem e de perfume...

E depois de observar tanta coisa linda, entrei afinal no oceano, no gigante, que há tanto tempo me guarda como uma parcela infinitamente pequena dum colosso.

Quem negará, pois, o direito de eu viver junto da areia, da natureza, qual mosaico de tons variados que recórdo saudosamente?

— Mas escuta também um pouco da minha vida, que tanto te seduz, interrompeu a areia, e depois continuarás a falar de ti.

Ora ouve: também eu sou volúvel como tu. Quer nos desertos onde me desloco em espessas núvens, quer aqui na praia onde por vezes ando num rodopio constante.

Sou um pouco a incerteza, o reflexo dos que me pisam com aspecto de desprêso. Por isso gostaria de me transformar também nessas gotinhas de orvalho que perfumam as flores, e depois se juntam, num regato lindo que se arrasta por montes e vales dum pitoresco adorável.

Que alegria assistir, como tu, à partida d'esses garridos e alegres ranchos de camponeses para as ceifas e esfolhadas, agora semeando, depois colhendo, mas sempre afastados do bulício forte e pagão dos meus visitantes, eivados duma vaidade que abraça as consciências de quem vive nas grandes e pomposas cidades. Aqui, junto a mim, sustentam-se os maiores caprichos, choram tristemente os que saídos do casino se tornaram farrapos por tudo terem perdido numa alucinação egoísta, desde o dinheiro para os seus, até à moral que se inferiorizou miseravelmente. E eu, que todos pisam, que todos desprezam, sinto também a dor dos outros, e que só tu no teu vai-vem me fazes esquecer por momentos afastando-me deste labirinto da civilização. E não julgues, gotinha saudosa, que por não te aconselhar preferência à minha vida, revelo inveja. Simplesmente desejo que fiques com a recordação do que viste de bom, e te contentes com o misterioso encantamento da flora marítima.

Porque muitos dos meus visitantes com quem julgas gostar de conviver, são almas em debandada, loucas no redemoinho duma vida que gostariam de variar, de mudar de cenário, deixando de ver caras tão parecidas umas com as outras, e que, passam também no meu *existir* como um filme ao *ralenti*.

Aquele casino que ali vês, é um palácio luxuoso de mil fan-



tasias e de mil «flirts» e, onde o pano verde é o charmaris tentador para a degradação lenta de muita gente boa. É que eu, apesar de minúscula areia, onde a luz feérica daqueles salões se reflete durante a noite e onde os ecos duma estonteante vozearia encontram fim, sinto também a nostalgia forte do exagêro e da loucura daquela gente. Mas para que tu, gôta de água, pudesses verificar o contraste entre o brilho espelhante de tudo que ali há dentro, e a negrura de sentimentos de muitos que aquele luxo mantém, precisavas conhecer o deslizar de muita consciência em todos os seus aspectos.

E se soubesses tudo, na sua realidade, não sentirias remorsos de andares longe destas tiras arenosas que circundam os continentes, antes desejarias manter-te mergulhada no fundo do oceano, só com a recordação d'esse mosaico lindíssimo da Natureza variada, que te conduziu da mina escura, até ao mar. Aqui na praia, gotinha ingénua, é tudo muito diferente...

Para muitos dos que me visitam, a vida é um instante, um soprao veloz que eles querem apro-

veitar de braços abertos para que não lhes fuja qualquer coisa de sensacional, qualquer coisa de novo, de imprevisto.

Por isso te invejo, desejando também como tu ter percorrido a montanha, ouvir os cantares alegres e puros dos aldeãos, escutar os murmúrios do teu rastejar por entre estradas de musgo, como tapêtes avcludados e perfumados pelo bucolismo puro e suave da charneca virgem.

Não é exclusivo teu, o observar essa sinfonia de coisas lindas que tu viste, a contrastar com a incerteza da minha existência, que no verão rodeiam de fantasia e de mentira, e no inverno me tornam uma eterna sofredora dos teus arremessos tempestivos, de mistura com as lágrimas pungentes dos pescadores, vendo afogar ao longe um ente querido que se não pode so-correr?

É esta a minha vida, enquanto tu te honras de viver entre o grande animador da civilização, através de cujas águas se descobriram novos mundos, novos continentes; tu foste o berço embalador das caravelas que, entregues ao teu cuidado, se arrastaram meses e meses, como que perdidas, aguardando ventos e suportando tempestades mas que mantinhas firmes até aportarem a novas parágens. Finalizaste a audácia e o valor de muito português navegando aos quatro ventos, e que pouco a pouco guindaste à mais alta cintilação, ao mais alto esplendor de patriotas e de descobridores. Heróis que eu, areia fina e abandonada, recordo, mas que muitos dos meus visitantes de hoje, desconhecem por completo.

Aqui fala-se de cinema doentio, de «fleurts» imorais, enquanto as coisas nobres e elevadas, do passado, e do presente, se perdem no «elan» dum chá, nos salões espelhantes daquele Casino.

A maré ia subindo, subindo, e aquelas gotinhas voltariam em pouco a perder-se de novo no oceano. A areia então, numa última confidência, disse ainda:

— Vais deixar-me. Mas crê, gotinha de água que o que se observa desta minha civilização que te seduz, é que a felicidade não é muito abundante, nem na vida agitada da minha praia nem no luxo estonteante daquele casino, visto a *humanidade* de muita gente, ser um conceito crestado pela haste...

O mar afastava-se já lentamente, conduzindo para ponto ignorado aquelas gotinhas que, como tantos de nós, também não estavam contentes com a sua sorte...



Dr. Beirão da Veiga



COMPLETOU vinte e cinco anos de professorado o sr. Caetano Beirão da Veiga. Os seus alunos do Instituto Superior Técnico e da Faculdade de Ciências Económicas e Financeiras prestaram-lhe uma significativa e tocante homenagem, tendo-lhe oferecido um artístico tinteiro de prata lavrada. No acto da entrega, falou o académico sr. Antero Ramos Taborda que saudou o sr. dr. Caetano Beirão da Veiga, pondo em relevo os serviços por ele prestados ao ensino. O homenageado agradeceu, penhorado, num breve discurso, a manifestação de simpatia de que tinha sido alvo.

Uma canção coimbrã



ESTÁ publicada uma deliciosa canção «Cantarinhas de Coimbra» de que são autoras as sr.<sup>as</sup> D. Maria do Carmo Bahia e D. Maria Adelaide Leal. A primeira é uma «virtuose» do piano distinta e a segunda é uma poetisa de grande merecimento.

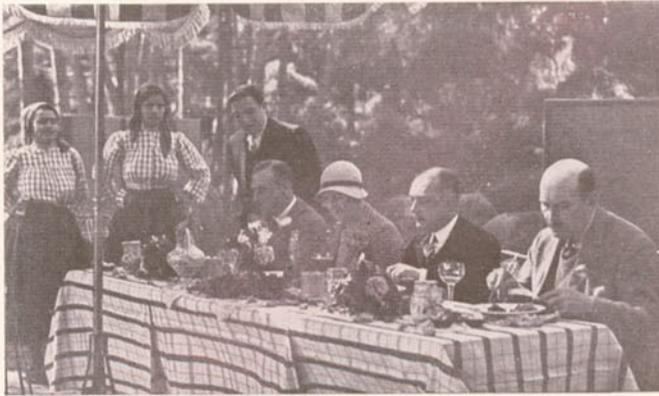
Anibal Nazaré



ENTRE os humoristas modernos é justo destacar o nome de Anibal Nazaré que vem firmando produções teatrais de valor e a quem já se devem algumas páginas de boa graça. Agora o seu nome assina um interessante romance extraído do filme «Mata-Hari» que tem obtido um grande êxito de livraria. Abre a obra um curioso estudo crítico da célebre vedeta de cinema Greta Garbo.

## NOTÍCIAS DA QUINZENA

Os príncipes de Connaught em Lisboa



ESTIVERAM em Lisboa, durante alguns dias, tendo estado hospedados no Estoril-Palace, os príncipes de Connaught, primos dos reis de Inglaterra. O presidente da Sociedade de Propaganda da Costa do Sol, sr. Guilherme Cardim, ofereceu-lhes um almoço, ao ar livre, na formosíssima Quinta da Penha Longa, perto de Sintra.

Dr. Haroldo Pacheco da Silva



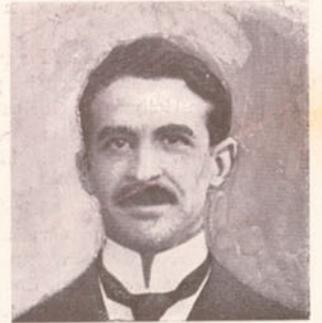
REALIZOU-SE há dias o funeral do exilado brasileiro sr. dr. Haroldo Pacheco da Silva, advogado de grande prestígio em S. Paulo, e um dos principais membros do Partido Republicano Paulista. No primeiro turno, tomaram parte entre outros, os srs. dr. Artur Bernardes, antigo chefe do Estado e dr. Júlio Prestes, presidente eleito da República Brasileira.

Um Grande Serão de Arte



ORGANIZADO pelo distinto professor de canto do Conservatório sr. Artur Trindade, efectuou-se no Grémio Beirão um Grande Serão de Arte em que tomaram parte os seus alunos: D. Izaura Garriga, D. Gabriela Sales, D. Tília Ribeiro, D. Almerinda Monteiro, D. Margarida Cerqueira, D. Maria Emília Cardoso, D. Maria Amélia Melo, D. Nina Carvalho Braga, Morgado Maurício e Celestino Ribeiro. Abriu a festa uma conferência sob o tema «A ópera através da história» por Lino Ferreira.

Dr. Barbosa de Magalhães



PARA o cargo de presidente do Conselho Geral da Ordem dos Advogados, foi eleito o sr. Barbosa de Magalhães, ilustre professor e antigo ministro da Justiça, dos Estrangeiros e da Instrução. É o novo «batonnier». Sucede aos grandes nomes da advocacia: drs. Vicente Monteiro e Martins de Carvalho.

D. Eugénia Coelho



EXPOZ pela primeira vez os seus trabalhos — quadros onde predominam as flores — a nova pintora sr.<sup>a</sup> D. Eugénia Coelho. A crítica recebeu a artista com palavras de louvor, dizendo que a estreante mostra grandes qualidades e que foi uma revelação.

Mário do Rosário



O «Diário de Notícias» perdeu mais um dos seus valiosos elementos de trabalho: Mário do Rosário. Era o chefe da secção de expedições. Desapareceu um homem de bem, um carácter, um bondoso. Não só aquele jornal perdeu um dos seus melhores cooperadores, como também o Asilo-Escola de Cegos António Feliciano de Castilho perdeu um grande e dedicado amigo, pois que Mário do Rosário se lhe dedicou com grande entusiasmo, deixando em cada ceguinho um amigo. Era ainda administrador do Anuário Comercial.

CIRCULA, cada vez com maior insistência, a notícia dum próximo casamento do Charlot, de que já em tempo nos fizemos eco.

Chama-se Paulette Goddard a nova paixão do cómico genial. Desembarcou há poucos meses dum avião em Hollywood e logo a preferência e as atenções de que Charlot a rodeou lhe abriram de par a par as portas do meio social pouco acessível da cidade do cinema.

Segundo informam os noticiários americanos, Paulette Goddard é uma mulher de rara beleza, loira, vestindo com extrema elegância. O seu nome era pouco mais do que desconhecido há uns meses atrás. Estreou-se, modestamente, com *girl* do corpo de baile dum teatro. Mais tarde casou-se com um negociante rico, o que lhe permitiu fazer uma existência mundana cheia de prazeres e elegâncias. E há pouco tempo divorciou-se.

A simpatia que Charlot lhe dá pensa, ostensivamente, fez a sua celebridade em Hollywood, como era de esperar. É sempre na sua companhia que Charlot assiste agora às *premieres* cinematográficas, aos jogos de *tennis* e todas as restantes manifestações da vida social da cidade dos filmes.

Não é, pois, de admirar que se fale dum novo casamento. É que sob os cabelos grisalhos e o aspecto envelhecido do maior dos *clowns* vive um coração sempre jóvém que as desilusões ainda não venceram e que se prepara para viver mais um capítulo do seu romance de amor...

As recentes disposições governamentais nos Estados Unidos da América do Norte para o encerramento dos Bancos durante um certo prazo de tempo, vieram provocar na vida dos habitantes da grande república as mais inesperadas situações.

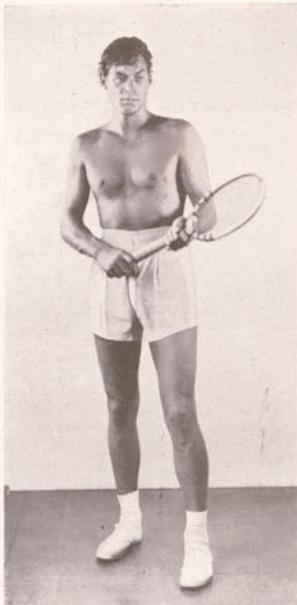
A falta de moeda corrente colocou em tristes contingências os possuidores de grandes fortunas, impossibilitados de recorrer às suas contas de depósito. E esses casos revestiam, por vezes, aspectos pitorescos.

Em Hollywood também o facto se fez sentir. Foi assim possível ver Clark Gable pagar alguns centimos dum despesa de *taxi* com um cheque. Joan Crawford fez-se conduzir ao estudo, durante alguns dias, numa bicicleta por lhe não ter sido possível arranjar dinheiro para comprar a gasolina de que o seu auto precisava. E houve ainda quem visse directores, como De Mille, pedirem dinheiro emprestado para comprar cigarros.

Publicou-se numa das últimas semanas, em Hollywood, um livro que suscitou excepcional interesse em toda a América do Norte e, muito especialmente, em Hollywood, por isso que se relaciona com uma questão da maior importância no meio cinematográfico.

Chama-se o livro «Upton Sinclair apresenta William Fox» e é uma enérgica e inteligente defesa deste último, feita pelo primeiro, o famoso escritor da vanguarda norte-americano.

A questão que deu origem ao livro é a seguinte: Há anos que William Fox se viu forçado a retirar da «Fox Films Corporation» por motivo dum longa campanha movida contra ele. Depois disso, o famoso magnate organizou uma nova empresa que recebeu o nome de «Tri-Ergon Corporation» e baseado em patentes de privilegio que possui e que, segundo ele, lhe assegura



Johnny Weissmuller, campeão de natação dos E. U. da América, que interpreta o principal papel no filme «Tarzan, o homem macaco» em exibição em dois cinemas de Lisboa

ram o direito a uma parte dos lucros de todos os filmes, tentou um processo a todas as firmas que se dedicam à indústria cinematográfica exigindo uma indemnização que pode vagamente calcular-se nuns cem milhões de dolares.

Upton Sinclair coligiu no seu livro revelações sensacionais de William Fox através das quais as altas esferas onde se regem os destinos do cinema mundial são mostradas sob um aspecto imprevisível que denuncia numerosos escândalos.

Como se calcula, em Hollywood não se fala de outra coisa, muito embora sejam raros os que leiam o livro, ostensivamente, pelo receio de incorrer no desagrado dos magnates visados. Mas isso não impede, antes favorece a venda, que tem sido enorme. Só nos estúdios da «Fox» devem ter-se vendido mais de cem volumes, conquanto nem um exemplar tinha aparecido a descoberto.

Ao contrário do que se receou, o terramoto que devastou Los An-

geles pouco afectou Hollywood apesar da pequena distância que separa as duas cidades. O pânico foi grande, como sempre sucede mas não houve prejuízos de vulto. Os estúdios estremeeceram com alguma violência, nada sucedendo, porém, de gravidade. Em Beverly Hills, local onde se encontram edificadas as moradias de grande número de «estrelas», o abalo foi quase imperceptível.

A não se dar esta feliz circunstância, a produção cinematográfica norte-americana ficaria paralisada largo espaço de tempo. A reconstrução dos estúdios seria lenta e, nesses tempos de crise é de prever que os capitais para esse fim escassassem.

Esperemos agora que um produtor americano se lembre de reconstituir no *écran* a terrível catástrofe. Porque dum produtor americano convém esperar tudo.

Lilian Harvey foi encontrar em Hollywood velhos conhecimentos que decerto a têm ajudado a melhor suportar as agruras do exílio. Ela e Maurice Chavalier formam um par inseparável e popularíssimo que se exhibe em todos os centros de reunião de Hollywood.

Já aqui dissemos que a figura complexa e profunda do genial Voltaire ia ser evocada no cinema pelo grande actor inglês George Arliss.

Enormes dificuldades têm, contudo, surgido para a distribuição dum outro papel importante do filme — o de Madame Pompadour.

Falou-se primeiro em Bebe Daniels mas a ideia parece ter sido abandonada. De facto, a



Outra fotografia de Johnny Weissmuller

# CINEMA

## ACTUALIDADES

gentil actriz não se afigura particularmente indicada para esse papel. Pensou-se depois em Ruth Chatterton, mas também esta hipótese parece ter sido posta de parte.

De momento, quem reúne maior número de probabilidades é Corinne Griffith que vai reaparecer no *écran* pela primeira vez depois do advento do fonocinema.

Acertada seria a sua escolha, porque a admirável intérprete de «The Divine Lady» poderia, melhor que qualquer outra, imprimir ao papel o tom de aristocrática elegância que lhe exige.

Vai fazer-se na Alemanha um filme de exaltação nacionalista, espécie de revista dos principais factos da historia alemã dos últimos tempos. O filme abrangerá diversos períodos. Em primeiro lugar o de 1871, data do primeiro tratado de Versalhes. Em seguida o da guerra mundial, de 1914 a 1918. Desta data a 1932 trata da ocupação de Ruhr. Finalmente, 1933 é apresentado como o ano do despertar da Alemanha.

O filme será precedido dum parte relativa à vida do Marechal Hindenburg.

Pelo seu grande poder de sugestão das massas o cinema fica sendo, deste modo, uma arma importante ao serviço da perigosa loucura «nazi».

Não estáfainda resolvido o delicado problema da sucessão de Marlene Dietrich. E a certeza quasi absoluta do seu regresso à Europa dá a questão uma importância enorme para a empresa que a tem sob contrato.

Trata-se de encontrar uma artista que reúna



Wynnie Gibson, uma beleza cheia de gravidade, ostentando uma longa e sumptuosa «stoliettes» que põe ainda mais em evidência a sua silhueta flexuosa e elegante

condições semelhantes às de Marlene para o desempenho de determinado género de papeis e que por eles conquiste êxito semelhante ao que a popular «estrela» alemã alcançou.

Fala-se agora de Vilma Banky, esposa de Ricardo Cortez, que já se encontra restabelecida da doença a que a conduziu o uso de alcaloides. Depois dum longo eclipse, a formosa artista encontraria, assim, meio de recuperar o antigo prestígio.

Está em preparação um filme sobre Mussolini que será uma entusiástica apologia do ditador italiano.

Chama-se este filme «Mussolini fala» e abrangerá a vida e a obra do criador do fascismo.

Espírito positivo de ditador, a quem não é indiferente a publicidade feita à volta do seu nome, Mussolini presta a esta obra a sua benévola colaboração.

O *golfe*, actualmente, em dos desportos mais em voga dos Estados



Um retrato de Miriam Hopkins

Unidos, despertando enorme entusiasmo no público. Considerando isso, uma empresa americana contratou o famoso campeão Bobby Jones para realizar uma série de películas de demonstração do curioso desporto.

É possível que dentro de algum tempo o cinema faça viver no *écran* algumas figuras mundialmente célebres, como Eleonora Duse e Gabriel D'Annunzio. Fala-se em fazer uma adaptação cinematográfica de «A minha vida», impressionante autobiografia da genial dançarina Isadora Duncan, em que essas e outras individualidades são citadas.

Ramon Novarro, nos seus últimos filmes, marca uma acentuada tendência para os papéis exóticos, o que não deixa, talvez, de causar decepções às suas muitas admiradoras.

Em «Filha do Sol», que acabou de interpretar, Ramon Novarro tem, como já dissemos o papel dum chinês. É tão a capricho êle levou a criação dessa figura oriental que não hesitou em sacrificar-lhe a sua bela cabeleira para se apresentar de crânio rapado, como convém a um chinês.

No filme que agora vai interpretar fará o papel dum egípcio, sendo secundado por Mirna Loy, Reginal Denny e outros artistas de categoria. Êste filme chama-se «O homem do Nilo» e para êle está Ramon Novarro preparando uma composição que nada ficará devendo à anterior em realismo.

Como o filme é todo realizado na América, o deserto egípcio será figurado pelo Arizona.

Vai-se realizar um filme de monstros prehistóricos que terá o título de «King Kong».

Embora realizada sobre um argumento de Edgar Wallace, esta obra apresentará numerosos pontos de contacto com o «Mundo Perdido», outro filme de animais prehistóricos há anos exibido no «Odeon».

Trata-se dum expedição cinematográfica que encontra uma região, onde uma fauna, há muito desaparecida do globo, logrou sobreviver. Depois de perigos e aventuras terríveis, os exploradores conseguem trazer vivo um dos monstros, um simio gigantesco, que uma vez chegado à cidade consegue libertar-se e pratica as maiores devastações.

Pelo que sabemos do filme, conclui-se ser obra de menor escrúpulo científico do que «Mundo Perdido». Mas, por outro lado, a sua realização porá em jogo todos os grandes recursos do cinema de hoje, pelo que constituirá um espectáculo de sensação.

A versão americana de «Topaze», a célebre peça de Marcel Pagnol já representada entre nós, tem conquistado na América um lisongeiro sucesso. John Barrymore faz o papel de professor tímido e ingénio. No dizer dos criteriosos o seu trabalho é excelente na segunda parte do filme, quando o personagem se apresenta revestido de audiência, não correspondendo, porém, ao espírito da peça nas primeiras partes, por mostrar demasiada desinvoltura. Contrascena com Barrymore a conhecida artista Myrna Loy.

**C**ONCEITOS errados de diversa natureza de que enferma a indústria cinematográfica se opõem ao progresso artístico do cinema, retardando a sua evolução.

Entre estes, o mais evidente, o mais sensível e o que mais profundo carácter imprime à produção é o que se usa chamar: o sistema das «estrelas».

O leitor sabe, sem dúvida, o que isso significa. Cria-se no espírito do público a admiração, ou melhor ainda, o hábito duma artista que reúne certas qualidades. Faz-se soar repetidamente, sem descanso, o seu nome que em pouco tempo é familiar na linguagem do espectador, espécie de símbolo em que ele condensa determinadas faculdades ou dotes de beleza. E depois, em torno dêsse nome popularizado, utilizando-o como eixo de tudo o mais, engendram-se argumentos inconsistentes, filmes absurdos.

Talvez admirável como método comercial, este sistema tem tido, contudo, influência nefasta na produção cinematográfica. Depois de pôr na escolha da «estrela» um cuidado rigoroso, o produtor descarta, quasi sempre, todos os outros elementos que compõem um filme. Os restantes intérpretes raro estão à altura da figura central. O argumento, princípio fundamental onde deveria residir a ideia, desce à categoria de simples pretexto para exibição da «estrela», muitas vezes ôco, ilógico, sem espontaneidade. E daí vem que o cinema perde o seu belo carácter de realidade, afastando-se da vida.

Contra este sistema ilógico reagiram, brilhantemente, os cineastas russos. Nas suas obras não existe a figura convencional da «estrela». O intérprete assume o seu lugar na escala da acção, numa admirável disciplina. E sobre ele paira sempre, visível ou oculto, um outro grande personagem, o único verdadeiro, donde êle emerge e onde êle há-de voltar — a multidão.

Isto que faz a superioridade enorme da produção russa, que dá às suas obras o cunho humano e vibrante que todos lhe reconhecemos, não é realizável adentro do sistema das «estrelas». Tanto basta para constituir o seu libelo acusatório.

Mas existem outros erros de conceito que por igual forma prejudicam a livre evolução da arte do *écran*.

Assim, por exemplo, o critério que preside à escolha de argumentos. É sabido que entre os milhares de filmes que vão sendo todos os anos apresentados é pequena a percentagem dos que se inspiram em entrecos expressamente compostos para o cinema.

A maioria vai buscar assunto aos romances em que uma grande tiragem provou o interesse do público, ou às peças de teatro mais aplaudidas. Dessa origem e dos inconvenientes duma adaptação, resultam defeitos fundamentais, inevitáveis. Pode o realizador praticar milagres, compor superior música de



## CINEMA

### Obstáculos da Arte

imagens, criar ritmos desconhecidos; o que não pode é evitar que a sua obra tenha o carácter literário ou teatral que lhe provém da origem.

Uma vez ou outra, muito poucas, a arte do realizador supera a dificuldade. E a obra resultante reveste o carácter de produção original, verdadeiramente cinegráfica. Mas, neste caso, o espírito da obra apresenta-se desviado, irreconhecível. É um aspecto da rebeldia do realizador. E tudo o que o cinema conta de



Joan Crawford e Gary Cooper — EM CIMA: Mary Carlisle

superior em matéria de arte é produto dessas rebeldias.

A rematar o efeito pernicioso destas duas influências temos ainda a pressão exercida na indústria cinematográfica pelo critério mediano do público. O cinema é a arte democrática por excelência. Não existe para a *élites* mas para as multidões. O grau da cultura destas condiciona a sua evolução artística.

Se, como às vezes sucede, uma obra excepcional concita os aplausos dos técnicos mas não logra interessar o público, o negócio é ruinoso. A experiência não se repete. Em contrapartida, pode a crítica mais esclarecida patentear os erros de determinado género que não evitará que o público acorra a admirá-lo, nem que o produtor explore até às suas últimas possibilidades o filão que descobriu.

Dêste modo, a evolução artística do cinema segue uma marcha vagarosa que contrasta com a celeridade do seu progresso técnico. O espírito criador do artista e contrariado por um peso enorme de dificuldades que lhe contrariam a marcha natural. E porque vive para a multidão sofre a influência do consenso mediano. No que se encontra em situação de inferioridade em relação a todas as outras fórmulas de arte.

Este último defeito fundamental não se afigura de tão fácil solução como os anteriores. Já dissemos que o cinema não é uma arte de *élite* porque destinar-se a raros apenas é característica das artes que já passaram a sua época de plena maturação. E o cinema está ainda na infância.

Existindo para o público, o cinema há-de adaptar-se, forçadamente, ao seu nível médio, sofrer a tirânia do seu gosto vulgar.

Essa tem sido a maior causa da sua mediocridade, mas sê-lo-á também da sua grandeza. Porque no dia em que o cinema tiver alcançado o nível superior que lhe antevemos, nenhuma outra arte terá exercido mais funda influência nos destinos da Humanidade.

Nas artes, na moda, nos espíritos em geral, o seu papel tem sido preponderante.

Mais o será, porém, quando se encontrar de posse de todos os seus recursos. Quando depurado de todas as mediocridades que o deprimem hoje, for oferecido ao público como um espectáculo superior de beleza e de emoção.

Nêsse dia, cinema e negócio devem ter deixado de exprimir ideias que se completam. Serão termos incompatíveis, afastados, sem relação. Só então a arte assumirá o uso pleno dos seus direitos. Só nêsse caso serão suprimidos os obstáculos que impedem a sua evolução.

Para isso é preciso antes transformar a indústria que êle hoje é numa arte movida por aspirações elevadas. Mas quanto tempo esperaremos ainda pela solução dêste difícil problema?

# VIDA FEMININA

**C**ONVERSANDO ha tempos com um estrangeiro ilustre, muito conhecedor dos nossos costumes e da nossa gente, fez-me uma observação sobre a educação da nossa mulher, que me causou uma profunda impressão: "Em Portugal não se forma o caracter da mulher, ensina-se-lhe apenas a honestidade física". Esta opinião que considero autorizada, fez-me observar mais atentamente a mulher e a sua maneira de ser e cheguei à conclusão, que com honrosas exceções assim é. A mulher portuguesa considera como única honestidade ter um procedimento irrepreensível no que diz respeito a questões amorosas, e, procedendo assim julga-se honestissima e honradissima. Mentir, intrujar, não ter palavra em negócios, ser desleal para com o próximo, tudo isso não conta; é uma mulher que se porta bem em solteira e casada é fiel ao marido, isso basta para ser honesta e honrada. Ora não é bem assim. Claro que o ser séria de baixo dêsse ponto de vista é a primeira qualidade de uma mulher, mas é também um dever e uma obrigação; mas ter caracter também é ser honesta e honrada.

Ha mulheres seriísimas na questão sentimental, chamemos-lhe assim, e que nos seus negócios são duma desonestidade absoluta. Voltam com a palavra atrás com a maior facilidade, não são sérias em questões de dinheiro, não têm o menor escrúpulo em contrair dívidas, que nunca pagam, levantam calúnias vis, escrevem cartas anónimas e no fim supõem que são muito honestas, porque zelam com cuidado a sua integridade física. E não deve ser assim. Para que uma mulher seja absolutamente honesta e honrada é preciso que o seu caracter corresponda em tudo à sua honestidade física e que o moral corresponda em absoluto, ao físico. A mulher portuguesa tem de deixar de ser a árabe que tem sido, apenas obrigada pelo senhor a ser-lhe fiel no amor, indiferente de resto, às suas qualidades morais, podendo no "harem", expandir as suas más qualidades. Porque esta tendência para a falsidade e para a pouca seriedade em negócios é peculiar a todas as raças escravizadas.

Ora é preciso que isto mude, porque a verdade é que o homem português tem mudado muito nestes últimos tempos. A mulher goza de liberdade. Hoje já as senhoras saem sós, sem que receiem ouvir os grosseiros dichotes com que ha poucos anos eram mimoseadas. Ha já muitas senhoras que trabalham e que os homens acolhem numa simpática camaradagem, isenta de propósitos de conquista; ha já entre nós numerosas senhoras com colocações elevadas e muitas que tratam dos seus negócios sem precisar da tutela masculina. Tudo isto está muito bem, mas o que é preciso é que a mulher compreenda que todas estas vantagens e todos estes direitos obrigam-na a ter uma inteireza de caracter, que até aqui só ao homem era exigida entre nós. E todas as trapalhices, as mentiras, as faltas de caracter eram comentadas com esta frase: "Espertezas de senhoras". A seriedade deve ser em tudo e

as mãis, que formam o caracter de seus filhos a quem exigem a maior probidade em todas as questões, têm de ser de igual exigência para suas filhas, tratando de as corrigir quando nelas descobrirem tendência para a tal esperteza feminina, que não é mais do que uma falta de caracter. A argúcia, a esperteza, estão muito bem cabidas, desde o momento que sejam acompanhadas de uma absoluta seriedade em negócios. A mulher para ser honesta em absoluto deve manter íntegra a sua pureza moral, como manter a física, e deve ter profundamente vincado



o seu caracter. A seriedade em negócios de dinheiro deve igualar a sua seriedade em amor. Hoje, a mulher tem na vida um papel muito sério, que muitas vezes a lança para fóra do lar, o que é muito para lamentar, mas que se dá, e portanto é necessário, que esteja preparada em tudo para ser uma mulher verdadeira e profundamente honesta e séria em tudo.

Maria de Eça.

## A moda

**P**ARA os vestidos de noite e de jantar, não tem a moda uma grande modificação. A «silhuete» continua a mesma, esguia e esbelta. Os vestidos usam-se colados ao corpo; só em baixo abrindo um pouco de roda, que lhes dá um ar

de sinos, e, como se continuam a usar os tecidos moles e que caem com facilidade, a mulher tem sempre o mesmo aspecto coleante e esguio sem que haja uma sensível modificação na linha geral. Nas mangas é que se nota a mudança, que de ano para ano, se dá sempre na moda. Damos hoje às nossas leitoras um bonito modelo de vestido de noite. Creação de Jeanne Lanvin, a grande artista, que tem a verdadeira arte de fazer valer a elegância natural da mulher, escolhendo para as suas criações, a linha, que mais faz brilhar a graça de um corpo jovem.

É um vestido em «crêpe peau d'ange» branco, de um corte irrepreensível, que modela o corpo. A sua única guarnição é uma grinalda de flores em veludo que rodeia o decote e desce nas costas numa laçada, que acompanha até abaixo o vestido. A ligação do preto e do branco continua tendo para as elegantes o maior favor porque dá sempre como resultado uma «toilette» distinta e que fica bem a qualquer senhora. Para quem não goste das duas cores pode fazer o vestido em rosa ou verde claro, ou então em branco com a guarnição em veludo vermelho, fica também bonito ainda que menos distinto.

## A casa

**E**M vista do sucesso, que junto das nossas leitoras, tem sempre tudo o que diz respeito à casa, voltamos a dar uma gravura em que se vê representado um trecho de salão, que sem ter móveis dum grande valor, e apenas com «cretões», e um bonito «abat-jour», uma disposição graciosa, tem o aspecto de agradável comodidade e conforto, que é o que torna as casas encantadoras e nos dá o desejo de nelas nos demorar quando as visitamos, ou de nelas habitar quando é a nossa casa. Esse aspecto de habitado todos os dias, que torna um salão encantador é o que devemos procurar dar sempre às divisões da nossa casa, para a tornar bonita e atraente. Porque nada ha mais triste e que mais afaste do que uma sala, que se vê que está sempre fechada.

## A mãe

**N**ÃO ha para a mulher uma maior felicidade do que o ser mãe. Em toda a mulher normal, o sentimento mais desenvolvido é o da maternidade, e, é bem natural isso, visto, que Deus nos criou para ser mãis. Mesmo na mulher que ainda não foi mãe e naquela que nunca o foi, existe esse sentimento na máxima força. Qual é a mulher que se não sente atraída por uma bela criança, que vê na rua? E todas nós, mesmo as que não temos filhos, temos sobrinhos ou filhos de amigas, que nos são tão queridos, como se filhos fôssem, ou como se laços de sangue a eles nos prendessem. Mas o ser mãe é o verdadeiro papel da mulher. Para isso ela nasceu e desde criança o manifesta na maneira como embala carinhosamente a boneca. E em geral o primeiro filho substitue a última boneca.

Damos hoje duas gravuras em que o amor materno se mostra no sorriso enlevado das duas mãis que contemplam os seus filhinhos. A ternura da sua expressão é extraordinária. Vê-se

nela a felicidade completa e absoluta, o encanto que os seus filhinhos, com a sua beleza e graça lhes causam. Mas ser mãe é também uma difícil missão de educadora e de vigilante. A mãe não pode nem deve entregar por completo os seus filhos em mãos mercenárias, que não os cuidam nem os tratam muitas vezes com o carinho, que eles necessitam. Mas a sua amizade não deve ser cega e devem procurar vêr os seus defeitos para os corrigir e educar. A missão de mãe é a mais bela que uma mulher pode desejar, mas é também uma difícil missão para que tem de se preparar seriamente.

### O futuro

O homem do futuro segundo um sabio inglês, será transformado num automático. Estendido numa poltrona metálica, usada nos sanatórios, ou nos gabinetes dos dentistas, tocando num botão eléctrico realisarà tôdas as suas fantasias. A rádio com a música, as conferências e os sermões, torna-o culto, diverte-o levanta-lhe o espírito. A hora das refeições sôbre invisíveis rodízios ser-lhe-hão servidas comidas e bebidas. Quando quizer tomar ar, um elevador depõe-no nas almofadas do seu automóvel. Se lhe apeteecer mais ar, o elevador depõe-lo-há no terraço da casa, onde encontrará um aeroplano pronto a voar. Estes meios de transporte mechem-se, mas êle não. Um gesto apenas de vez em quando. A mecânica, estranha condição, reconduz-nos ao Nirvana. Será acessível a todos esta terra prometida? Decerto não. Só os afortunados a habitarão. E ai teremos sempre a discordância dos princípios de igualdade, que hoje se exaltam. A igualdade é uma utopia; a natureza não a conhece. A multidão dos deserdados, no caso presente háde serenar. Os eleitos como os representa êste profeta moderno, estariam bem depressa cansados da sua felicidade. «A alma que não olha a um certo fim, perde-se» diz Montaigne num seu capítulo sôbre a vida. O valor das coisas está em relação com o nosso desejo de as possuir, e o desejo supõe uma luta, um obstaculo a vencer. Eis porque o trabalho torna felizes e a Sagrada Escritura diz «Ganharás o teu pão com o suor do teu rosto»; evoca a idea de castigo mas sugere a doçura da absolvição. Mas para aqueles que tudo podem ter, a vida torna-se insuportavel porque nada tem a desejar. A luz tem valor porque lhe dá a sombra, a felicidade porque o sofrimento a valorisa. Se o homem privilegiado tivesse de ser amanhã um automato seria tanto para lamentar porque desejaria ser o homem das cavernas.

Sem electricidade, sem aquecimento, sem radio encontraria o valor da vida, com as suas angustias, as suas paixões, as suas ilusões e as suas miragens.

E com o trabalho bendito a melhor distracção que existe.



### De mulher para mulher

*Maria Joana:* É um assunto muito serio, e deve ponderar bem antes de se resolver. A maneira como o casamento é, em geral, encarado é que dá azo a que haja tanto lar desunido e tanto divórcio. Quando uma rapariga raciocina bem, como você faz, e não tem a cabeça perdida com a miragem do amor, deve ver o casamento de baixo de todos os aspectos, mas sobretudo o daquele para que foi instituido: o de, constituir familia. Deve pensar que terá filhos, se o seu pretendente tem probabilidades de os saber educar e manter e também se sente em si a vocação de uma mãe de família. Se vê que tudo correrá bem, aceite e seja muito feliz. É a verdadeira vida para a mulher.

*Rosette:* Para escolher um perfume ha muita coisa a atender. O seu tipo, a sua maneira de ser, emfim, mil coisas. Se é morena, violenta,

animada o «Narcise Noir» de Caron. Se é loira, sonhadora, romântica use o «Paris» de Coty ou «Quelques fleurs» de Houbigant. Pela escolha de um perfume se conhece um pouco o carácter das pessoas. É elegante usar sempre o mesmo perfume. A variedade denota um espírito frívolo e volúvel

### Receitas de cosinha

*Ostras na concha:* Em setenta gramas de manteiga, douram-se quatro cebolinhas pequenas, picadas, e, colher e meia de farinha; passados cinco minutos junta-se-lhe um copo de vinho da Madeira, outro de água, pimenta e sal. Quando tenha cosido dez minutos, retira-se e juntam-se três gemas de ovos batidas. Tomam-se três dúzias de ostras, que se tiraram da concha e lavaram bem. Deitam-se no mólho

preparado as ostras. Misturando-as bem, depois deitam-se nas conchas, pondo-se no fundo delas miolo de pão embebido em manteiga. Cobrem-se de pão ralado e levam-se ao forno.

*Bem-me-sabe:* Põe-se numa fôrma biscoitos «la Reine» empapados em calda de açúcar e baunilha, juntando-se bem, em seguida batem-se seis ovos, separando as claras das gemas, com açúcar. As gemas até fazer escuma, as claras castelo e depois cobre-se primeiro com uma camada das gemas e em seguida das claras, sem que se veja nada do que esta por baixo cobre-se com granjeia e vai ao forno dois minutos.

### Higiene e belesa

PARA fazer desaparecer o aspeto cansado e rejuvenescer o rosto fazendo desaparecer as rugas, deve fazer-se o seguinte: Deitar-se completamente desaperada e absolutamente estendida durante meia hora, em seguida faz-se uma limpeza á pele. Deita-se num pucaro de esmalte, folhas de hortelã pimenta, pétalas de rosa, flores de violeta, sumo de limão, agua de colonia, tintura de benjoim. Deita-se-lhe em cima dois litros de agua a ferver. Logo que o calor seja suportavel, recebe-se o vapor na cara, tapando-a dos olhos e os cabelos e cobrindo com uma toalha de forma a que o vapor não se espalhe. Faz-se isto um quarto de hora. Passado esse tempo a têt readquiriu uma grande belesa e frescura e pôde dizer-se que a senhora que isto fez rejuvenesceu dez anos. Nada ha de melhor para dar o aspeto descansado e jovem ao rosto.

### Guias femininas

ALGUMAS raparigas de Londres descobriram uma nova e util profissão: a de guias para estrangeiros. Ha em Londres algumas agencias que empregam com bons ordenados, duas ou três guias do sexo feminino para conduzir senhoras estrangeiras, provincianas ou coloniais, através a metropole, e o resultado dessa experiencia foi tão satisfatorio que nos principais jornais ingleses aparecem anuncios dizendo que uma



senhora que conhece Londres na perfeição e que pôde falar cinco ou seis linguas, se oferece como guia por certo tempo para senhoras ou meninas estranhas á cidade. O sucesso destas guias femininas vem em grande parte do facto, que nestes ultimos anos creceu enormemente o numero de mulheres, que viajam sós e que visitando uma cidade tão variada e colossal como Londres, não gostam de se confiar a um guia masculino. Uma outra razão vem do facto que as mulheres guias conseguem interessar mais as senhoras, que se entregam aos seus conselhos porque as levam aos bairros muito pouco procurados por turistas e que têm um profundo interesse historico e sentimental. Outra vantagem das guias femininas é o profundo conhecimento de lojas de modas, grandes armazens, joalherias, que elas tem e de que as suas clientes pôdem aproveitar.

Elas prestam-se tambem como «chaperons» a conduzir ao teatro meninas que estão nos collegios e que são tomadas pelas diretoras ou recomendadas pelas famílias. Quando entre nós estiver mais desenvolvido o turismo, eis um esplendido modo de vida, que abre as suas portas ás senhoras e meninas, que precisam de ganhar a sua vida e que acompanhando senhoras e iniciando-as nas belezas da nossa terra poderão tornar conhecida a nossa historia. Mas para isso é necessario instrução.

### Jóias antigas

A sociedade egipcia de exploração, organizou agora uma exposição, das mais antigas jóias do mundo. Desde as pedras de quartzo azul, que datam de 4.500 anos antes de Cristo, até aquelas com que se adornavam as belas romanas, estes cristais facetados têm conservado um maravilhoso esplendor. Esta exposição demonstra que os colares pouco têm mudado com o andar dos anos, e dos séculos. Os que usavam as mulheres dos Faraós são quasi identicas, como forma, facetamento e côres, aos que vendem os joalheiros de hoje. A corôa que recentemente foi feita para a rainha do Egipto está conforme as mais puras tradições daquele paiz. Não difere da que é conhecida pelos estudiosos da antiga civilização egipcia. Esta interessante exposição compõe-se de aneis, colares e brincos.

Estes objetos preciosos que exultam a admiração dos numerosos visitantes provém de vários museus americanos, inglezes, alemães e belgas e de algumas coleções particulares.

### Mundanismo

NÃO se pôdem acusar os jovens elegantes de Paris, de não corresponder com uma gentileza, ás donas de casa, que todo o inverno os convidam para dansar. Sete rapazes da mais alta aristocracia ofereceram no palacio do «Sporting-Club» um baile que lembrando os do passado, assinalou o despertar de Paris, ameaçado na sua harmonia pelas reuniões vulgares. Os sete elegantes capitaneados pelo conde de La Rorhefonauld e pelo principe Carlos de Arenberg, con-

vidaram as senhoras a comparecer vestidas de branco, para valsar e beber «champagne» Aquella noite foi uma vitoria do altruismo. O snobismo que nega a pureza foi elequentemente condenado, e, provou-se que a crise, palavra de que agora se abusa, não atacou o bom humor e a espontaneidade da juventude. A fantasia foi representada nesta festa. Os cabelos lacados, ultima invenção dum cabeleireiro da moda, as cabeleiras empoadas, os tules e rendas, os «organdis» brancos como a neve, as camelias e os cravos, formavam uma esplendida sinfonia branca, iluminada pelos invisiveis raios de um sol da meia noite. Na moldura verde do jardim de inverno e sob os dourados dos salões as luzes faziam sobresaír a elegancia. E' caso para felicitar os defensores da tradição que fizeram reviver em Paris o temo em que a vida era mais agradável e se espalhava a graça.

### Na China

A mudança de costumes nas mulheres effectuou-se na China com uma grande rapidez. Agora vêem-se, deante das repartições de colocação, grupos de raparigas chinas que sollicitam lugares de datilógrafas, de empregadas, de «vendeuses». Ha menos de vinte anos uma via-

chinas ficam muito graciosas vestidas à europeia, mas no fundo as suas almas não assimilaram a nossa civilização.

### Passado

Nos fins de 1831 a chegada da princesa Maria de Bourbon, duqueza de Berry era annunciada em toda a Vendéia. Esta princesa tinha na imaginação e no coração qualquer coisa das heroínas do seu autor predilecto, Walter Scott. O seu ardente desejo era reintegrar o seu filho, o duque de Bordeus, nos direitos à Corôa. O que a Revolução parisiense lhe tinha tirado não poderia a fidelidade do povo restituir-lhe? A sua presença no meio da população à qual queria confiar os destinos do seu filho não poderia fazer-lhe conseguir a vitória? Mas as suas esperanças foram desiludidas. Para não ser presa atravessou em Maio de 1832 a Vendéia como uma princesa errante vestida de camponeza com o nome de «Petite Pierre», e a sua fiel companheira com o nome de «Petite Paul». Perseguida pela desventura foi esconder-se em Nantes. A sua campanha na Vendéia durou vinte dias. E durante cinco meses na grande cidade de Nantes fugiu às investigações da policia. Sómente nesta região a insurreição que se tinha concentrado em

volta da duqueza teve uma certa importância. A recordação destes acontecimentos subsiste naquela provincia. Nas belas coleções históricas do museu de Dobrée em Nandes, conserva-se um pedaço de vestido queimado, que usava a duqueza de Berry. Na casa das Meninas de Guigny, que a tinham escondido, vê-se um copo em que bebeu e uma bella terrina de prata que tem a seguinte divisa: «Trair não é francês», que foi oferecida à criada das Meninas de Guigny, que apesar do ouro e das ameaças não revelou o escondirijo da duqueza.

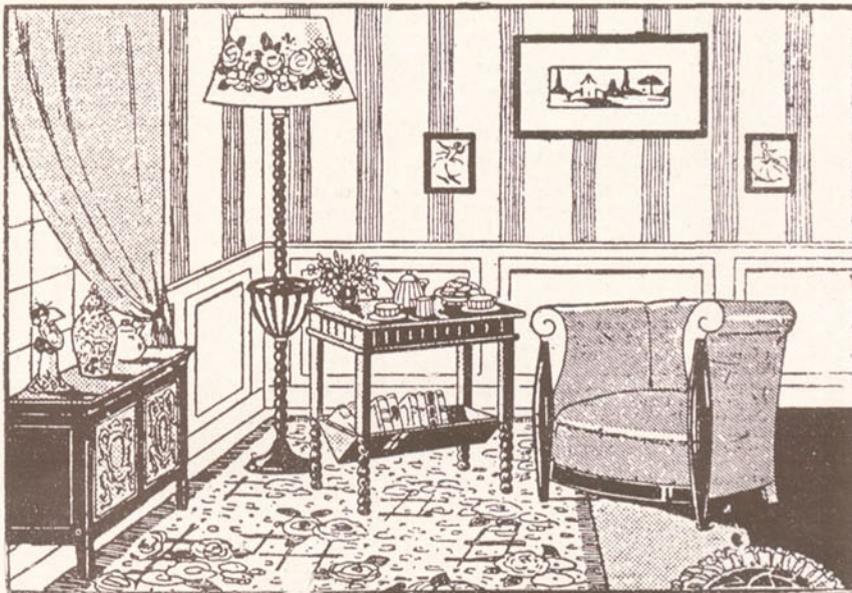
### Invenções

EM Paris appareceu ha pouco um automatico, que em vez de deitar chocolates e bonbons distribue frases em correto francez e perguntas mais ou menos interessantes. O verdadeiro fim desta maquina é faser com que os estrangeiros possam fazer aos policias, perguntas compreensíveis.

O primeiro automatico foi colocado na praça da Opera, centro do movimento de estrangeiros. A maquina tem um disco com frases em inglez, italiano, alemão e espanhol. Manobrando o disco podem combinar-se muitas perguntas e a correspondente tradução em francez apparece acima do disco.

O automatico dá a indicação de varias ruas poupando assim ao estrangeiro o guia e o vocabulario de algibeira.

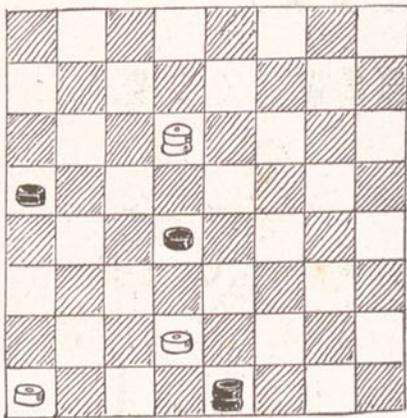
O automatico presta assim aos viajantes que desconhecem o francez relevantes serviços porque nada ha que mais atrapalhe do que estar num paiz de que se desconhece a lingua e como infelizmente não se podem conhecer dados, estes automaticos são um grande auxilio.



jante inglesa, Lady Nihap, que atravessou mais de uma vez, as maiores provincias chinas, descrevia a vida de uma mulher chinesa de maneira a fazer tremer as europeias. Nos países vastissimos do Celeste Império, tudo se fazia ao contrario dos outros, até as receitas de cozinha. Ainda hoje os chinezes deitam fóra a polpa gostosa dos alperces para comer a amêndoa e do do melão comem as sementes! Os que conhecem a China a fundo dizem, que nos costumes femininos a mudança [é] mais aparente do que real. Assim na familia a mulher nova tem um lugar subalterno, e a velha é onipotente. A sogra é a divindade da familia. O filho venera-a e teme-a. Uma mulher chinesa, no povo e na classe média ainda hoje pertence à mãe do marido. Em certas familias é até proibido fazer visitas a casas onde não haja sogras. A jóvem nora, não pôde nem desejar a morte da sogra porque se arrisca a ser vendida para se fazer um belo funeral à sogra. Toda a geração se vinga da que a procedeu e a sogra que em nova sofreu a tirania da mãe e do marido, vingam-se na nora. As jóvens

**PROBLEMA DE DAMAS**

Pretas (3)



Branças (3)

As brancas jogam e ganham.

Eis um problema facilimo de Damas, para qualquer principiante resolver.

**ANEDOTAS**

*Ele:* — Permita, minha querida, que neste momento lhe abra o coração.

*Ela:* — Oh! não, por quem é. Dispense-me de assistir a uma autópsia.

...

*O Gomes:* — Ouve lá, a tua mulher entrou para uma sociedade secreta?

*O Paes:* — A sociedade era secreta antes dela para lá entrar. Agora já o não é.

...

*A filha:* — O papá conheceu a mamã muito antes de ter casado com ela?

*O pai:* — Não, minha filha. Conheci-a, só muito tempo depois...

...

*Primeira amiga* — Ele disse-me que julgava as pessoas conforme as relações que elas tinham...

*Segunda amiga* — E tu que lhe disseste?

*Primeira amiga* — Mandei-o embora, imediatamente.

...

*A senhora* — Tem cuidado, Francisco, trata-me-hor a cosinheira para ela se não despedir.

*O marido* — Porquê? Fui muito áspero?

*A senhora* — Se alguém ouvisse, pensaria que estavas falando comigo.

...

Na Boa Hora, um juiz perguntava a um réu, qual era a sua profissão.

— E' cousa que não tenho.

— Mas, então, de que vive?

— Ah! senhor juiz, respondeu êle, vivo de privações.

...

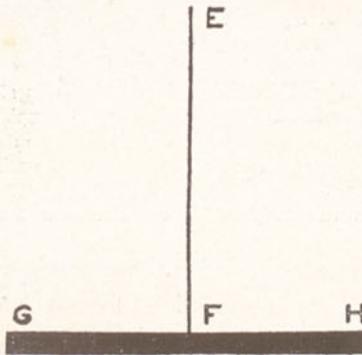
Crê no que te digo, Alberto, não conheces as alegrias e as felicidades da vida de casado... O alegre decorrer dos anos... a tranqüilidade do lar...

— Há quanto tempo estás tu casado?

— Há um mês.

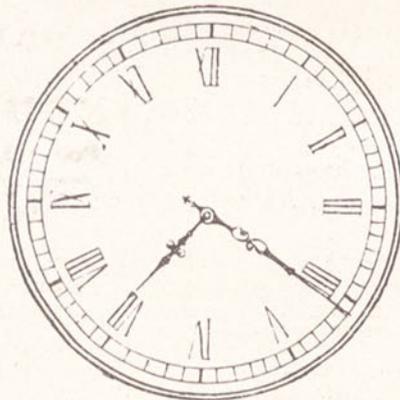


**ILUSÃO DE ÓPTICA**



A linha E F parece mais comprida de que a G H e contudo, na realidade, são do mesmo tamanho.

**O MOSTRADOR DE RELOGIO**



A figura aqui representada é o mostrador de um relógio construído por um relojoeiro amador e com pouca prática.

Olhem bem os leitores para êle e vejam se lhe notam alguns defeitos.

**PROVÉRBIOS CHINESES**

O saber seria uma coisa muito bela se desse ainda por acréscimo o senso sobre tôdas as coisas.

...

Se tu pintas a tua casa de côr de rosa, o destino encarrega-se de sujá-la de preto.

**CONTRIBUIÇÃO DE PÊSO...**

Na cidade sueca de Hafanger, foi estabelecida uma contribuição sobre todas as pessoas gordas, cujo pêso exceda 75 kilogramas.

**PALAVRAS CRUZADAS**

(Solução)

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
I	A	V	A	L	V	A	S	A			
II	L	I	N	A	A	V	I	Z			
III	A	M	I	R	A	G	E	M	F		
IV	C	A	S	E	R	A	L	T	U		
V	I	R	O	S	E	M	G	A	Z		
VI	C	A	R	O	N	M	I	M	I		
VII	A	R	A	D	O	M	S	U	L		
VIII	T	A	C	A	S	A	L	L	A		
IX	E	C	A	L	O	R	I	A	R		
X	P	A	L	I	C	A	M	A			
XI	A	L	E	A	O	R	A	R			

**BRIDGE**

(Solução)

B joga o 4 de paus. Então C pode deitar uma carta baixa ou pegar com a Dama. Quer num, quer noutro caso, o resultado é o mesmo. No primeiro caso, A pega com o 9 de paus e joga a seguir o 3 de copas. B faz a vasa e põe na mesa o 4 de espadas, que A cobre com a Dama, voltando a jogar copas. B pega e joga duas vezes seguidas copas, fazendo a primeira vasa e deixando a segunda a D. Êste joga então o Valete de espadas, que faz, e em seguida uma carta de oiros. A faz a Dama de oiros e joga paus. B faz o Rei de paus e o Az de oiros.

Se C. fizer a primeira vasa com a Dama de paus, o jogo segue sensivelmente a mesma marcha e os adversários de B sómente fazem, além da primeira, outra vasa em oiros.

**UM OLHO DE GAMBETA ESTÁ NA AMÉRICA DO NORTE**

A propósito dum comemoração de Gambeta, recorda um jornal parisiense uma carta em que o grande tribuno, contou a seu pai, como perdera a vista do olho direito:

— Estive muito doente dos olhos. O mais seriamente atacado além de não poder recuperar a visão, passára a exercer perniciosamente influência sobre o outro. Depois de várias consultas e graças ao Dr. Fienzal, vim a conhecer um oculista eminente, o dr. De Wecker, que me tirou o olho direito e me vai aplicar um olho artificial que já experimentei e que chega a enganar... Ficarei, pois, assim ao abrigo de nova doença e o meu olho esquerdo conservará tôda a sua energia e limpidez.

Quanto ao olho extirpado, acrescenta o mesmo jornal:

«Um discípulo do oculista Wecker, e seu auxiliar na operação referida, guardou o olho do advogado famoso que já então era Léon Gambeta e conservou-o preciosamente num frasco.

Passaram-se anos e Gambeta tornou-se o grande estadista que tôda a gente sabe. O discípulo de Wecker, que também, como oculista, alcançou excelente situação, mostrou um dia aquêlê despôjo cirúrgico a alguém que foi contar o caso a um norte-americano riquíssimo e com a mania de colleccionar vestígios históricos e raridades. E o yankee adquiriu por elevada quantia o olho de Gambeta que ainda hoje está na América do Norte, conservado no mesmo frasco.

Novidade literária

JULIO DANTAS

# ALTA RODA

2.<sup>a</sup> EDIÇÃO

As ideias de Lady Bradfield - A luva - Segunda mocidade - Crianças - Suas Magestades - Velocidade - O baile da Embaixada - O direito dos filhos - As rosas de Sœur Jeanne - A boneca e os quatro maridos - Os pais dos nossos netos - O «Prelúdio» de Rachmaninoff - Sua Excelência a ministra - A campanha de alarme - Paz amarela - Diálogo radiofónico - Escola de maridos - As palmadas de Santo Onofre.

1 vol. de 260 págs., enc. .... 15\$00  
broch ..... 10\$00

Pedidos à  
**S. E. PORTUGAL-BRASIL**  
Rua da Condessa, 80  
LISBOA

GRAVADORE/

IMPRESSORE/



TELEFONE  
2 1368

**BERTRAND**  
**IRMÃOS, L<sup>DA</sup>**

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

## COLECCÃO FAMILIAR

VOLUME  
BROCHADO  
Esc. 7\$00

**P. B.**

VOLUME  
ENCADERNADO  
Esc. 12\$00

### Romances morais próprios para senhoras e meninas

Esta colecção, especialmente destinada a senhoras e a meninas, vem preencher uma lacuna há muito sentida no nosso meio literário.

Nela serão incluídas somente obras que, embora se esteiem na fantasia e despertem pelo entreccho romântico sugestivo interesse, oferecem também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrifício, de grandeza de alma, de tudo quanto, numa palavra, deve germinar no espírito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, ataviando-a de encantos e de seduções, quer, desabrochada em flôr após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãe de família, educadora de filhos e escritório de virtudes conjugais.

VOLUMES PUBLICADOS:

**M. MARYAN**

Caminhos da vida. Em volta dum testamento. Pequena rainha. Dívida de honra. Casa de Família. Entre espinhos e Flôres. A estátua velada. O grito da consciência. Romance de uma herdeira. Pedras vivas. A pupila do Coronel. O segredo de um berço. A Vila das Pombas.

**SELMA LAGERLÖF**

Os sete pecados mortais e outras histórias

PEDIDOS A **S. E. PORTUGAL-BRASIL**  
Rua da Condessa, 80 - LISBOA

## NOVO DICIONÁRIO

DA

## LÍNGUA PORTUGUESA

Por **CÂNDIDO DE FIGUEIREDO**

Da Academia das Ciências de Lisboa, da Academia Brasileira, da Real Academia Espanhola, da Sociedade Asiática de Paris, da Academia de Jurisprudência de Madrid, do Instituto de Coimbra, etc.

QUARTA EDIÇÃO

Muito corrigida e copiosamente aumentada.

O Novo Dicionário é o mais actualizado, autorizado e completo Dicionário da Língua Portuguesa

A aparição do NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, em 1900, foi calorosamente saúdada pela imprensa periódica de Portugal e do Brasil.

Em sessão da Academia das Ciências fêz o elogio da obra o falecido académico Gonçalves Viana, grande autoridade portuguesa em assuntos de lingüística; e a principal corporação literária e científica da vizinha nação, a Real Academia Espanhola, que raros estrangeiros recebe no seu grémio, elegeu seu sócio o autor do NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, aprovada a proposta, feita nesse sentido, pelo famoso escritor e diplomata Juan Valera, pelo filólogo e senador Daniel de Cortejar e pelo sábio Mir.

Podemos afirmar que o autor, à custa de longas e incalculáveis fadigas, conseguiu reunir, em tôdas as esferas da actividade e do saber humano, cerca de 130.000 vocábulos portugueses que ainda não estão registrados nos menos incompletos e menos imperfeitos dicionários da língua pátria.

Um dicionarista conhecido, cuja obra abrange realmente numeroso vocabulário, ufana-se de que o seu dicionário abranja 66.000 vocábulos. Acrescente-se a esta cifra mais 53.613 e entrever-se-á que os vocábulos reunidos pelo sr. Dr. Cândido de Figueiredo no NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, abrange nesta nova edição um número que atinge 119.613 vocábulos ou artigos.

2 grossos vol. sólidamente enc. em carneira 250\$00

PEDIDOS A **S. E. PORTUGAL-BRASIL**  
Rua da Condessa, 80 - LISBOA

## Historia da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal

POR **ALEXANDRE HERCULANO**

3 volumes 1.139 paginas

Brochados . . . . . 30\$00  
Encadernados . . . . . 42\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À venda a 3.<sup>a</sup> edição de

## ANDAM FAUNOS PELOS BOSQUES

POR **AQUILINO RIBEIRO**

1 volume de 356 páginas { brochado . . . . . 12\$00  
encadernado . . . . . 16\$00

À venda em todas as livrarias

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

## As Minhas Aventuras pela Europa

POR

**Charlie Chaplin (CHARLOT)**

**INTERESSANTÍSSIMO LIVRO DO POPULAR  
AZ DO CINEMA**

1 volume de 250 páginas brochado **10\$00**

À venda em todas as livrarias

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

## Como obter ideias lucidas e clareza de espirito

POR

**G. VOGT**

Manual completo para se vencer a preguiça da inteligência, a falta de energia, a fraqueza de espirito, a falta de memória, etc., etc., segundo os experimentados doutores *Haig, Cantani e Lévi*

1 VOLUME DE 154 PAGINAS, BROCHADO, **7\$00**

PEDIDOS À

**LIVRARIA BERTRAND**  
73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

## BIBLIA DA VIDA

Tesoiro do pensamento humano

COLLECÇÃO DE 10.000 MÁXIMAS, PENSAMENTOS E SENTENÇAS COLHIDAS NAS OBRAS DOS MELHORES AUTORES NACIONAIS E ESTRANGEIROS

POR **Morais Leal**

446 assuntos — 1361 autores — Por ordem alfabética

Este livro, que se apresenta despido de pretensões, procura preencher apenas uma lacuna que, no nosso meio literário, era há muito sentida.

Em todas as línguas cultas existem obras similares, e o apreço em que o público as tem, pode avaliar-se facilmente pelo número das edições, que rapidamente se esgotam, dando lugar a outras sucessivas e sempre melhoradas. Poderíamos citar dezenas de títulos dos livros no género do nosso, que figuram nos catálogos das melhores livrarias estrangeiras, se o nosso intuito fosse reforçar, por uma curiosa e bem organizada resenha bibliográfica, o que afirmamos e supomos inútil comprovar, sabido como é de todos os que acompanham dia a dia o movimento editorial dos centros de maior expansão literária.

Na BIBLIA DA VIDA, a selecção dos pensamentos, máximas e sentenças colhidas dos melhores autores antigos e modernos foi feita com o maior escrupulo, observando-se nela o conselho de Thomereau: *o pensamento de três linhas, que não deixar no espirito a impressão de que poderia consagrar-se-lhe um capítulo, carece de valor.*

Obra preciosa para todos os que fazem da pena profissão, julgamo-la também interessantíssima para os que apreciam as boas letras, e tão digna de enfileirar na estante dos eruditos ao lado dos melhores clássicos, como numa escolhida biblioteca feminina a par dos livros que mais encantam o espirito da mulher.

Com este livro o menos culto brilha nas suas conversações

1 GR. VOL. DE 529 PÁGS. ELEGANTEMENTE  
ENC. 17\$00; BR. 12\$00

PEDIDOS À **S. E. PORTUGAL-BRASIL**  
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

**O MESTRE POPULAR**

OU

## O INGLÊS SEM MESTRE

Pronúncia, gramática, conversação, correspondência, literatura, ao alcance de todas as inteligências e de todas as fortunas

Adequado ao uso dos portugueses e dos brasileiros  
por **JOAQUIM GONÇALVES PEREIRA**

8.<sup>a</sup> EDIÇÃO

1 gr. vol. 560 pág. En. . . . . Esc. 30\$00

PEDIDOS À

**S. E. PORTUGAL-BRASIL**  
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

## VOCABULARIO ORTOGRÁFICO E REMISSIVO DA LINGUA PORTUGUESA

POR **A. R. Gonçalves Viana**

(Relator da comissão da reforma ortográfica, autor da «Ortografia Nacional» e do «Vocabulário Ortográfico e Ortoépico da Língua Portuguesa»)

Com mais de 100:000 vocábulos, conforme a ortografia oficial

EM APÊNDICE: O acôrdo ortográfico entre a Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras.

1 VOL. COM 664 PÁG., ENCADERNADO, **15\$00**

PEDIDOS À

**LIVRARIA BERTRAND**  
73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

# LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS



**Verdadeira Enciclopédia da Vida Prática**

COLEÇÃO METÓDICA DE **6.380** RECEITAS

OBRA ILUSTRADA COM **198** GRAVURAS

A MAIS COMPLETA DE QUANTAS EXISTEM PUBLICADAS

**LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS**

é uma obra indispensável em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz também plenamente quantos sobre **todos os ramos profissionais e artísticos** a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluídos conhecimentos de valia

Obra de incontestável utilidade para toda a gente

**No LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS**

são tratados assuntos que muito interessam à vida prática, como os referentes a: ORNAMENTAÇÃO DO LAR—MEDICINA PRÁTICA—SOCORROS DE URGÊNCIA—MOBILIÁRIO—LAVANDERIA—FARMÁCIA DOMÉSTICA—JARDINAGEM—PRODUTOS ALIMENTARES—COLAS, GOMAS, VERNIZES E TINTAS—PERFUMARIA—ILUMINAÇÃO E CALEFAÇÃO—SEGREDOS DO TOUCADOR—CONSERVAS—ANIMAIS DOMÉSTICOS—MANUAL DO LICOREIRO—METAIS—LIGAS E CIMENTOS—COUROS E PELES—ANIMAIS DANINHOS—COPA E DOCARIA—LAVORES FEMININOS—HIGIENE DA BELEZA—PASSATEMPOS—LAVAGEM DE NÓDOAS—TECIDOS E VESTUÁRIO—VIDRARIA—ADUBOS—HORTICULTURA—VETERINÁRIA—VINICULTURA E VITICULTURA, ETC.

## LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

abrange tudo quanto importa conhecer, especializando-se pelo desenvolvimento, nunca atingido em obras similares, das secções em que o dividimos

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

*1 grosso volume de 1.152 páginas lindamente encadernado em percalina a côres e ouro, custa apenas 30\$00*

Pedidos às boas livrarias

Pedidos à S. E. PORTUGAL-BRASIL—Rua da Condessa, 80—LISBOA

Saiu a nova edição

## ESTUDOS SOBRE O CASAMENTO CIVIL

POR

ALEXANDRE HERCULANO

1 volume de 284 páginas | brochado . . . . . 10\$00  
| encadernado . . . . . 14\$00

PEDIDOS À

**LIVRARIA BERTRAND**

73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

A' venda a 3.<sup>a</sup> edição

## A BATALHA SEM FIM

ROMANCE

POR

AQUILINO RIBEIRO

1 volume de 308 páginas, brochado . . . . . 12\$00  
Encadernado . . . . . 16\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75—LISBOA

O genial romance da guerra

## Os Grilhetas do Kaiser

por THEODORE PLIVIER

marinheiro alemão durante a Grande Guerra no Mar

Um brutal quadro realista que é a mais bela obra da literatura alemã dos nossos dias. **A batalha da Jutlandia** e os seus horrores, visto por um marujo russo

1 vol. broc. com 260 págs. 10\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

A' venda em todas as boas livrarias

A 7.<sup>a</sup> EDIÇÃO, REVISTA

## O último olhar de Jesus

POR ANTERO DE FIGUEIREDO

1 volume de 375 páginas | brochado . . . . . 12\$00  
| encadernado . . . . . 16\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75—LISBOA

**A' venda a 9.<sup>a</sup> edição**

DE

# Doida de Amor

NOVELA

por **ANTERO DE FIGUEIREDO**

«Conhece-se através d'êste livro o psicólogo subtil, penetrante, escrupuloso, exacto, capaz de percorrer quilómetros sobre uma folha de rosa, de explicar em vinte volumes de análise a sombra furtiva de um capricho de mulher.»

— **Julio Dantas.**

1 vol. de 276 pags., brochado

**10\$00**

Encadernado **14\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75—LISBOA

## Antologia Portuguesa

*Verdadeiro tesouro da língua portuguesa, esta colecção destina-se a tornar facilmente conhecidos os melhores prosadores e poetas portugueses, antigos, modernos e contemporâneos*

Ordenada, prefaciada e enriquecida de notas e comentários pelo

**Dr. Agostinho de Campos**

*Volumes já publicados:*

**Afonso Lopes Vieira** (1 vol.)  
**Alexandre Herculano** (1 vol.)  
**Antero de Figueiredo** (1 vol.)  
**Augusto Gil** (1 vol.)  
**Camões lírico** (4 vols.)  
**Eça de Queirós** (2 vols.)  
**Fernão Lopes** (3 vols.)  
**Frei Luís de Sousa** (1 vol.)  
**Guerra Junqueiro** (1 vol.)  
**João de Barros** (1 vol.)  
**Lucena** (2 vols.)  
**Manuel Bernardes** (2 vols.)  
**Paladinos da linguagem** (3 vols.)  
**Trancoso** (1 vol.)

Estes volumes são do formato de 12 × 19 e têm 320 a 360 páginas

Cada volume brochado . . . . . 12\$00

Cada volume encadernado . . . . . 16\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75—LISBOA

Grande sucesso literário

2.<sup>a</sup> EDIÇÃO

# As três mulheres de Sansão

NOVELAS

POR

**AQUILINO RIBEIRO**

1 vol. de 268 pags., brochado . . . . . 10\$00

encadernado . . . . . 14\$00

Pedidos à

**LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75

LISBOA

## Dicionários do Povo

Colecção de dicionários na ortografia oficial, portáteis, económicos, completos, indispensáveis em tôdas as famílias, escolas, bibliotecas, escritórios comerciais e repartições públicas. Dicionários publicados:

- N.º 1 — **Português** — 860 pags.
- N.º 2 — **Francês-português** — 800 pags.
- N.º 3 — **Português-francês** — 818 pags.
- N.º 4 — **Inglês-português** — 920 pags.
- N.º 5 — **Português-inglês** — 664 pags.
- N.º 6 — **Latim-português** — 552 pags. (Letras A-O).
- N.º 7 — **Idem** — 576 pags. (Letras P-Z).
- N.ºs 2 e 3 juntos — **Francês-português e Português-francês.**
- N.ºs 4 e 5 juntos — **Inglês-português e Português-inglês.**
- N.ºs 6 e 7 juntos — **Latim-português.**

Cada dicionário enc. em percalina. **15\$00**

Os dois dicionários juntos, enc. .... **28\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

R. Garrett, 73, 75 — LISBOA

# As melhores obras de JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versão portuguesa autorizada pelo autor e editores, feita pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10\$00

- 1—**DA TERRA A LUA**, viagem directa em 97 horas e 20 minutos. 1 vol.
- 2—**À RODA DA LUA**, 1 vol.
- 3—**A VOLTA DO MUNDO EM OITENTA DIAS**, 1 vol.
- AVENTURAS DO CAPITÃO HAT-TERAS:**
- 4—1.ª parte—*Os ingleses no Polo Norte*. 1 vol.  
5—2.ª parte—*O deserto de gelo*. 1 vol.
- 6—**CINCO SEMANAS EM BALÃO**, 1 vol.
- 7—**AVENTURAS DE TRÊS RUSSOS E TRÊS INGLESES**, 1 vol.
- 8—**VIAGEM AO CENTRO DA TERRA**, 1 vol.
- OS FILHOS DO CAPITÃO GRANT:**
- 9—1.ª parte—*América do Sul*. 1 vol.  
10—2.ª parte—*Austrália Meridional*. 1 vol.  
11—3.ª parte—*Oceano Pacífico*. 1 vol.
- VINTE MIL LÉGUAS SUBMARI-  
NAS:**
- 12—1.ª parte—*O homem das águas*. 1 vol.  
13—2.ª parte—*O fundo do mar*. 1 vol.
- A ILHA MISTERIOSA:**
- 14—1.ª parte—*Os naufragos do ar*. 1 vol.  
15—2.ª parte—*O abandonado*. 1 vol.  
16—3.ª parte—*O segredo da ilha*. 1 vol.
- MIGUEL STROGOFF:**
- 17—1.ª parte—*O correio do Czar*. 1 vol.  
18—2.ª parte—*A invasão*. 1 vol.
- O PAÍS DAS PELES:**
- 19—1.ª parte—*O eclipse de 1860*. 1 vol.  
20—2.ª parte—*A ilha errante*. 1 vol.
- 21—**UMA CIDADE FLUTUANTE**, 1 vol.
- 22—**AS INDIAS NEGRAS**, 1 vol.
- HEITOR SERVADAC:**
- 23—1.ª parte—*O cataclismo cósmico*. 1 vol.  
24—2.ª parte—*Os habitantes do cometa*. 1 vol.
- 25—**O DOUTOR OX**, 1 vol.
- UM HERÓI DE QUINZE ANOS:**
- 26—1.ª parte—*A viagem fatal*. 1 vol.  
27—2.ª parte—*Na África*. 1 vol.
- 28—**A GALERA CHANCELLOR**, 1 vol.
- 29—**OS QUINHENTOS MILHÕES DE BEGUN**, 1 vol.
- 30—**ATRIBUIÇÕES DE UM CHINÊS NA CHINA**, 1 vol.
- A CASA A VAPOR:**
- 31—1.ª parte—*A chama errante*. 1 vol.  
32—2.ª parte—*A ressuscitada*. 1 vol.
- A JANGADA:**
- 33—1.ª parte—*O segredo terrível*. 1 vol.  
34—2.ª parte—*A justificação*. 1 vol.
- AS GRANDES VIAGENS E OS GRANDES VIAJANTES:**
- 35—1.ª parte—*A descoberta da terra*. 1.º vol.  
36—1.ª parte—*A descoberta da terra*. 2.º vol.  
37—2.ª parte—*Os navegadores do século XVIII*. 1.º vol.  
38—2.ª parte—*Os navegadores do século XVIII*. 2.º vol.  
39—3.ª parte—*Os exploradores do século XIX*. 1.º vol.  
40—3.ª parte—*Os exploradores do século XIX*. 2.º vol.
- 41—**A ESCOLA DOS ROBINSONS**, 1 vol.
- 42—**O RAIO VERDE**, 1 vol.
- KERABAN, O CABEÇUDO:**
- 43—1.ª parte—*De Constantinopla a Scutari*.  
44—2.ª parte—*O regresso*. 1 vol.
- 45—**A ESTRELA DO SUL**, 1 vol.
- 46—**OS PIRATAS DO ARQUIPELAGO**, 1 vol.
- MATIAS SANDORFF:**
- 47—1.ª parte—*O pombo correio*. 1 vol.  
48—2.ª parte—*Cabo Matifoux*. 1 vol.  
49—3.ª parte—*O passado e o presente*. 1 vol.
- 50—**O NAUFRAGO DO «CYNTHIA»**, 1 vol.
- 51—**O BILHETE DE LOTERIA N.º 9:672**, 1 vol.
- 52—**ROBUR, O CONQUISTADOR**, 1 vol.
- NORTE CONTRA SUL:**
- 53—1.ª parte—*O ódio de Texar*. 1 vol.  
54—2.ª parte—*Justiça!* 1 vol.
- 55—**O CAMINHO DA FRANÇA**, 1 vol.
- DOIS ANOS DE FÉRIAS:**
- 56—1.ª parte—*A escuna perdida*. 1 vol.  
57—2.ª parte—*A colónia infantil*. 1 vol.
- FAMÍLIA SEM NOME:**
- 58—1.ª parte—*Os filhos do traidor*. 1 vol.  
59—2.ª parte—*O padre Joan*. 1 vol.
- 60—**FORA DOS EIXOS**, 1 vol.
- CÉSAR CASCABEL:**
- 61—1.ª parte—*A despedida do novo continente*. 1 vol.  
62—2.ª parte—*A chegada ao velho mundo*. 1 vol.
- A MULHER DO CAPITÃO BRANICAN:**
- 63—1.ª parte—*A procura dos naufragos*. 1 vol.  
64—2.ª parte—*Deus dispõe*. 1 vol.
- 65—**O CASTELO DOS CARPATHOS**, 1 vol.
- 66—**EM FRENTE DA BANDEIRA**
- A ILHA DE HÉLICE:**
- 67—1.ª parte—*A cidade dos biliões*. 1 vol.  
68—2.ª parte—*Distúrbios no Pacífico*. 1 vol.
- 69—**CLOVIS DARDENTOR**, 1 vol.
- A ESFINGE DOS GELOS:**
- 70—1.ª parte—*Viagens aos mares austrais*. 1 vol.  
71—2.ª parte—*Lutas de marinheiro*. 1 vol.
- 72—**A CARTEIRA DO REPÓRTER**, 1 vol.
- O SOBERBO ORENOCO:**
- 73—1.ª parte—*O filho do coronel*. 1 vol.  
74—2.ª parte—*O coronel de Kermor*. 1 vol.
- 75—**UM DRAMA NA LIVÓNIA**, 1 vol.
- 76—**OS NAUFRAGOS DO JONATHAN**, 1.º vol.
- 77—**OS NAUFRAGOS DO JONATHAN**, 2.º vol.
- 78—**A INVASÃO DO MAR**, 1 vol.
- 79—**O FAROL DO CABO DO MUNDO**, 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND—R. Garrett, 73-75—LISBOA



# “Todos precisamos de tomar Ovomaltine”

A perturbação e ansiedade destes tempos de depressão produz um péssimo efeito sobre a saúde, sendo por isso nesta ocasião que mais devemos pensar em a defender contra todos os perigos. Quando o cérebro, os nervos e o corpo estão em perfeitas condições é muito mais fácil enfrentar as perturbações e as dificuldades com alegria e confiança.

A saúde depende quasi inteiramente duma alimentação correcta e adequada. Os alimentos vulgares, carecem de qualidades nutritivas; elles devem ser acompanhados por um alimento rico em elementos nutritivos.

Para esse fim nada há como a OVOMALTINE; Ela é a conhecida bebida alimenticia que possui correctamente combinados os alimentos nutritivos em grande quantidade. É um alimento original feito de extracto de malte, leite e ovos frescos, das melhores produções suissas.

Velhos e novos, necessitam desta deliciosa bebida para assegurar uma aptidão mental e fisica perfeitas e uma boa saúde.

## OVOMALTINE

é a saúde

DR. A. WANDER, S. A. — BERNE

A venda em latas de 110, 250 e 500 gr., respectivamente aos preços de 8\$50, 16\$00 e 30\$00

Unicos concessionarios para Portugal  
ALVES & C.<sup>a</sup> (IRMAOS)  
Rua dos Correios, 41, 2.<sup>o</sup> — LISBOA

